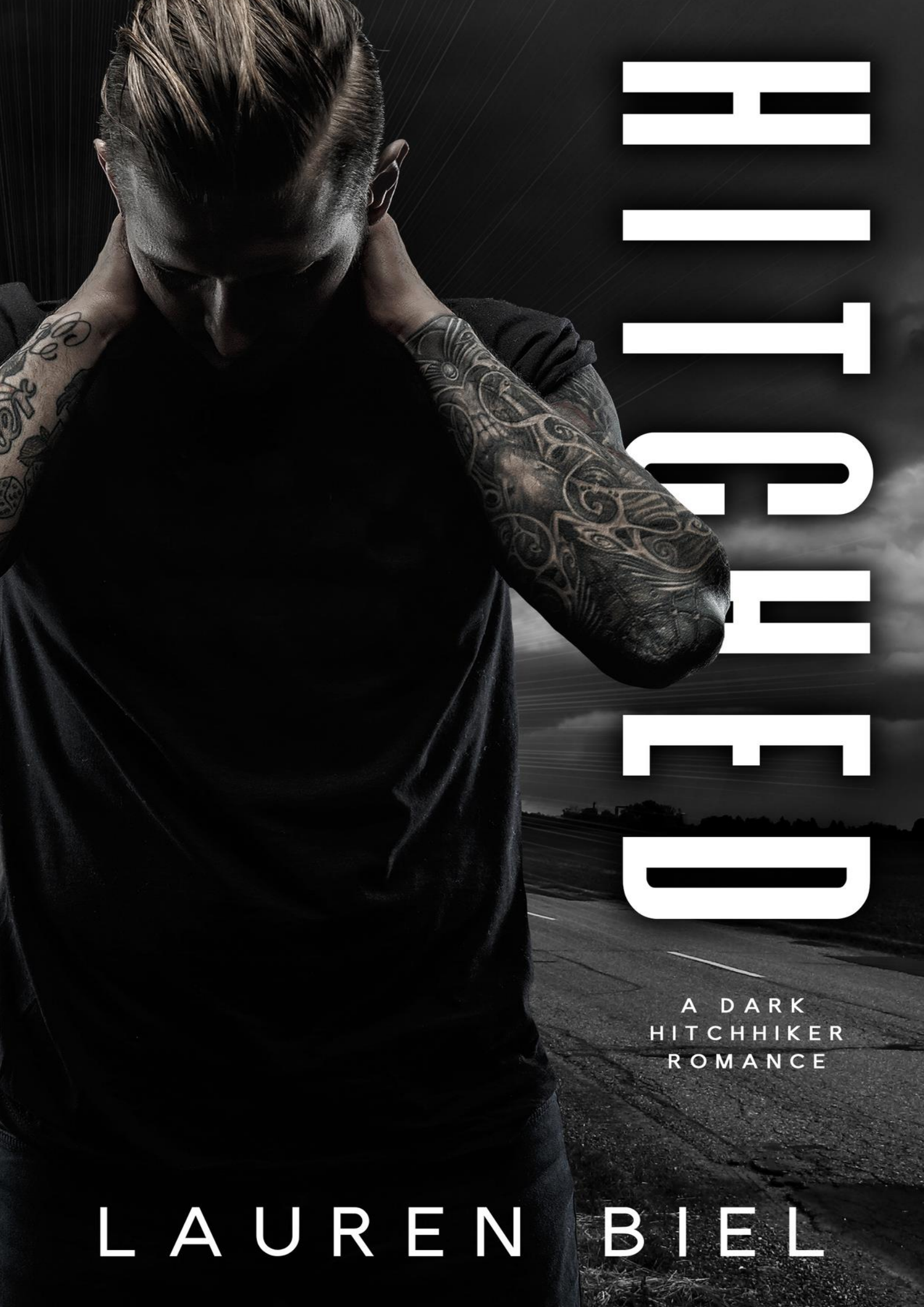


A man with extensive tattoos on his arms and neck is shown from the chest up, holding his head in both hands. He is wearing a dark t-shirt. The background is a dark, moody landscape with a road and a cloudy sky. The overall tone is dark and intense.

HE T O P E

A DARK
HITCHHIKER
ROMANCE

LAUREN BIEL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

HITCHED

RIDE OR DIE, 1

SUN
BOOKS



HITCHED

R I D E O R D I E , 1

A tradução foi efetuada pelo grupo SB, fãs e admiradores da autora, de modo a proporcionar ao leitores e também admiradores o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os aos admiradores, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para seus admiradores adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

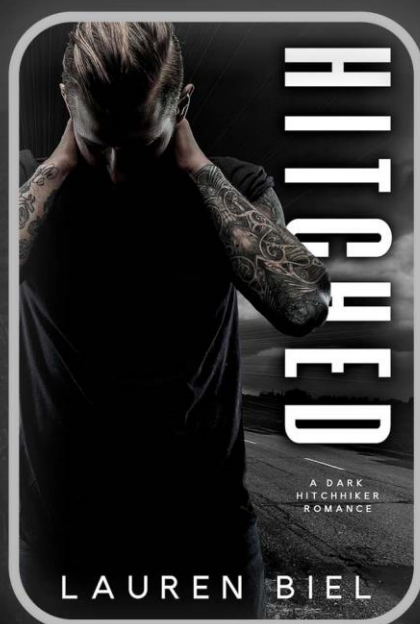
A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo SB poderá, sem aviso prévio e quando entender que necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo SB de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por a

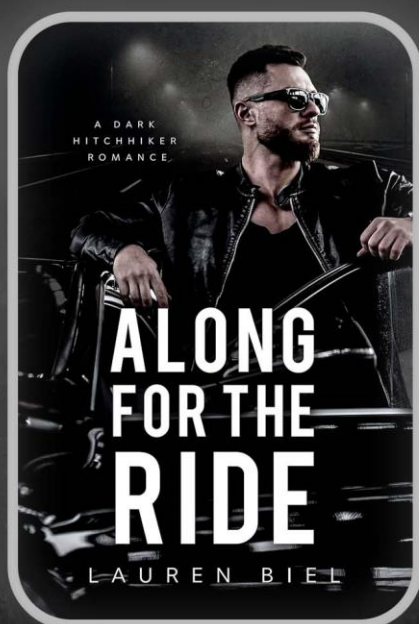
to ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

RIDE OR DIE

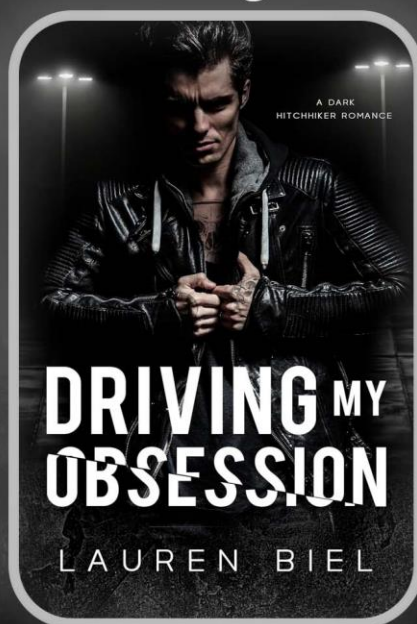
#1



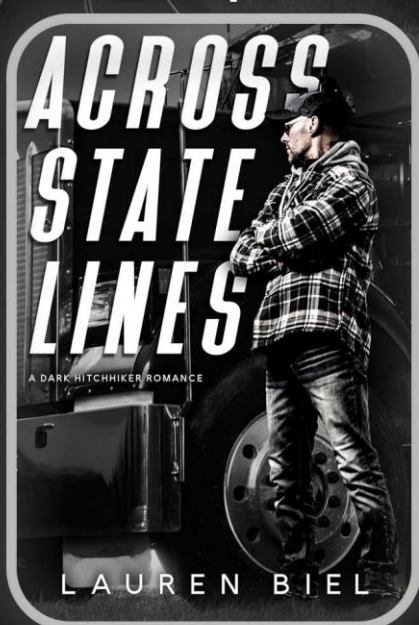
#2



#3

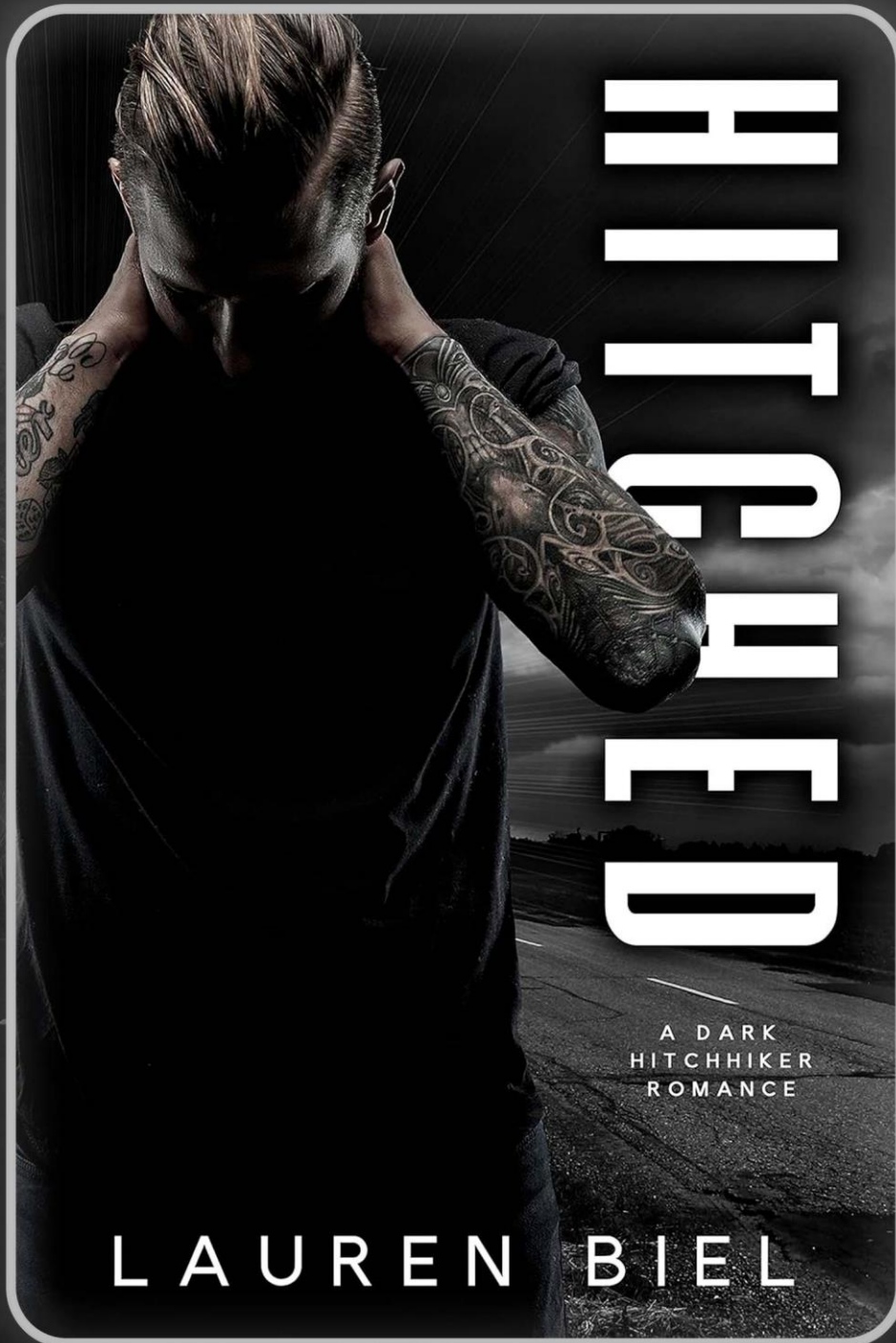


#4



RIDE OR DIE

LANÇAMENTO



HITCHED

SINOPSE

*“Existem dois tipos de pessoas neste mundo: aquelas que param por causa de um estranho na beira da estrada e aquelas que continuam dirigindo.”
O jogo apenas começou, coelhinha. Você está pronta para jogar?*

Lex

A prisão é minha casa pelo resto da minha vida e da minha vida depois disso. Mas eu escapei. Eu saí. Agora estou andando pela beira da estrada sob uma chuva torrencial. De repente, a prisão não parece tão ruim.

Os faróis dançam ao meu redor enquanto um carro para. Quando bato na janela, ela concorda em me dar uma carona. Ela é muito mais nova que eu e ingênua demais para saber que não se deve dar carona para estranhos. Especialmente estranhos que são tão perigosos quanto eu.

Uma pata de coelho balança no espelho retrovisor, um mau presságio que escolho ignorar quando levo ela e seu carro em uma viagem até a fronteira. Mas de alguma forma, ao longo do caminho, ela desperta sentimentos dos quais nunca fui capaz.

Conseguirei chegar à fronteira? Ou será que a coelhinha que enganei acabará me mandando de volta para a prisão, onde pertenço?

GATILHOS

Infidelidade (não entre os personagens), violência doméstica (não entre os personagens), abuso detalhado no passado para ambos os personagens, assassinato, violência, sequestro, ideias suicidas, consentimento duvidoso/não consentimento, tentativa de no-con (não entre os personagens), comportamento sociopata, cena de somnofilia, cena de recheio de pau (sondagem uretral – torção BDSM), torção de degradação, elogio, cuspida, cenas ao ar livre/de carro, brincadeira primal, brincadeira de gozar, coisas de bunda (incluindo anal e oral), voyeurismo, exibicionismo, comportamento ciumento/possessivo, sadomasoquismo

*Este livro é dedicado a todos os meus leitores que nunca mais olharão
para um carona da mesma maneira.*

HITCHED
RIDE OR DIE, 1

CAPÍTULO UM

Lex

Ashver arranha minha pele enquanto a chuva me atinge. Minha camisa gruda em mim, a água pressiona o tecido contra meu corpo. É horrível, mas é melhor do que de onde eu vim. Eu atravessaria um furacão enquanto estivesse me afastando do mundo protegido de onde fugi.

Apesar da chuva piorar a cada minuto, continuo andando. Cada má decisão que tomei me colocou aqui mesmo, na beira da estrada, no meio da noite. Durante uma maldita tempestade.

Outro par de faróis passa por mim e se vai. Eu zombo, exalando gotas de água que grudam em meus lábios. Mas não posso ficar bravo. Eu também não escolheria alguém como eu – um homem grande, robusto e tatuado, por mais perigoso que pareça. Uma ameaça muito real para a sociedade, como me disseram diante de um júri formado por meus pares em mais de uma ocasião. Existem dois tipos de pessoas neste mundo: aquelas que param por causa de um estranho na beira da estrada e aquelas que continuam dirigindo.

Se forem sábias, continuarão dirigindo.

Independentemente disso, estar na beira da estrada, nesta tempestade é melhor do que na prisão. Eu suportaria um tsunami se isso significasse estar fora da porra da minha cela.

Eu tinha *acabado* de recuperar meus privilégios quando escapei. Posso ter exagerado um pouco com a nova liberdade que eles me deram. Levei um metro inteiro em vez de um centímetro, mas sempre fui assim. Homens como eu não merecem liberdade, mas com certeza corremos atrás dela.

Outro carro passa, levantando lama e um barulho torrencial de água ao passar. Fecho os olhos com força e tento me centrar como nos ensinaram na terapia. A *única* coisa útil que aprendi na prisão foi como lidar com as coisas que não posso controlar. Mas odeio perder o controle... agora. Não me importei tanto, pois isso alimentou a violência que me levou à prisão em primeiro lugar. Não me importei quando a perda de controle me fez matar um preso que estava tentando foder outro. Eu realmente não me importava com o homem preso contra a parede. Mas ele me esfaqueou e foi uma oportunidade de pegar o filho da puta com as calças abaixadas – literal e figurativamente. Ele estava muito interessado na refeição à sua frente para me notar ou na camiseta branca que usei para estrangulá-lo. Seu último suspiro não significou nada para mim, porque eu já estava condenado à prisão perpétua.

A melhor parte da vida na prisão é que ela se tornou uma espécie de vale-tudo. Eles continuaram dando mais tempo às minhas frases, mas eu ainda só tinha uma vida inteira para lhes dar. Todo aquele sangue que derramei na prisão foi essencialmente gratuito. Qualquer coisa que eu fiz não me custou nada. Mesmo a minha pequena fuga, não importará.

Vou aproveitar enquanto durar, antes que me empurrem de volta para o isolamento, tendo apenas minha mente fodida como companhia.

E é uma merda.

Selena

Meus dedos tamborilam contra o volante. Eu me inclino para frente, tentando ver o milésimo de segundo após os limpadores passarem antes que a chuva obscureça meu para-brisa novamente. Detesto dirigir na chuva,

especialmente quando há uma chuva torrencial como esta. Meus limpadores não conseguem acompanhar, e o brilho das placas e luzes atrapalha meus olhos. Já é difícil para mim ver à noite sem que as linhas da estrada se fundam com o asfalto coberto de chuva.

Eu paro, piscando minhas luzes de emergência. Vou acabar morrendo no ritmo em que estou indo. Dirigindo cegamente por uma rodovia à noite. Desligo o carro e fico sentada em silêncio. Apenas o barulho da chuva forte contra o carro quebra o silêncio. Ela emite sons diferentes ao colidir com as janelas ou com a estrutura metálica do carro – quase como música.

A neblina sobe pelo capô, arranhando o para-brisa. Há uma batida no vidro e volto minha atenção para a janela do passageiro. Esse som definitivamente não é da chuva. É muito alto e proposital. Meu coração pula várias batidas e sobe até a garganta.

O vento muda e a chuva muda de direção, e é aí que vejo a sombra do lado de fora do meu carro. A mão gigante bate na minha janela novamente. Desligo a ignição e abaixo a janela alguns centímetros. Mesmo com um vão tão pequeno, a chuva desce pela janela e atinge o assento.

— Posso ajudar? — Eu chamo por cima da forte chuva.

— Você estaria disposta a me dar uma carona até a próxima saída? — A sombra pergunta.

Eu olho em volta. A estrada está vazia, com poças profundas de água da chuva em todos os lugares onde meus olhos pousam. Está uma pena lá fora. Dividida entre ser inteligente ou gentil, não respondo. Eu gostaria que alguém me ajudasse se eu estivesse presa na chuva. O trovão cai e me faz pular.

— Senhorita, está tudo bem se você não quiser. — Diz ele com um sorriso. Tudo o que consigo ver na noite escura são seus dentes brancos e uma camisa clara encharcada. — Desculpe desperdiçar seu tempo. Dirija com cuidado. — Ele dá um tapinha no teto do carro e vai embora.

Respiro fundo e o vejo serpentear através do fecho dos meus faróis cortado pela tempestade. Seu brilho fraco me dá um pouco mais de informação sobre ele: ele é um cara grande. Enorme, na verdade, com um

material frágil e úmido abraçando seus músculos. Eu me inclino para frente e o observo enquanto os limpadores fazem outra passagem.

Não, eu me lembro.

Ele nem tem jaqueta, eu argumento de volta. Nada além daquela camisa de manga curta, que está colada em seu corpo, e já faz algum tempo que não há nenhum outro carro na estrada.

Não, Selena, nem pense nisso.

Ele puxa as cordas do meu coração. *Se ele fosse tão mau, não teria ido embora*, racionalizo comigo mesma. Tiro o cinto de segurança, me inclino e abro a porta. O vento empurra minha mão enquanto a água ataca minha pele. Eu me esforço para mantê-la aberta.

— Ei! — Eu chamo. Quando ele não se vira, eu buzino.

Ele para, olha para trás e parece considerar meu convite pelo que parece uma eternidade, enquanto a chuva fria encharca minha pele. Ele segue em direção ao meu carro. Estou tentada a fechar a porta e trancá-la antes que ele chegue, mas me comprometi. Já abri a porta e o convidei para entrar. A pressão do vento sai da porta quando ele a abre e se inclina. A luz do teto emite um brilho suave e consigo ver mais dele. Ele talvez esteja na casa dos quarenta. De perto, sua estatura me intimida mais do que quando ele era apenas uma sombra gigante inclinada para dentro do carro.

Ele parece hesitante, talvez porque eu seja mais jovem que ele. Se ele está na casa dos quarenta, tenho metade da idade dele. Talvez ele não goste da ideia de entrar no carro com alguém tão jovem.

— Você tem certeza disso? — Ele pergunta.

Concentro-me na maneira como seus lábios carnudos escondem uma sugestão de sorriso. Engulo em seco e aceno com a cabeça. Não tenho certeza de nada. Isso não é típico de mim.

Ele se senta, saturando o banco do passageiro. Sinto arrependimento imediato. É um carro novo e não pensei bem nisso.

— Desculpe — ele sussurra quando percebe que estou olhando para o assento agora encharcado.

— Está tudo bem. — Eu digo, tão calmamente quanto posso.

Ele cheira como uma tempestade – um cheiro úmido e poluído que preenche o pequeno espaço. Ele pisca seus olhos azuis para mim enquanto afivela o cinto de segurança e espera meu movimento. Minha mandíbula aperta com a tensão sobre o que eu fiz. Parece errado, e sua boa aparência só piora a situação. Por que alguém que se parece com ele estaria andando pela estrada no meio de uma tempestade? De onde diabos ele veio?

— Nós vamos? — Ele pergunta, me tirando do pânico.

Olho em volta e luto com os movimentos simples de colocar o carro em movimento. Não consigo nem tirar o pé do freio.

— Eu realmente não consigo ver. — eu digo — Podemos esperar?

Seus olhos disparam quando ele olha para trás.

— Eu posso dirigir. — diz ele, e desafivela o cinto de segurança.

Eu balanço minha cabeça. Entregar o controle do carro a um estranho é a definição de má ideia. Já comprometi minha segurança ao deixá-lo entrar no carro, então não vou entregar as malditas chaves.

Ele respira fundo e passa a mão pelo cabelo molhado grudado em sua testa.

— Deus, eu *não* queria ter que fazer isso.

Meu coração dispara assim que as palavras saem de seus lábios. Os cabelos do meu pescoço se arrepiam. Minha visão periférica se transforma em um borrão branco enquanto meu corpo entra em pânico antes que meu cérebro saiba o que diabos está acontecendo. Ele passa a mão pelo cabelo, expondo a tatuagem de uma caveira com um buraco de bala logo abaixo da linha do cabelo.

Sinos de alarme explodem dentro da minha cabeça.

O homem se inclina e puxa algo da parte de trás da calça.

— Ou você dirige ou eu dirijo. — Ele diz calmamente. Mesmo que eu nunca tenha visto uma tão de perto, não há como confundir a arma sinistra em sua mão, mas ele não a aponta para mim até que eu vá até a maçaneta da porta.

— Não faça algo estúpido, linda garota. — Sua voz é suave, quase sensual. Ele não está em pânico, mas seu comportamento calmo está me deixando em pânico.

Retiro minha mão da maçaneta e a coloco no colo.

— Agora dirija.



HITCHED
RIDE OR DIE, 1

CAPÍTULO DOIS

Lex

O medo em seu rosto me faz sentir um momento de culpa pelo que fiz e pelo que terei que fazer. Eu esperava roubar algum pedaço de merda e deixá-los na beira da estrada – provavelmente mortos – mas não, acabei no carro com uma jovem de rosto doce. Não é o ideal, mas é o que é. Não deixarei que o gênero dela afete o que pretendo fazer. Está tudo em movimento e não há como voltar atrás agora.

Pego a pistola que roubei de um simples B&E no caminho para cá. Eu esperava encontrar algum dinheiro, mas isso serviria. Isso vai me render dinheiro, de uma forma ou de outra. Um assalto à mão armada seria apenas mais um item na minha longa lista de crimes. Nesse ritmo, um pergaminho deles chegará na próxima semana e não tenho intenção de evitá-los ativamente. É apenas quem eu sou neste momento.

Um criminoso.

Suas mãos tremem no volante. Há um diamante em seu dedo anelar esquerdo. Eu aperto meus lábios. Casada? Fantástico. Parte de mim espera não ter que tornar o marido dessa garota viúvo, mas a outra parte não se importa se eu fizer isso. Todos são um trampolim no meu caminho para a liberdade. Eu não me importo com quem é. Não me importa quem seja essa garota ou seu maldito marido, aliás.

— Onde estamos indo? — Ela pergunta. A voz dela é tão baixa que quase não a ouço por causa da chuva.

— Continue dirigindo para o sul.

— Não posso. — Seus olhos se arregalam e a respiração sai correndo de sua boca. O medo em seu rosto não vem de mim, o que não faz nenhum sentido. É diferente.

Olho para o pé de coelho roxo pendurado no espelho retrovisor e rio baixo demais para ela ouvir por causa da chuva. Com certeza não é o dia de sorte dela.

— Você não tem escolha. Do que você tem tanto medo, coelhinha?

Seus olhos saltam para os meus e eu aceno em direção ao seu amuleto de boa sorte.

— Você não entende... — Ela balança a cabeça como se não quisesse se explicar para o homem com uma arma no colo, o que é justo.

— Então me faça entender! — Minha voz elevada a faz tremer ainda mais, e o carro dá uma guinada na estrada. Quando ela balança a cabeça novamente, eu me inclino e coloco a mão em sua garganta. Ela grita quando minha pele quente a envolve, mas eu não aperto.

— Estou perguntando mais uma vez, coelhinha. Do que você tem medo? Além de mim — Ela se sente tão pequena e vulnerável ao meu alcance.

Seus olhos escuros se arregalam e ela solta um suspiro hesitante.

— Ele vai me matar — ela sussurra. As palavras passam por seus lábios, como se lhe doesse dizê-las.

Meu queixo treme. Quem deixou essa garota tão assustada? Quem ela teme mais do que o criminoso fugitivo ao seu lado?

Eu me lembro porque estou lá, em primeiro lugar. A vida pessoal dela não importa para mim — Não é problema meu. Você vai dirigir para onde eu mandar e então estará livre para ir.

Sua garganta balança contra a palma da minha mão enquanto ela engole, e ela faz questão de olhar para a estrada à sua frente.

— Essa é uma boa garota. — Afasto minha mão e deixo meus dedos rastejarem por seu pescoço, quase alcançando seus seios antes de me afastar. Não posso deixar de roubar este momento. Já faz tanto tempo desde que

toquei uma mulher. Ela tem sorte de eu ter mais controle do que há uma década. A viagem teria sido muito diferente. E me sinto muito melhor.

Selena

Estou tão exponencialmente fodida. Eu não deveria ter permitido que ele entrasse no meu maldito carro. Ele está fugindo *de* alguma coisa, mas eu preciso correr para casa, *para* alguma coisa. O relógio no painel mostra a hora, marcando ameaçadoramente as nove.

Meu telefone toca e o nome dele aparece na tela. Meus dedos correm para ignorar a ligação, mas o homem ao meu lado agarra meu pulso e aperta o botão de atender. Olho para ele e balanço a cabeça. Ele aperta meu pulso com mais força.

— Selena? — A voz sai do alto-falante do carro. Estou congelada de medo. O homem ao meu lado dá um tapa na minha bochecha com força suficiente para me fazer voltar ao presente, e só posso torcer para que meu marido não o ouça.

— Oi... olá, desculpe, má recepção por causa da chuva. — Eu digo, minha garganta apertando.

— Por que você não está em casa?

— Tive que parar por causa da chuva. Eu não conseguia ver nada na minha frente.

— Você sabe que isso não é verdade. Estou monitorando o rastreador do seu telefone. Você está indo na direção errada. — Acusações se escondem em suas palavras, como se ele pensasse que eu fugiria dele. Eu nunca seria capaz.

O rosto do homem se contrai. Ele pega meu telefone do suporte no painel, deixa-o cair no chão e o quebra com a bota. Minha boca fica aberta quando a gravidade disso me atinge.

— Rastreando você? — Ele pergunta enquanto balança a cabeça, o que é realmente um julgamento pra caralho para um homem que está me mantendo sob a mira de uma arma.

— É complicado.

Ele olha para mim antes de baixar o olhar.

— Dirija, coelhinha. — Ele aponta para frente com o cano da arma.

Coelhinha? Eu *odeio* que ele me chame assim. Não quero um apelido dele. Quero gritar com ele e dizer para me chamar de Selenia ou nada, mas quando abro a boca, as palavras ficam presas na minha garganta. Tenho um vislumbre de sua mandíbula forte e percebo que ele provavelmente não se importaria se eu dissesse que odeio esse nome. Não sei nada sobre ele, mas ele não parece ser do tipo compreensivo. Ele parece um psicopata que está me julgando pelas minhas escolhas de vida, mas não sou eu quem está roubando uma mulher para escapar do que quer que seja. Correndo.

HITCHED

RIDE OR DIE, 1

CAPÍTULO TRÊS

Lex

Essa garota não para de roer a porra das unhas enquanto entramos no estacionamento de um motel decadente, cerca de uma hora ao sul de onde ela me pegou. Está escuro e a chuva se recusa a parar. O som ritmado da chuva e o clique constante das unhas nos dentes estão me deixando louco. Neste ponto, quero cortar seus dedos para acabar com o barulho incessante.

— Pelo amor de Deus, pare! — Eu grito. Ela lentamente tira a mão do rosto e a coloca de volta no volante.

Obrigado, porra.

Enfio a pistola na parte de trás da calça de moletom e a cubro por baixo da camiseta. A chuva nos atinge no momento em que saímos do carro. Quando chegamos sob o toldo de vinil barato, eu a puxo para mim, me inclino e sussurro em seu ouvido.

— Não faça nada estúpido, coelhinha.

— Pare de me chamar assim. — ela retruca em um sussurro áspero.

— Vá em frente, coelha. Salte. — Eu belisco seu lado, e ela dá um passo apressado para frente com um rubor de raiva nas bochechas. Não quero lidar com ela mais do que ela quer lidar comigo. Seria mais fácil e tranquilo matá-la e levar seu carro. Quando alguém encontrar o corpo dela, estarei no México.

Ela ainda não fez nada para me levar a esse ponto, mas isso nunca estaria totalmente fora de questão.

Entramos no saguão e uma campainha toca no alto. O papel de parede luta para manter a aderência nas paredes, e o que ainda está intacto está preto

de mofo. Eu olho para Selena. Está claro que ela nunca esteve em um lixão como este antes. Ela está vestindo um blazer e calça levemente úmidos, pelo amor de Deus. Ela parece limpa e profissional. Eu com certeza não.

Um velho esquisito sai cambaleando da sala dos fundos. Seus olhos saltam entre nós. — Posso ajudar vocês? — Ele pergunta com uma testa grisalha franzida.

— Precisamos de um quarto para passar a noite. — Digo.

— Tudo bem. Só precisamos de um documento de identidade com foto e um crédito...

— Nós precisamos... de um quarto. — Mantenho minha voz baixa e suave enquanto passo meu braço em volta de sua cintura. Seus lábios se apertam ao meu toque, e espero que ele não perceba que ela claramente não está aqui por escolha própria. Não preciso de outra morte em minhas mãos tão cedo.

Um olhar de compreensão toma conta do rosto do homem, e o calor inunda suas bochechas quase tanto quanto as dela.

— Oh, esse tipo de quarto. — Ele gira a cabeça para olhar para a sala dos fundos. — Oitenta dólares em dinheiro bastam — diz ele com um sorriso sedutor. Seus olhos percorrem seu corpo e transbordam de fome, e fico tentado a arrancá-los e dar a ele algo para comer que não seja dela.

Eu limpo minha garganta. Quando Selena não mostra sua carteira, eu belisco sua lateral novamente. Ela solta um pequeno grito e tira dinheiro da bolsa.

O homem inclina a cabeça.

— Você está bem, senhorita?

Aperto sua cintura mais perto da minha.

Ela dá ao homem um sorriso falso.

— Sim, apenas nervosa. É a minha primeira vez aqui.

— Espero que não seja a última. — diz ele com um sorriso grosseiro.

Cravo minhas unhas na lateral dela. Ela não fez nada de errado, mas ele está sendo um porco. No esquema geral das coisas, não sou muito melhor, mas pelo menos sou sutil ao reservar um momento para verificar suas curvas.

Quando ela penteia o cabelo escuro para trás e prende algumas mechas atrás da orelha, noto um tom rosa arroxado em seu pescoço recém-exposto. Seus lábios estão tensos e sua mandíbula está tensa. Ela parece tão desconfortável, o que eu acho que é uma resposta normal para pessoas normais quando são levadas contra a vontade.

A chuva continua batendo no asfalto quando saímos do saguão. Há um silêncio sinistro sob seu tamborilar suave. Um silêncio pesado sob a chuva. Ela se prepara contra o clima e se apressa, seus olhos passando de uma porta numerada para outra, até que ela passa em nosso quarto. 306. O seis está faltando, mas claramente existiu em algum momento. Posso dizer pelo contorno sujo que resta. Destranco a porta e a deixo entrar.

Seus dedos se movem para cobrir o nariz e não posso culpá-la. Um buquê perfumado de mijo velho nos cumprimenta, e os lençóis parecem ter passado pela mesma máquina de lavar nos últimos dez anos. O edredom puído provavelmente está lá desde 1963, mas a televisão na cômoda empenada parece um modelo mais novo. As manchas no carpete preenchem a lacuna entre décadas, acumulando-se ao longo dos muitos anos desde que esse buraco de merda foi construído. Uma barata corre ao longo do rodapé. Ela faz uma pausa e parece avaliar Selenia com o mesmo horror exibido em seus ricos olhos castanhos.

Pela expressão em seu rosto e pela curvatura de seus lábios, ela nunca esteve em um quarto de motel como este. Deixo-me cair no edredom áspero coberto de padrões florais horríveis. Não importa que tipo de cama seja, tem que ser melhor que a da minha cela. O colchão solta um grito alto quando eu recuo e me encosto na cabeceira da cama.

— O que há de errado, coelha? Não está de acordo com seus padrões? — Eu pergunto, mas já sei. Essa garota nunca passou uma noite em um hotel menos de três estrelas, tenho certeza disso. Se ela estiver realmente passando por dificuldades, ela pode ter se encontrado em dois, mas definitivamente não é isso. Eu nem tenho certeza se você pode dar uma única estrela a um lugar como este.

Ela suspira, tira a jaqueta e pendura-a em um gancho. O metal se arranca da parede e deixa cair seu blazer caro no chão imundo. Ela pega sua amada peça de alta costura com a mão trêmula e a afasta de si como se fosse pegar uma doença só de olhar para ela.

— Nojento — ela sussurra.

— Coelhinho de show chique. — Eu digo com uma risada.

Seus olhos disparam para mim e se estreitam.

— Foda-se. — Enquanto ela cospe as palavras, suas sobrancelhas franzem de surpresa com sua explosão. Está claramente preso em sua garganta há algum tempo. Sua frustração me deixa duro em um instante. Deus, ela fica fofa quando está brava.

Eu ajusto a frente da minha calça. Não quero que ela me veja com duro, porque se ela ficar com medo... assim... Não serei capaz de me impedir de fazer algo de que não *me* arrependerei. Estou tentando me comportar perto dela, mas me comportar nunca foi meu forte, como meu histórico mostra. Nem sei por que estou tentando ser bom. Por que isso importa?

Eu tive pais fodidos — uma prostituta drogada como mãe e um doador de esperma ausente como pai. Posso não tê-lo conhecido, mas se ele fodeu minha mãe, provavelmente também estava fodido. Eu estava dentro e fora do sistema desde que conseguia andar. Nunca conheci nada além da dor.

E eu não infligi nada além de dor.

Ela entra no banheiro e grita com alguma coisa lá dentro. Levanto-me para ver o que ela está fazendo e vejo uma camisinha usada caída sobre o balcão. Vou dar uma chance a ela. É muito nojento, mas também vi intestinos de um homem caídos na pia de uma prisão, então..... Na verdade, parece estranhamente semelhante, mas em vez de estarem cheios de gozo, os intestinos estavam cheios de sangue.

Ela recua contra meu peito, se debatendo no momento em que meu corpo para de se mover. Em pânico, ela salta para longe, porque seguir em frente significa enfrentar a ameaçadora camisinha. Seus olhos vão do banheiro para mim e vice-versa, como se ela estivesse tentando descobrir o que é mais

repulsivo. Coloco um braço em volta de sua cintura para empurrá-la para o lado, e ela estremece.

— Relaxe. — eu sussurro — Agora você está pulando como um coelho de verdade. — Passo por ela e seguro a ponta fina do papel higiênico entre os dedos. O suporte enferrujado range em protesto quando puxo. Depois de conseguir o suficiente para criar uma barreira para meus dedos, jogo a camisinha no lixo.

— Tudo melhor. — Eu digo balançando a cabeça enquanto me afasto dela.

A expressão atordoada permanece em seu rosto. Já vi merdas muito piores do que essa na prisão, e será preciso mais do que uma pequena camisinha para me deixar nervoso.

Ela sai do banheiro como um cirurgião que acabou de se esfregar, evitando qualquer contato com o ambiente. Esfrego a ponte do nariz. Estou exausto. Ela também tem que estar.

Mesmo parecendo tão desgastado quanto ela, ela ainda parece deslocada. Como uma rosa crescendo no meio de um aterro sanitário. Linda, mas cercada de lixo. Ela se senta na cadeira frágil enquanto eu pego minha pistola nas costas e a coloco no quadril antes de ir para a cama e puxar as cobertas rígidas sobre mim. Ela cruza os braços desafiadoramente sobre o peito.

— Vamos. — Levanto o cobertor do outro lado do colchão queen e aponto para ela. Dobro o cobertor, torcendo para que ela não perceba a mancha clara bem no meio de um dos padrões de flores, como se quem fez isso tivesse apontado direto para ele.

Ela volta sua atenção para mim, sua coluna se endireitando até parecer ter o dobro de sua altura.

— De jeito nenhum — ela diz balançando a cabeça.

— Eu não perguntei a você. Não é uma pergunta. — Eu levanto minha voz — De que outra forma saberei se você tentar sair?

Ela zomba.

— Pode ser temporada de caça, se você quiser, coelhinho. — Pego a arma no quadril, mas não preciso sacá-la.

Ela solta um longo suspiro, levanta-se da cadeira e sobe na cama como se estivesse rastejando para dentro de um caixão. Eu luto contra uma risada. Ela não sobreviveria a uma noite na prisão. Nem uma única noite. Ela teria um ataque cardíaco quando eles tirassem sua linda bunda antes de procurar em cada buraco por contrabando escondido. Eu sorrio com a ideia e finjo que seria eu quem revistaria seu corpo.

Ela fica o mais longe possível de mim, quase caindo da lateral da cama para não me tocar. Ela olha para o teto rachado e manchado, os braços cruzados sobre a barriga como se estivesse ensaiando seu próprio funeral. Uma lágrima brota e escorre pelo canto do olho. Eu me pergunto para que servem as lágrimas.

É o quarto? A situação? Ou o que quer que esteja esperando por ela em casa?

Selena

O quarto me incomoda e o homem ao meu lado me enoja, mas não consigo tirar minha mente do meu marido. Levanto a manga da blusa e esfrego o hematoma doloroso no pulso direito. O estranho se inclina e passa um braço sobre mim, e eu estremeço quando ele roça o hematoma que atravessa meu abdômen. Agarro seu pulso para empurrá-lo de cima de mim, mas ele me puxa para ele antes que eu possa. Meu corpo fica tenso, os cabelos da minha nuca se arrepiam. Preocupo-me por um momento com a possibilidade de ele tentar dormir comigo, mas ele mantém a virilha afastada do meu corpo.

Odeio estar na cama com ele, mas não tenho tanto medo dele quanto deveria. O verdadeiro diabo espera em casa. Se esta aventura não terminar

numa sentença de morte, o meu regresso a casa terminará. Bryce vai me matar.

Pelo menos, o homem ao meu lado faria isso rápido, ao contrário do meu marido.

— Boa noite. Não deixe os percevejos morderem. — diz ele com uma risada. Estremeço ao pensar naqueles rastejadores assustadores.

— Você poderia, pelo menos, me dizer seu nome? — Pergunto, sabendo que não vou adormecer tão cedo, especialmente com os insetos imaginários rastejando em cima de mim agora. Ou insetos reais. Os reais parecem mais plausíveis.

— Claro. — Ele diz. O sono pontua sua voz — Só não esta noite. Vá dormir, Selenia. Temos uma longa viagem amanhã.

Não sei como adormeci ou quando me aninhei nele, mas quando acordo e percebo que o calor contra meu corpo é dele, pulo para fora da minha pele. O pânico me sacode profundamente e eu me afasto da cama. Sem fôlego, pego minha jaqueta e corro para a porta. Não tenho ideia do que farei se conseguir, mas não posso perder esta oportunidade. Pode ser minha única chance.

Um som metálico soa e paro com a mão ainda segurando firmemente a maçaneta da porta. Olho para trás e encontro seu olhar sombrio e perigoso. Sua pistola está apontada para mim.

Fui estúpida em pensar que poderia fugir dele. Três elefantes com infecção sinusal respiram mais silenciosamente do que eu quando entro em pânico, e provavelmente também ficam mais furtivos quando saem da cama.

Meu estômago se revira de medo e solto a porta, deixando cair as mãos sem vida ao lado do corpo. Ele sai da cama, nunca deixando o cano cair de mim. Ele dá um passo em mim e segura meu cabelo. Eu choramingo contra seu aperto áspero e alcanço seus pulsos.

— Eu estava tentando ser legal com você, coelhinha.

— Desculpe. — Eu me esforço para pronunciar as palavras. Sinto muito, entretanto? Não sinto muito por tentar, mas deveria ter diminuído o ritmo e me forçado a ficar quieta como o coelhinho que ele pensa que sou.

Suas narinas se dilatam, sentindo o cheiro do meu medo enquanto ele me puxa para seu corpo. Sua mão sobe pela minha barriga, serpenteia entre meus seios e para na minha garganta. Eu me esforço contra seu toque enquanto ele aperta e ameaça bloquear o ar de chegar aos meus pulmões. Meu peito pesa contra sua mão enorme. Ele geme e se inclina, enterrando o rosto na curva do meu pescoço, inalando meu cheiro como um canalha certificável.

— Você não tem ideia da força de vontade necessária para me impedir de tocar em você.

— Eu sou casada. — Eu sufoco. Ele não parece ser do tipo que se preocupa com a santidade do casamento. Ou leis. Ou a vida humana. Vale a pena tentar, no entanto. Qualquer coisa. Incluindo minha fuga, eu acho.

— Você realmente acha que isso importa? — Sua respiração aquece meu ouvido.

Eu engulo em seco.

— Por favor, não.

— Algo me diz que seu marido não merece alguém como você. — Suas palavras gentis contradizem sua voz áspera.

Ele está certo, no entanto.

Bryce não me merece, mas eu não tive escolha. Foi um acordo não oficial entre nossas famílias — na melhor das hipóteses, uma transação comercial e, na pior, meu pesadelo. Os hematomas que pintam minha pele me lembram o quanto ele assombra meus sonhos. Não apenas meus sonhos, mas minha realidade.

— Ele merece você? — Ele pergunta enquanto beija meu pescoço. Seu carinho me sufoca mais do que sua mão em minha garganta. Prefiro ter a mão dele na minha boca do que no meu pescoço. Prefiro que ele me mate agora do que tente dormir comigo.

— Se você fizer o que está pensando em fazer, estou morta. — Digo a ele. É verdade. Mesmo que eu não acabe sete palmos abaixo de alguma sepultura sem identificação, cortesia desse homem, se eu voltar para casa, para meu marido, acabarei assim, se esse homem me usar. Meu marido saberá. Ele sempre sabe tudo.

— Você disse que ele iria te matar de qualquer maneira. — Ele diz enquanto envolve a mão em volta da minha garganta mais uma vez e me empurra contra a parede. — Então por que não me deixa te foder?

Minha garganta aperta com suas palavras, não com seu toque.

— Diga-me, coelhinha. Com quantos homens você já esteve? — Seu polegar roça meu queixo.

Balanço a cabeça e ele aumenta a pressão na minha garganta.

— Só ele. — Eu sussurro.

Eu deveria ser virgem para meu marido. Não foi uma coisa religiosa. Era uma exigência comercial.

— Você quer ficar com um homem pelo resto da sua vida? O que sobrou dele, pelo menos.

Tento acenar com a cabeça, mas sua mão me impede de me mover.

— Sim. — Eu digo.

Mas é claro que não. Não tenho gostado de sexo desde... sempre. Eu apenas aceitei que ele seria meu primeiro merda e meu último insuportável. Não tive escolha a não ser aceitar que aquela era a minha vida agora.

Ele rosna, apoia seu peso em mim e coloca a pistola nas costas. Sua mão sobe pela minha coxa. Minha respiração falha e lágrimas brilham em meus olhos.

Sou uma esposa fiel. Sempre fui fiel, apesar de tudo. Uma lágrima escorre pela minha bochecha enquanto pisco.

Ele sopra uma respiração frustrada contra a minha pele.

— Guarde minhas palavras, coelhinho, vou *te* foder. — Ele rosna — Se não agora, mais tarde. Talvez amanhã. Mas para esta pequena proeza, terei

you abaixo de mim — Seu polegar acaricia a frente da minha calça enquanto sua mão cai para o lado do corpo.

Estou intocada. Por mais um dia, pelo menos.

HITCHED
RIDE OR DIE, 1

CAPÍTULO QUATRO

Lex

O sol forte perfura as nuvens e o interior do carro está quente ao toque quando saímos do motel. Começamos a dirigir e o barulho da estrada abre caminho para que eu me perca em pensamentos. Não posso deixar de me sentir fraco. Não coloco a mão em uma mulher há uma década. Dez longos anos se passaram sem tocar a pele delicada e viciante. Dez anos atrás, eu teria levado Selenia para o motel e aproveitado cada momento horrível, mas estou sendo fraco pra caralho agora.

Algo nela parece tão quebrado, e eu não quero quebrá-la ainda mais, o que é estúpido. Tendo sempre sido escravo dos meus impulsos, nunca me importei em profanar uma mulher antes. Está tomando tudo de mim, mas não quero adicioná-la à minha lista de vítimas. Mas isso importa? Não é como se eu pudesse deixá-la sair viva depois que ela me deixasse. Não terei escolha a não ser quebrá-la da pior e mais definitiva maneira.

Viro minha cabeça para olhar para ela e cada centímetro dela fica tenso. Ela não fala comigo desde que ameacei colocá-la embaixo de mim no motel. Ela precisa entender que não é apenas uma ameaça, é uma promessa. Ela tinha uma regra: evitar fazer algo estúpido, como tentar ir embora. Ela quebrou essa regra, então agora tenho que quebrá-la.

— Você era um coelhinho mau. — Eu digo. Quanto mais penso sobre sua fraca tentativa de fuga, mais minha frustração cresce. Seus lábios se apertam e ela se recusa a olhar para mim. — Você sabe disso, não é?

— Deixe-me em paz. — Ela retruca.

Putinha tagarela. Respiro fundo e me inclino para mais perto dela. Esfrego minha mão em sua coxa, apreciando a maneira como seus músculos se contraem ao meu toque.

— Se você continuar me tocando, eu vou nos direcionar para o trânsito em sentido contrário.

— Não, você não vai, doce coelha. — Eu sussurro. Eu digo que ela está blefando e passo a mão pela parte inferior de sua barriga e a deslizo na frente de sua calça. Quando ela agarra meu pulso para me parar, ela desvia da linha central — Concentre-se na maldita estrada. — Rosno enquanto arranco a mão dela do meu pulso e a coloco no volante. Sua direção maníaca vai nos fazer ser pegos, o que provavelmente é o que ela quer. Eu não posso permitir isso. — É melhor que essas mãos não saiam do volante.

— Por favor, não. — Ela implora. O desespero genuíno transparece em suas palavras tensas. Isso me deixa duro como o inferno. E é por isso que estou fodido. Eu amo o quanto ela *quer* que eu pare, *precisa* que eu pare.

— Por favor, não faça o quê?

— Toque-me. — ela sussurra.

Eu sorrio para ela, afundando meus dedos mais abaixo.

— Tocar em você onde?

Ela pisca para afastar uma lágrima.

— Lá embaixo.

Eu zombo. Eu quero ouvi-la dizer isso. Quero que ela me diga exatamente o que ela não quer, para que eu possa fazer exatamente isso.

— Você é uma mulher adulta, coelhinha. Use suas palavras. Diga-me o que você não quer que eu toque e por quê.

Ela não fala. Não estou com disposição para esses jogos.

— Por que você não quer que eu toque na sua boceta? — Dou a ela mais uma chance de responder antes de dizer foda-se e fazê-la encostar para que eu possa tomá-la como ela não quer ser levada.

Ela respira fundo.

— Não toque na minha *boceta*. — Ela sussurra a palavra — porque sou casada.

Eu mantenho minha mão contra o calor de sua pele sob a cintura, logo acima de seu monte macio. Estou com raiva. Quero colocar minhas mãos nela, afundá-las e foder sua boceta com meus dedos. Mesmo assim, considero sua declaração e seu desespero para preservar a santidade de seu casamentozinho fodido.

E eu desconsidero isso de todo o coração.

Eu abaixo minha mão e apalpo sua boceta. Ela engasga com o meu toque, e não de um jeito bom. Ela realmente esperava que eu parasse, o que é hilário. Nada me impediria de colocar minha mão nela. Ela tinha que saber disso.

— Eu não vou brincar com você, coelha. Só vou segurar minha mão aqui. — Tento acalmar o pânico que sobe e desce de seu peito com minhas palavras. Seguro a minha mão contra a sua boceta quente, com dois dos meus dedos deslizando entre a costura fechada dos seus lábios e descansando ali. Eu me deleito com seu medo enquanto ela tenta dirigir e ignora minha mão. Ela fica cada vez mais molhada a cada solavanco na estrada. Ela incha sob meus dedos e sinto os contornos de seu clitóris enquanto seu corpo responde contra sua vontade.

— Quantos anos você tinha quando se casou? — Eu pergunto, decidindo que ela poderia estar mais disposta a conversar com seu clitóris inchado sob meus dedos.

— De...zoito.

— Jovem coelhinha, hein? — Minha respiração rola sobre seu peito e ela estremece. Eu sinto isso na ponta dos meus dedos.

— Ele foi o único a fazer você gozar?

Seus lábios se apertam e ela se recusa a me responder. Mas eu sei. Seu corpo responde às minhas palavras tão bem. Sua excitação quente e escorregadia cobre meus dedos, e eu luto contra a vontade de girar as pontas dos dedos em torno de seu clitóris e fazê-la gozar contra minha mão.

— Se você não me responder, eu vou tocar em você. — Eu rosno. Ela se recusa a responder, então enrolo meus dedos contra ela. Ela estremece.

Eu a avisei que jogaria se ela não o fizesse.

— Sim, ele foi o único que me fez gozar. — Ela sussurra com uma pitada de derrota.

— Você não quer que outra pessoa faça você gozar? Você não quer saber como é ter outro homem dentro de você?

Ela balança a cabeça.

— Eu não quero outro homem.

— O que ele faz com você? — Eu mantenho meus dedos ainda contra seu clitóris.

— Não me faça falar sobre isso. — Seu olhar vai para o volante e ela tenta fingir que está em qualquer outro lugar. Mas ela não está em nenhum outro lugar. Ela está em seu carro, comigo ao lado dela e minha mão em sua boceta perfeita.

Selena

Seus dedos permanecem entre minhas pernas, aquecendo mesmo quando estão imóveis. Seu aperto é seguro quando sua mão se curva para me segurar. Eu respondi às suas perguntas. Bem, eu respondi *o suficiente* de suas perguntas.

Não quero falar sobre isso com ninguém, mas principalmente com *ele*. Já é doloroso o suficiente lembrar o dia em que minha vida mudou para sempre. O dia em que descobri a quem me prometeram. Eu sabia que tipo de pessoa Bryce era e como era sua família. Eu sabia que viveria uma vida regrada

HITCHED

RIDE OR DIE, 1

sob seu controle e que nunca mais seria feliz. Eu esperava que ele observasse cada movimento meu. Mas eu não tinha previsto a violência. Ele é um bêbado raivoso, assim como seu pai. Os hematomas em meu corpo contam uma história que tento esconder sob as roupas e não estou pronta para contar. Não posso discutir meu casamento ou meu marido com esse estranho.

Ele nem me diz seu nome, então não, não vou contar nada a ele, mesmo enquanto seus dedos me provocam.

Eu balanço minha cabeça.

— Não estou falando sobre isso. — digo, o mais firmemente que posso, com a mão dele me espalmando.

— Se não fizer isso, farei você gozar, coelha. — Eu sei que ele está falando sério pela dureza de seu olhar e pelo grunhido selvagem que sai de seus lábios quando ele diz meu apelido.

Eu penso sobre isso. Considero dizer-lhe algo para acalmá-lo, mas não consigo pronunciar as palavras para descrever meu abuso. Eu nem sequer cheguei a um acordo com o que passei. Antes que eu possa inventar uma mentira, seus dedos dançam contra meu clitóris, que começa a pulsar contra a minha vontade. Meu estômago aperta com seu toque.

— Ele não... faz... qualquer coisa para mim. Ele é apenas... controlado. — Eu digo através de respirações que estão se tornando muito agudas para serem controladas.

— Você está mentindo para mim. — Ele inclina seu peso em mim e me esfrega mais rápido. Seu polegar desliza contra meu clitóris, para frente e para trás, e eu luto contra cada gemido que sobe em minha garganta. Ele não os merece.

Meu coração bate contra a parede do meu peito. Não quero que ele me liberte, mas também não quero que ele discuta meu casamento. Meu inferno em casa. Não sei dizer o que é pior. Ambas são opções terríveis que eu não quero.

Luto contra o calor atrás dos meus olhos e abro as pernas um pouco mais para ele.

— Você prefere vir do que me contar sobre seu casamento? — Ele pergunta com uma sobrancelha levantada.

Desvio o olhar da estrada e aceno com a cabeça, lento e inseguro.

— É justo, coelhinha. — diz ele enquanto eu agarro o volante. Ele esfrega contra meu clitóris novamente antes de me abrir. Ele desliza dois dedos dentro de mim, depois retira a mão e esfrega minha umidade involuntária no clitóris. Estremeço quando meu corpo responde ao seu toque. É tão bom e isso me faz sentir tão mal. Tão culpada.

Um pequeno gemido sai dos meus lábios e escurece seus olhos.

— Isso é bom? — Ele pergunta, mesmo sabendo. Ele percebe pela forma como estou perdendo o controle do meu corpo. Minha pélvis se inclina contra a minha vontade. Concordo com a cabeça, mas não é suficiente para ele.

— Diga-me com suas palavras. — Ele circula ao redor do meu clitóris antes de roçá-lo entre cada toque de seus dedos.

— É uma sensação boa. — Eu choramingo.

— Eu te direi meu nome se você vier. — Ele mergulha os dedos em mim novamente — Você quer saber meu nome, coelhinho?

— Sim. — Eu ofego a palavra. Estou traindo meu marido. Estou me traindo. Mas ele vai me fazer gozar. Sinto-o fermentando entre minhas pernas, subindo até minha barriga. Balanço meus quadris e esfrego sua palma enquanto deixo minha moral no limite.

Meu corpo fica tenso, cada músculo dolorido para ser liberado. Eu me esforço para manter meus olhos na estrada a cada movimento dos meus quadris. Ele me fode com os dedos e eu gozo contra sua mão. Ele rosna quando sente meu espasmo ao seu redor, com a contração do meu clitóris. Estremeço e tento segurar o volante.

— Meu nome é Lex. — ele sussurra em meu ouvido, seu hálito quente deixando arrepios na minha pele. Ele tira a mão da minha calça e coloca os dedos na boca. Me provando. Ele passa os dedos cobertos de saliva pelos meus lábios. Meu estômago aperta. Não quero gostar do que está acontecendo. Tudo dentro de mim me diz para não fazer isso.

Mas a maneira faminta com que ele olha para mim me faz querer que isso aconteça novamente.



HITCHED
RIDE OR DIE, 1

CAPÍTULO CINCO

Lex

Ela está tão brava comigo. Ou consigo mesma. Ela gostou do meu toque e odeia isso. Mas eu adorei fazê-la gozar em meus dedos. Seu corpo reagiu a mim como se ela não tivesse experimentado aquele toque em casa. Ela provavelmente não experimentou. Ela provavelmente não teve muito toque positivo em sua vida.

Depois de senti-la gozar em meus dedos, quero entrar ainda mais nela. Quero senti-la apertar à volta do meu pau. Quero encher a boceta casada dela com o meu gozo.

Ajusto a frente da minha calça sem chamar a atenção dela. Adoro saber que ela está encharcada, sentada no banco, onde meus dedos a arrancam. Ela está tão brava com isso que suas sobrancelhas estão permanentemente franzidas neste momento. Ela odeia a umidade quente e pegajosa que vem de alguém que não é seu marido.

Veio de mim.

Um criminoso sombrio e sujo.

A sombra negra ao lado dela.

Meus olhos permanecem em suas calças e sorrio ao pensar em como elas provavelmente estão molhadas. Já estamos dirigindo há algumas horas, mas ainda temos muito mais pela frente. Eu deveria deixá-la se trocar, e também não me importo com a ideia de tirar essas calças de moletom da prisão.

— Pare aqui. — Digo a ela. Ela entra no estacionamento de uma pequena loja de segunda mão.

Quando entramos no prédio, uma senhora idosa, atrás de uma caixa registradora, levanta os olhos de uma revista e nos dá uma olhada rápida antes de retornar ao seu artigo. Olho para Selenia para ter certeza de que ela não tentará nada idiota, mas ela não faz nada. Boa menina.

Pego um par de jeans, em um longo cabideiro, no centro da loja, animado com a promessa de jeans contra minhas pernas novamente. Uma coisa tão simples que eu considerava natural enquanto estava na prisão. Selenia pega uma camiseta e uma legging e fica ao meu lado.

— Você vai querer um pouco mais do que isso. — Digo a ela.

— Por que? Onde estamos indo? Você não me contou.

— Não preocupe sua cabecinha linda com isso. Apenas confie em mim e compre algumas roupas.

Vejo uma saia e a seguro para mostrar a Selenia. O fino material preto é exatamente o que eu quero vê-la. Ela balança a cabeça com um olhar crítico enquanto olha ao redor. Ela pega um par de shorts jeans e escolhe uma camisa de mangas compridas e uma camisa no próximo cabide.

Vou até ela, coloco a saia na pilha e sussurro — Pelo que vou fazer com você, você vai querer a saia.

Suas bochechas ficam vermelhas quando saio do lado dela para encontrar outra camiseta para mim.

Procurro na prateleira, ou pelo menos finjo que o faço. Na verdade, estou observando-a, esperando para ver se ela sai correndo porta afora quando pensa que não estou prestando atenção. Ela parece menos tensa quando anda agora, como se finalmente tivesse conseguido uma liberação há muito necessária e tivesse mais confiança por causa disso. Eu me pergunto se ela vai se sentir presa ao meu toque agora que ela saiu dele.

Isso a impedirá de fugir?

Pego uma camiseta da prateleira e vou até a frente da loja. Ela ainda não chegou lá, então me encosto em um pilar e a observo novamente. Ela pega uma calcinha que ainda tem etiquetas, mas a coloca no chão com uma careta. Com um suspiro, ela se junta a mim, na frente com sua pilha de roupas.

— Sem calcinha, coelhinha? — Pergunto enquanto entramos no labirinto da fila do caixa.

Ela zomba. — Não estou usando roupas íntimas pré-compradas. Podemos parar em outro lugar?

— Não. Precisamos sair desta área assim que você usar seu cartão. Não gostaria que seu marido nos encontrasse. Talvez possamos parar na próxima cidade. — De repente, decido que não quero afastar a calcinha dela para entrar nela novamente. Eu não quero que ela as use. — Talvez você não precise de nenhuma. Você pode ficar nua para mim. — Meus olhos percorrem seu corpo, que treme de raiva renovada.

E eu amo isso.

Ela me puxa para longe da fila do caixa, com as bochechas em chamas e a voz um sussurro áspero. — O que aconteceu no carro, *não vai* acontecer novamente. Não estamos fazendo isso. E definitivamente, não vamos mais longe. Já é ruim o suficiente eu ter deixado você fazer o que fez, e terei que conviver com essa culpa, mas não estou aumentando isso.

— Doce coelhinha — eu murmuro — você acha que tem uma escolha em relação ao que eu faço com você? Que adorável. — Passo a mão em sua bochecha e ela se afasta do meu toque. Seus lábios se apertam e sua bravata diminui diante dos meus olhos — Você não deveria ter me deixado sentir você gozando em meus dedos, porque agora eu quero mais. Não, *preciso* de mais. Então, quando eu te disser que você não vai usar calcinha ou que vai usar aquela sainha, você vai ouvir. Vou fazer você se sentir melhor do que seu marido jamais fez.

Seus olhos escurecem. Ela não percebe quanto tempo faz desde que senti o calor suave de uma mulher embaixo de mim. Ela não entende o quão obcecado estou com a ideia de tocá-la novamente. É uma obsessão que começou quando a senti, quando me deleitei com o calor quando ela veio contra minha mão. Ela tentou correr, como um coelhinho assustado. Mas eu iria domesticá-la.

— Vou tomar banho. — Ela diz olhando para o banheiro. Mais um quarto que não atende aos padrões da minha coelhinha.

— Tire a roupa aqui. — Digo a ela com um sorriso malicioso.

Ela aperta as roupas contra o corpo, balançando a cabeça em um movimento rígido. Considero forçá-la a se despir na minha frente, mas seus olhos se enchem de lágrimas. Eu aperto meus lábios. Não tenho ideia do que há de errado com aquela garota, mas vou descobrir.

— Vá em frente, coelhinha. — Eu aceno para ela. Não vou forçá-la a me contar o que ela passou... ainda. Algumas pessoas ficam mais fortes quando você as força a enfrentar a dor, mas outras desistem. Ela pareceu que iria quebrar. Ela não é forte o suficiente para enfrentar isso sozinha, e eu não sou a pessoa certa para torná-la mais forte.

Selena

Respiro pesadamente contra a bancada de mármore falso rachada do banheiro. As luzes piscam acima da minha cabeça com um zumbido baixo que fica mais alto a cada momento que passa. Tenho tido tanto medo que ele me obrigue a me despir, mas não por causa da infidelidade. Temo ver sua expressão quando ele perceber os hematomas em meu corpo. Não quero ver a expressão de pena em seu rosto.

Sempre que alguém vê minhas marcas de relance, fica com a mesma aparência, mas não faz absolutamente nada a respeito. Eles provavelmente pensam que fiz algo para merecer isso.

Bryce é um santo e eu sou uma pecadora lamentável.

Respiro fundo e tranco a porta antes de tirar a blusa. Cada botão desabotoado revela mais hematomas roxos recentes em meu peito e estômago. Quando tiro as mangas, meus olhos encontram o hematoma mais antigo em meu pulso. Lembro-me da luta que causou a marca roxo-rosada profunda. Lembro-me de cada briga estúpida. Como poderia esquecer quando a prova de cada uma marca minha pele? Eu toco aquela que está na minha barriga. *Não cheguei em casa a tempo de preparar o jantar para ele.* Eu roço meu peito. *Ele me forçou a transar com ele, porque teve um dia ruim no trabalho.* Agarro meu pulso machucado. *Demorei muito para ficar pronta na semana passada.*

Tiro minha calça, expondo uma mistura de hematomas antigos e novos em minhas coxas. Uma marca de mão quase perfeita decora a parte interna da minha coxa, quase alcançando minha virilha. Estremeço quando me lembro de como ele me fodeu para me dar aquela marca. Estremeço ao tocar o hematoma amarelado acima do meu joelho, onde ele me chutou quando eu já estava caída.

Quando estou vestida, me sinto uma esposa normal. Quando estou nua, entendo por que não fico mais chateada por dormir neste quarto de motel nojento, em vez de dormir sob os lençóis caros bordados com fios dourados. Esses lençóis caros significam deitar ao lado de Bryce. O homem lá fora, Lex, está fugindo de algo terrível, e eu ainda me senti mais segura na cama com ele, ontem à noite, do que jamais me senti com meu marido.

E isso é uma merda.

Abro a torneira da banheira. A água marrom jorra enquanto os canos chacoalham atrás da parede. Finalmente fica clara, embora fria, mas entro mesmo assim. Ficar nua no banheiro nojento só me faz sentir mais suja a cada momento.

Meus olhos fixam-se à frente enquanto me limpo, focando em uma rachadura que sobe na parede à minha frente. Mold atravessa-o e segue seu caminho.

Uma batida na porta me tira do transe.

— Estou quase terminando! — Eu grito.

Quando saio do banho, a legging e a camisa de manga comprida que comprei na loja me esperam no balcão. Eu estreito meus olhos. Tenho certeza de que tranquei aquela porta. Retiro minhas roupas descartadas no chão e descubro que minha calcinha desapareceu.

Idiota.

— Como você entrou? — Pergunto enquanto saio do banheiro, apontando para as roupas que visto. Ele apenas dá de ombros. — E onde está minha calcinha? — Eu pergunto.

Uma feroz frustração sexual brilha em seus olhos ao me ver. Odeio que ele me olhe assim, de uma forma que meu próprio marido nunca fez. Eu odeio gostar quando ele morde o lábio inferior enquanto examina abertamente meu corpo.

— Eu te disse. Não quero que você use nenhuma. — Seu olhar me deixa e se volta para a televisão. Ele sabe exatamente como me fazer querer sua atenção, querer ser mais interessante do que a imagem granulada da TV antiga. Mas não tão interessante que ele queira me tocar.

Abro a boca para discutir, mas as palavras ficam presas debaixo da minha língua. Fecho os lábios, pensando melhor no que quero dizer.

Os olhos de Lex saltam para os meus quando ele vê minha resposta sem palavras, e a respiração fica presa na minha garganta com a intensidade de seu olhar. Sua expressão se torna selvagem e animal, e sei que devo agir com cautela.

— Você quer sua calcinha, coelhinha? — Ele pergunta.

Concordo com a cabeça, mesmo sabendo que não deveria. Não quando ele está me olhando daquele jeito, como se uma ideia sádica tivesse acabado de passar pela sua cabeça.

Lex se levanta, abre uma gaveta e tira minha calcinha preta. Ele olha para mim enquanto se senta, abre o zíper da calça jeans e puxa seu pau. Um sorriso atravessa seu rosto. Por mais ameaçador que seja, é terrivelmente atraente.

Seus olhos nunca deixam meu rosto enquanto ele se acaricia, lento e intencional. A saliva se acumula sob minha língua ao vê-lo, mas me forço a

permanecer estoica. Mesmo assim, ele percebeu a mordidela sutil em meu lábio, porque seus movimentos ficaram mais ásperos e determinados.

— Você gosta do que vê? — Ele pergunta.

Quero balançar a cabeça e dizer não, mas estou congelada. Forço meu corpo a me obedecer o suficiente para sentar na cadeira rígida e barulhenta de frente para a cama. O programa de TV passa pela minha visão periférica enquanto eu o observo.

Meus olhos percorrem os enormes músculos dos ombros até os bíceps, que se flexionam a cada golpe.

— Você sabe do que eu gosto, coelhinha? Quando não é um não seu, é um sim. Merda, mesmo quando é um não, ainda é *meu* sim. — Ele leva minha calcinha até a cabeça do seu pau. Ele deixa cair a cabeça para trás e geme quando goza na minha calcinha, saturando o tecido fino. — Vamos nos divertir muito juntos, você e eu. — Lex sorri enquanto joga a calcinha no meu colo — Bem, coloque-a.

Balanço a cabeça antes mesmo que ele termine a frase. Absolutamente não. *Não* vou colocar seu gozo contra minha pele.

— Não vou usar isso. — Digo, com a maior firmeza que consigo.

— Ah, não, não é assim que funciona. Você queria tanto sua maldita calcinha. Coloque-a. — Seu sorriso se aperta — Não vou pedir de novo. — Pela maneira como sua mandíbula fica tensa e pulsa, sei que não tenho escolha.

Ele está me forçando a pegar o que eu queria, em primeiro lugar.

Engulo e me levanto, levando a calcinha para o banheiro, porque me recuso a me trocar na frente dele. Não posso.

Eu limpo um pouco do seu gozo, mas a umidade está muito impregnada no tecido. Quando as coloco, sinto seu calor contra minha pele. Isso me faz tremer. Quando volto para o quarto, sua sobrancelha se levanta enquanto ele guarda seu pau gasto.

— Mostre-me que você está usando ela. — diz ele.

Prendo a frente da minha legging e a abaixo o suficiente para expor a seda preta. Satisfeito, ele relaxa e volta a assistir TV.

Quando me sento, a área úmida fica mais perceptível. Ficou um pouco fria. Por mais que eu tente, não posso ignorar o prazer dele contra mim. Cruzo as pernas e olho para o carpete manchado aos meus pés, tentando acalmar a dor latejante que ele causou. Várias queimaduras de cigarro cercam a mancha. O lugar é um lixo e é fácil se perder na bagunça. Mas mesmo assim, a bagunça *dele* na minha calcinha ainda permanece no centro do meu foco.

A presença de Lex me assombra do outro lado da sala, e meus olhos vão até ele mais uma vez, absorvendo cada contradição que o torna atraente e nojento ao mesmo tempo. A barba por fazer em seu queixo parece áspera, mas ainda combina com seus traços doces. Ele só parece tão mau, porque nunca sorri de alegria. Ele sorri para conseguir o que quer, porque é um manipulador. Sua voz é tão baixa e sexy, mas apenas mascara as ameaças tecidas em suas palavras. Ele não é legal ou gentil. Ele é uma pessoa má e está me forçando a usá-lo.

Lex passa a mão pelo cabelo grosso enquanto solta uma risada ofegante e olha para a TV.

— Não gosto quando você fica olhando para mim. — diz ele sem desviar os olhos da televisão.

— Eu não gosto de usar o seu gozo. — Murmuro baixinho.

Ele dá um sorriso e faz um gesto para mim. Eu me mantenho plantada na horrível cadeira do motel.

— Agora! — Ele ordena. Ele tem uma voz que usa quando não tenho escolha a não ser ouvir, e essa palavra transborda com sua exigência. Eu me levanto e vou para o lado dele, e ele esfrega a mão entre minhas pernas e morde o lábio — Ah, coelhinha, você vai usar essa calcinha para dormir e aí ela não vem com a gente. — Ele roça minha fenda — Como está a sensação do meu gozo? — Ele rosna enquanto segura meu cabelo e me puxa para sua boca. Seus lábios ficam longe o suficiente dos meus para fazer pouco mais do que me irritar. Meu cabelo escuro em suas mãos ainda está molhado, e gotas de água fria caem pelos meus ombros e me fazem tremer.

— Isso me faz sentir nojenta.

— Acostume-se com o que eu sinto, porque mal posso esperar para ver você coberta pelo meu gozo, doce coelhinha.

— Não vamos fazer mais. — Digo, empurrando minhas mãos contra seu peito.

Lex rosna – um som carnal que me deixa fraca.

— Eu amo como você pensa que não vou acabar dentro de você. Posso ter que despedaçar você para chegar lá, mas entrarei. Esta noite, deixarei seu ponto vulnerável em paz. Mas em breve, nada me impedirá de rasgar você.

Ele solta meu cabelo e tira a mão que está entre minhas pernas. Ele dá um tapinha no lado vazio da cama. O turbilhão de excitação que sinto me deixa mais confusa do que nunca.

Ele levanta o cobertor e olha para mim, mas eu balanço a cabeça. Há outra cama desta vez. Eu não preciso dormir com ele. Levanto-me e levanto o cobertor da outra cama antes de deitar nela. Quando me viro, ouço um farfalhar e, em seguida, o sopro de ar frio quando o cobertor se afasta de mim. Seu calor me envolve quando ele vai para a cama e se deita de costas atrás de mim.

— Se você não quiser vir até mim, eu irei até você. Eu não confio em você. Você pode tentar fugir de novo, coelhinha.

Não vou fugir, embora tudo no meu corpo me diga que devo fazer, especialmente a umidade entre as pernas.

Não só dele, mas minha também.

CAPÍTULO SEIS

Lex

Acordo na cama, sozinho. Sento-me e procuro Selena, certa de que ela foi embora. Aparentemente, ela descobriu como ser uma coelhinha quieta, afinal. Eu relaxo quando ouço o chuveiro ligado. *Boa menina*. Ela pode se limpar o quanto quiser, mas não será a última vez que a cobrirei com meu gozo. Ela pode ter tirado a calcinha, mas adoro que ela tenha dormido – pelo menos por um tempo – com meu gozo contra sua pele. Gosto que ela esteja tão dividida entre gostar e me odiar.

Ela precisa aprender, no entanto. Não vou permitir que ela fique com a calcinha, a menos que ela esteja me vestindo também.

Depois do banho, colocamos nossas coisas no carro e partimos novamente. Horas depois, ela se senta ao meu lado, olhando pela janela do passageiro enquanto o sol se põe. Ela não fala comigo desde que começamos a dirigir.

— Você ainda está realmente brava com sua calcinha?

Ela não olha para mim.

— Não é sobre *o que* você fez. É *por* isso.

Ah, ela fala.

— Diga-me *por que* isso te incomoda, então.

Seus olhos reviram e isso me lembra o quão jovem ela é. Como ela é ingênua e inocente.

— Porque você quer me possuir. E eu não sou de ninguém.

— Você não tem ideia do que significa ser reivindicada por mim, doce coelhinha.

Seus olhos piscam para os meus, o medo irradiando deles.

— *Não* vamos mais longe. Pensamentos positivos não vão fazer você entrar em mim, Lex. Não há absolutamente nenhuma chance disso, então deixe para lá. — Ela quer tanto acreditar nas palavras que saem de sua boca. Ela quer que eu acredite nelas também.

— Eu não preciso de ilusões. — Bato no pé do coelho — E eu também não preciso de sorte. Enterrarei meu *pau* dentro de você antes que esta viagem termine. Eu prometo a você isso.

Suas bochechas ficam vermelhas com minhas palavras. Apesar de controlar o meu lado que a levaria contra sua vontade, libertarei esse lado antes de chegarmos ao meu destino. Mesmo que eu não tivesse que matá-la, eu me certificaria de liberá-la de volta para seu marido com meu gozo pingando dela.

Viramos para outra estrada secundária e depois para outra. Isso é tudo o que temos feito, e faz com que a viagem pareça uma eternidade, sem progresso suficiente para fazer nossos joelhos rígidos e bundas dormentes valerem a pena. Paro em um estacionamento familiar para mim. Eu poderia aproveitar a oportunidade para esticar as pernas e preciso de uma identidade – algo que eu possa usar para cruzar a fronteira sem suspeitar. Sou grande demais para me esconder no maldito porta-malas.

Estive na prisão durante uma década antes de fugir, por isso não tenho as ligações que tinha antes, mas conheço um homem que as faz. Ele era um personagem bastante desagradável, mesmo para os meus padrões, mas Rodney tem os meios para fornecer o que preciso. Eu nos arrasto até a porta dele, esperando que ele ainda more no complexo de apartamentos decadente. A menos que ele esteja na prisão, ele deveria estar aqui.

Bato na porta de metal pesado, e ela se abre depois que várias fechaduras são destravadas do outro lado. Rodney olha para mim como se tivesse visto um fantasma, seu rosto empalidecendo na minha frente.

— Lexington Rowe, meus olhos me enganam? Achei que você estava cumprindo pena, cara!

— Não me chame assim e vá se foder com meus negócios. — Respondo. Ouço o suspiro ao meu lado enquanto Selena descobre mais segredos que ainda não revelei. Ela tem que saber, em algum nível subconsciente, que estou fugindo da lei. Ela provavelmente não espera que meus crimes tenham me rendido a vida. Bem, várias vidas.

Não posso lidar com os sentimentos dela agora. Este não é um lugar para se sentir e parecer fraco. Rodney vai se alimentar disso. Tentarei explicar isso a ela mais tarde, quando não estivermos na frente de outro criminoso. Quando eu puder responder algumas das perguntas, tenho certeza que ela responderá. É o tipo de conversa que eu nunca teria na frente do maldito Rodney.

Passo por ele e ele olha para Selena como se ela fosse um bife colocado na frente dele. Talvez até melhor que um bife. Ela é tão deliciosa que ele não consegue tirar os olhos dela. É certo que ela parece deliciosa, com sua inocência juvenil e aparência afetada, mesmo quando não está vestida adequadamente.

Tenho certeza de muito poucas coisas, mas ninguém vai dar uma mordida nela antes de mim. Ela é minha refeição, e eu cortarei a garganta de um homem se ele cheirar seu doce perfume antes que eu possa tirar um pedaço enorme dela para me encher. Agarro seu braço e a puxo para mim em um gesto protetor. Não é o meu jeito habitual, mas me sinto compelido a fazê-lo. Essa inocência precisa de proteção.

— Ela precisa de uma também? — Rodney pergunta, seus olhos ainda rastejando pelo corpo de Selena. Ele está olhando para minha coelhinha como um coiteiro olhando para sua presa. Sua expressão transmite seus pensamentos claramente, e ele pode se foder imediatamente, no que me diz respeito.

— Só eu. — digo a ele. — O que você tem feito, afinal? — Pergunto, tentando desviar seus olhos famintos de Selena, cujas bochechas ficaram vermelhas sob seu olhar obstinado. É doloroso para mim testemunhar. É como se ele nunca tivesse visto uma mulher em carne e osso antes.

— Vivendo o sonho. — diz ele enquanto desvia os olhos dela para finalmente olhar para mim — Cumpri três penas no condado por algumas acusações de fraude, mas estou de volta aos negócios. Meu sobrinho ficou aqui e manteve a merda funcionando enquanto eu estava preso.

— Quanto custa uma nova identidade? Ou passaporte. Qualquer coisa que eu possa usar para sair dos Estados Unidos.

— Há tempo para falar de negócios. Venha comigo tirar uma foto primeiro. — Ele se esquivava da pergunta exatamente como eu espero que ele faça. Ele continuará se esquivando até que eu vá longe demais no processo para desistir, me forçando a pagar tudo o que ele pedir. Eu o pressiono por um preço, mas ele continua evitando a pergunta como o especialista de merda que sempre foi. Ele é um *bottom feeder*¹, mais baixo do que eu, e eu pensei que era muito baixo.

Rodney tira minha foto e nos leva para uma sala onde ele se senta em frente ao seu sofisticado sistema de computação. As lentes de seus óculos antigos refletem as telas, com as juntas dobradas para acomodar sua cabeça redonda e larga.

Selena e eu nos sentamos no sofá, mas ela se recusa a olhar para mim. Seus braços estão cruzados sob o peito como uma criança desafiadora. O que eu mereço, mas não aqui. Ela não pode parecer uma criança, porque é exatamente isso que um cara como Rodney gostaria. Quando digo que ele é desagradável, quero dizer... porra, vil. Eu teria deixado Selena no carro se não estivesse preocupado que ela fosse caçada no estacionamento por um dos muitos criminosos sexuais violentos deste complexo. Honestamente, se você abrir o mapa do predador, você nem saberia que há um prédio aqui embaixo de todos os pontos vermelhos. A caneca grande e estúpida de Rodney estaria enterrada em algum lugar entre todos aqueles avisos.

Estou julgando muito um colega criminoso, mas pelo menos tenho uma linha que não vou cruzar.

¹ Uma pessoa que ganha dinheiro aproveitando-se de coisas ruins que acontecem a outras pessoas ou usando coisas que outras pessoas jogam fora .

Isso me lembra das perguntas que terei que responder mais tarde. Eu deveria ter deixado Selena ouvir meu passado pela minha própria boca. Essa teria sido a coisa mais madura a fazer, mas eu não queria dar a ela mais informações para usar contra mim, se ela de alguma forma se afastasse de mim. Ela provavelmente tentaria fugir assim que eu contasse, porque é assim que uma pessoa normal responderia. Eles fugiriam.

Apesar do que ela pensa, estou tão feliz por estar nesta situação quanto Selena. Seria muito mais fácil se eu a matasse e levasse o carro dela. Eu não teria outro ser humano com quem me preocupar enquanto estivesse fugindo. As coisas seriam muito menos complicadas se eu não estivesse sempre pensando em encontrar maneiras de entrar nela.

— Terra para Lex? — Rodney estala os dedos na frente do meu rosto antes de colocar uma identificação na minha mão — Como é isso?

Parece legítimo, e minha carranca é bastante precisa.

— Você não me disse quanto. — Digo, pressionando o cartão entre o polegar e o indicador. Rodney é um cara sorrateiro, e eu pretendia impedi-lo de publicar essas merdas antes de receber o preço. Eu estava muito ocupado, perdido em pensamentos sobre Selena, para perceber o som da impressora sendo ligada. É isso que eu quero dizer. Menos complicado.

— Eu te disse, mas você estava olhando para la la land — ele diz com uma risada seca. Eu perdi algumas das merdas que ele disse, claro, mas eu teria notado isso — É mil dólares para você.

Minha boca se abre. *Foda sorrateira* — Desde quando está perto desse preço?

— Desde que Nova York mudou o formato de identificação e você ficou desesperado o suficiente para pagar por isso — Um sorriso grosseiro cruza seu rosto. Ah, foda-se ele. Mesmo alguém como ela não teria tanto dinheiro em mãos. Mas ele está certo. O desespero sempre tem um custo extra. É assim que o jogo é jogado.

— Nós não temos isso, Rodney, e você sabe disso — eu digo enquanto me levanto.

Ele encontra minha postura, mas dificilmente alcança meu peito. Ele passa a mão pelo cabelo careca.

— Você tem algo que eu poderia aceitar como pagamento — Seu olhar faminto cai para Selena.

Seus olhos se arregalam enquanto os meus se estreitam. Eu sabia que essas palavras saíam da boca dele. Assim que o vi babando por ela, soube que ele tentaria retirá-la do cardápio. Ele sabe que temos que compensar o custo de alguma forma, e ele com certeza não iria querer *me foder*.

Estou dividido. Não quero entregá-la assim, nem para uma trepada rápida, mas também preciso *dessa* porra de identidade. Não há como evitar isso. Não vou voltar para a prisão. Entregá-la pela minha liberdade parece um pequeno sacrifício. É um que tenho que fazer.

Corto meu olhar e sento no sofá com uma expiração forte. Os olhos de Selena se enchem de traição. Não consigo olhar para ela, mas sinto o desespero enquanto ela luta contra o aperto dele quando ele a alcança. Ele finalmente coloca as mãos em volta dos pulsos dela e a levanta, prendendo-os atrás dela.

— Foda-se, Lex! — Ela grita. O ódio irradia dela com o calor de mil sóis. Eu mereço.

Ele coloca a palma da mão em volta da boca dela, abafando seus gritos, e eu coloco a cabeça nas mãos. Ele tem que fazer isso aqui mesmo? Ele tem que balançar o medo e o desespero dela na minha frente?

— Shh, querida, serei rápido — ele sussurra em seu ouvido enquanto sua mão livre desce pela calça jeans. Depois que ele passa o jeans pela bunda, ele trabalha na dela. Meus olhos saltam para a pele pálida de sua bunda enquanto ele a empurra contra a parede e coloca seu peso nela. Juro que vejo a névoa de um hematoma em sua pele, mas pode ter sido a luz da tela do computador.

Eu me forço a desviar o olhar de sua bunda, e meus olhos sobem para seus olhos. Eles estão inchados e vermelhos de medo, o brilho das lágrimas cobrindo-os. Balanço a cabeça, tentando manter a mão longe da pistola.

Eu tenho que deixar isso acontecer.

Isso precisa acontecer.

Não há liberdade sem isso.

Isso nunca me incomodou antes. Na verdade, gosto de ver o medo no rosto de uma linda garota. Eu sempre tive. Mas isso está me incomodando. Realmente roendo meus nervos. A queimadura sob minha pele é uma sensação estranha para mim, e não gosto disso.

Meus músculos se contraem e luto para mantê-los imóveis. Seus gritos abafados se mexem entre meus ouvidos e me roem como dentinhos afiados de coelho. Estendo a mão para pegar minha pistola, mas não consigo agarrá-la. Seria muito barulhento e bagunçado, e os policiais ficam de olho nesse complexo sombrio. Eles praticamente moram no local neste momento. Em vez disso, eu pulo enquanto ele está muito ocupado, cutucando entre as pernas dela com seu pau minúsculo e ofegante como se pudesse gozar antes mesmo de entrar dentro dela.

Isso seria conveniente, na verdade.

Envolvo meu braço em volta de seu pescoço, e ele libera Selena no momento em que o agarro, seu pau duro amolece enquanto eu o sufoco. Suas mãos agarram meus pulsos e ele se debate contra mim. É estranhamente semelhante à forma como ela lutou contra ele. Meus lábios franzem enquanto eu mantenho um aperto firme em seu pescoço, me recusando a deixá-lo respirar pela metade.

Selena levanta as calças, o peito arfando enquanto ela corre para a porta.

— Não se atreva, coelhinha. Haveria outro igual a ele esperando por você — Minhas palavras saem tensas enquanto luto contra o peso de um homem que luta para viver.

Ela para, com a mão na maçaneta. Ela tem que saber que a escuridão apenas esconde monstros – monstros como eu e definitivamente como ele.

Eu fico cansado da luta. Eu solto Rodney o suficiente para segurar sua cabeça e quebrar seu pescoço. O estalo familiar sobe pela minha espinha, e eu abaixo seu corpo no chão, limpando o sangue em meus braços por ele me arranhar. Eu olho para Selena. Seus olhos estão cheios de desconfiança merecida. Coloquei à venda algo que não me pertencia. Ela abre a porta e sai

correndo do apartamento. Balançando a cabeça, pego a identificação do chão e a sigo.

— Coelhinha! — Eu a chamo enquanto ela corre para o carro. Acelero o passo para alcançá-la. Quando estou perto o suficiente para agarrá-la, bato-a contra o carro, virando-a para me encarar. Forçando-a a olhar nos meus olhos.

— Foda-se — ela chora. Seu corpo treme e o medo a percorre. Ela ainda está presa naquele momento com ele, mesmo longe do apartamento. Seu olhar duro me morde. Eu mereço ser mordido daquele jeito, mas as palavras dela ainda me irritam. Eu enfrentarei sua mordida com uma mais forte, e ela me conhece o suficiente para saber disso.

Eu me inclino para ela, colocando a mão em sua garganta delicada. O branco dos olhos dela é tudo que consigo ver no estacionamento escuro. Ela viu o que eu tinha feito em um movimento rápido, e aqui estou eu, com a mão em volta de seu pescoço frágil.

— Não seja tão tagarela, coelhinha — eu digo. Sinto a pulsação de seu coração sob meus dedos. O suor nervoso cobre sua pele.

— Você tentou me vender! — Ela diz com uma voz tensa.

— Mais como... emprestar a você — Estou tentando racionalizar comigo mesmo tanto quanto com ela. O que eu fiz foi foda, sim, mas às vezes não há como mudar quem você é, mesmo diante de algo tão diferente daquilo que te moldou.

Sua pele está quente, aquecida pela raiva e..... algo mais. Corre em suas veias. Ela inspira profundamente, olhando para mim com uma emoção que nunca vi em uma pessoa.

É a aparência de alguém que acabou de quebrar.

— Me mata — Sua voz sai baixa e fraca, mas de alguma forma ainda segura.

Levanto a sobrancelha, mas duvido que ela consiga ver na escuridão.

— O que?

Ela deixa outro hálito quente tomar conta de mim.

— Eu disse... me mata — Sua voz vacila desta vez.

Tiro minha mão de sua garganta e a apoio em sua clavícula. Ela tirou a diversão de atacá-la. Seu medo se transformou em rendição diante dos meus olhos, uma sensação avassaladora de quebrantamento que toma conta de nós dois. É contagioso. E não posso dizer que alguma vez tenha sentido tanta tristeza, mesmo quando fui espancado até à morte quando era criança ou quando soube que a minha vida tinha acabado quando estava perante um juiz. Esse sentimento é estranho e desconfortável, e não consigo me imaginar vivendo nesse estado eterno como ela deve viver. Eu entendo por que ela quer morrer.

Se ela morrer, esse vazio morre com ela.

— É realmente isso que você quer, coelhinha? — Eu pergunto, deixando minha mão livre mover seu cabelo escuro e suado de sua bochecha.

— De qualquer forma, estou praticamente morta. Não quero mais jogar esse jogo. Leve o carro. Faça o que for. Apenas... Não posso... fazer isto — Seu mundo está desmoronando ao seu redor, esmagando-a. E é tudo culpa minha. Bem, não é totalmente minha culpa. Claramente, o marido dela é um idiota. Ele a quebrou antes de eu tomá-la, mas eu criei a rachadura final que a abriu totalmente.

Eu me inclino para ela, colocando minha testa contra a dela enquanto tiro minha mão de seu peito.

— Entre no carro, coelhinha — eu sussurro — O banco de trás.

Ela hesita antes de agarrar a maçaneta e se sentar no banco de trás. Eu a levo e sento ao lado dela.

— Tem certeza de que é isso que você quer? — Pergunto enquanto me inclino para ela e descanso minha mão na curva de seu pescoço. Ela tem uma garganta tão frágil. Eu mal percebi isso antes desta noite e, de repente, é tudo em que consigo pensar. Como ela é como vidro ao meu alcance. Mas se ela realmente quer isso, ela escolheu a pessoa certa para perguntar. Sou o único que consegue fazer isso sem pensar duas vezes. Sem perder o sono. É, e sempre foi, muito fácil para mim tirar uma vida.

A luz do teto é apagada, cobrindo-nos de escuridão, e sinto o calor de um rastro de lágrimas em minha mão. Exceto por algumas fungadas suaves, é um

silêncio doentio. Ela balança a cabeça e sinto o movimento ao meu alcance. Ela parece tão certa, me deixando pensando sobre isso. Meus músculos se contraem e anseio dar a ela a liberação que ela deseja.

Eu me inclino e sussurro — Se é isso que você quer, eu farei isso por você — Minha voz vacila, o que não é característico de mim. Sinto uma dúvida nas entranhas, um desconforto persistente que nunca senti em nenhum assassinato que cometi. E é *assassinato*, mesmo que ela queira morrer.

Minhas mãos sobem mais alto para segurar ambos os lados de sua cabeça. Ela relaxa com meu toque, como se eu estivesse lhe dando um presente. Para ela é. Para mim, parece um fardo que não quero carregar. Mas eu vou.

Respiro fundo.

É o que ela quer. É para ela. É tudo por ela.

Selena

Sinto o calor de suas mãos em cada lado da minha cabeça, mas seu toque não me queima como deveria. Não me atrevo a respirar enquanto espero pela contração aguda de seus músculos antes do nada. Não é que eu *queira* morrer, mas estou farta. Tão cansada de tudo isso. Bryce *vai* me matar quando eu chegar em casa. Ele vai acabar comigo da pior e mais dolorosa maneira que puder reunir em sua mente sádica. Parece melhor assim.

Por mais louco que pareça, parece mais seguro.

Com os olhos fechados, banho-me na escuridão atrás das minhas pálpebras. Eu preciso dormir. Eu preciso descansar. E nunca conseguirei isso na vida que tenho, mesmo antes de Lex me levar. Só há um final para mim.

Sempre houve apenas uma maneira de terminar, e é assim: a morte nas mãos de um homem. Estou apenas escolhendo de quem serão as mãos.

Suas mãos caem do meu rosto e ele se inclina para me beijar. Eu me afasto dele, recuperando o fôlego ao inspirar. Ele tem gosto de pecado.

— Lex — eu sussurro enquanto empurro seu peito.

— Se você ainda quiser morrer depois que eu te foder, eu farei isso por você — Sua voz é baixa e desesperada — Deixe-me entrar em você, coelhinha.

Quanto mais baixo posso ir? Depois dos seis pés abaixo que eu esperava? Dormir com ele vai me mandar em queda livre para o inferno, mas isso realmente importa neste momento? Quão importante é a santidade de um casamento que me deixa coberta de hematomas?

Deixo cair meus ombros quando ele se inclina novamente. A lua aparece através do para-brisa, oferecendo meros vislumbres de luz fraca. Ele não será capaz de ver minhas marcas. Ele não pode ter pena de mim. Posso fingir ser uma mulher sem marcas pela primeira vez na vida. Posso fingir que sou uma jovem normal de vinte e dois anos. Posso até encontrar alguns momentos de felicidade.

Seus lábios encontram os meus novamente e eu aceito seu beijo. Abri minha boca para deixá-lo entrar. Seu peito sobe pesadamente quando ele se inclina sobre mim, me empurrando contra a porta enquanto rasteja entre minhas pernas. Sua mão envolve meu pescoço e sobe para agarrar meu cabelo. Ele puxa minha camisa, deixando uma mão pesada deslizar sobre meus seios nus. Luto contra a dor quando seu toque percorre os hematomas perto da minha cintura. Eu nunca o deixaria fazer isso se ele pudesse me ver. Não quero que ninguém veja o quão prejudicada estou. Ele puxa minhas calças para baixo com a fome de um animal na ponta da coleira, e ela está prestes a quebrar.

Eu ouço seu zíper cair.

Está se tornando real.

É real.

Eu suspiro enquanto sinto o calor do seu pau contra a minha boceta. Eu quero pará-lo. Estendo a mão e empurro seu peito largo, mas ele é muito forte. Muito *mais* forte quando ele está acima de mim.

— Lex — eu ofego, a hesitação tecida através da palavra. Parece que é tarde demais. A coleira dificilmente o está segurando agora, especialmente quando ele está tão perto de escorregar dentro de mim.

— Shh, coelhinha — ele sussurra antes de me beijar novamente — Me deixe entrar. — Ele rosna e aprofunda o beijo. Sua mão firme explora entre minhas pernas, e eu me aproximo dele enquanto o toque envia eletricidade através do meu corpo e desperta coisas que estão adormecidas há muito tempo. Talvez essas partes de mim nunca tenham sido despertadas.

Seus dedos empurram dentro de mim, um toque que meu corpo lembra. Eu enrolo meus quadris contra sua mão. Ele afasta a mão e eu o ouço cuspir. Ele me toca novamente, afundando os dedos dentro de mim. Não consigo ver o seu pau, mas sinto o seu calor contra a minha pele. Lembro-me de como era no motel. Como o resto de Lex, é enorme. Eu gostaria que não estivesse tão escuro para que eu pudesse vê-lo. Mas se eu pudesse vê-lo, ele também poderia me ver.

E isso não pode acontecer.

Quando ele empurra dentro de mim, me esticando de uma maneira que nunca senti, grito, em parte pelo choque, mas também pela percepção de que alguém além do meu marido está dentro de mim. Rasgando através de mim. Fazendo de mim tudo o que meu marido diz que eu sou.

Uma prostituta.

Uma vagabunda.

— Deus! — Ele geme enquanto empurra mais fundo — Seu marido é tão estúpido! — Ele sussurra essas palavras antes de voltar para a ponta e empurrar para dentro de mim novamente. Minhas unhas cavam em seus lados enquanto ele me fode, lenta e docemente, de maneiras que eu não esperava. Não pareceu que ele iria me foder desse jeito.

— Não se preocupe, doce coelhinha. Se você me deixar mantê-la viva, eu vou te mostrar como eu realmente fodo. Vou lhe dar um motivo para respirar por mim. — Ele rosna, como se sentisse o que estou pensando.

Eu derreto contra a porta, o apoio de braço apunhalando minhas costas no espaço apertado. Isso não importa, no entanto. Fecho os olhos e me permito focar na fricção entre minhas pernas enquanto ele entra e sai de mim. Ouço sua respiração profunda e desesperada enquanto seus quadris se aproximam dos meus. Ele me mostra apenas uma fração de sua força, e isso me assusta tanto quanto me excita.

Ele sai e se senta, empurrando minhas pernas para fora do caminho.

— Suba no meu colo. — Ele ordena com uma voz sussurrada que deixa minhas pernas fracas por um momento. Procuro por ele na escuridão e monto em sua cintura, minha cabeça quase batendo no teto do carro. Ele se contorce contra minha boceta.

— Eu quero ver você — ele sussurra.

Sua mão se move em direção à luz do teto, mas agarro seu pulso e coloco a palma da mão na minha bunda.

— Deixe isso. — Eu digo enquanto o coloco dentro de mim. Não quero que ele veja os hematomas agora, depois que suas mãos percorreram cada parte dolorida de mim.

— Vou colocar meus olhos em seu corpo, coelhinha. — Ele rosna contra minha boca enquanto eu me abaixo em seu pau. Meu calor desce até sua pélvis, e o gemido que sai de seus lábios me faz pulsar. Meu gemido rompe o silêncio estático.

— Agora não — eu sussurro, meus lábios pairando na frente dos dele.

— O que você está escondendo de mim? — Ele encosta seus quadris nos meus e seus braços enormes envolvem meu corpo. Eu me sinto tão pequena em suas mãos. — O que você não quer que eu veja?

— Deixe isso em paz, Lex — eu digo enquanto diminuo meu movimento em seu colo, quase parando quando ele me força a enfrentar o que eu me recuso. Agora não. Não quando este momento é tão perfeito.

— Isso vai me irritar, não é? — Ele me puxa para ele até que meu peito nu e suado pressione contra o dele. Meus quadris param de se mover, o peso de suas perguntas caindo sobre mim. — Não pense nisso agora. — diz ele — É algo para outro dia. — Ele me beija, e é doce. Estou surpresa que ele seja capaz disso. Ser doce.

A memória recentemente formada dele me entregando àquele homem - e depois matando-o - vem à minha mente e contradiz cada pedacinho dessa doçura.

— Você ia deixá-lo me foder. — Eu sussurro enquanto deixo cair minha cabeça na curva de seu pescoço.

— Eu sei, coelhinha. — Ele levanta os quadris para encontrar os meus — Quando eu o vi prestes a pegar o que eu queria... — Ele solta um grunhido frustrado — Não havia como deixá-lo respirando. De jeito nenhum eu poderia deixá-lo sentir você em volta do pau dele antes de sentir você em volta do meu. — Ele me beija com tanta força que me faz choramingar — Mas agora que estive dentro de você, ninguém mais estará, incluindo a porra do seu marido.

Com suas palavras possessivas em meus ouvidos, monto seu pau e avanço lentamente em direção ao orgasmo. Já faz tanto tempo que gozei durante o sexo. Antes de ele me fazer gozar com a mão, já fazia muito tempo que eu não sentia esse tipo de prazer.

— Você está me apertando — ele diz, e eu sei. Todo o meu corpo está rígido e tenso. Meus gemidos aumentam, tornando-se mais longos quanto mais me aproximo — Onde vem seu marido?

— Na minha barriga — eu sussurro.

— Você já ficou cheia? — Ele pergunta.

Engulo em seco e balanço a cabeça. Quando Bryce me fodeu, ele não parecia gostar de estar dentro de mim. Era um lugar para empurrar sua frustração antes de despejá-la na minha pele.

Enquanto a pélvis de Lex roça meu clitóris, com seu pau bem dentro de mim, eu gozo. Suas mãos percorrem a curva da minha coluna e agarram minha bunda.

— Você vai me fazer gozar, coelhinha — Ele segura meu cabelo e estica meu pescoço para poder morder a pele da minha garganta — Eu vou encher sua boceta e então você vai me dizer se quer viver ou morrer enquanto meu gozo escorre de você.

Eu latejo com suas palavras, e isso força o prazer de seu pênis. Ele vem dentro de mim, a contração dele no fundo do meu estômago. Ele fica dentro de mim em vez de sair correndo como Bryce. Ele se deleita com o prazer que liberei dele, o prazer que ele tirou de mim.

Suas mãos percorrem meu corpo suado e agarram os dois lados da minha cabeça mais uma vez. Seu toque me faz estremecer.

— O que você quer? — Ele pergunta, sua voz ainda cheia de prazer.

Eu queria morrer e, embora essa parte de mim ainda chame, outra parte acordou e abafou a voz. Agarro suas mãos e as afasto da minha cabeça. Eu as envolvo dentro das minhas enquanto deixo cair meu peito nele, de repente me sentindo duas vezes mais pesada. Um prazer esgotado me pesa, mas o peso dos meus pecados também me esmaga.

— Diga-me o que você quer — ele diz.

— Você. — Eu sussurro, aceitando meu pecado.

E querendo mais disso.

CAPÍTULO SETE

Lex

Minha mente permanece em Selenia enquanto dirijo em direção ao próximo motel. Não percorremos muitos quilômetros, porque já era tarde quando terminei de transar com ela. Foi tudo o que imaginei e fiquei dentro dela o máximo que pude. Contanto que meu pau cooperasse. Eu tinha seu corpo quente e suado pressionado contra o meu, deixando-a chorar em meu peito até bem depois da meia-noite. Eu não era do tipo que se aconchegava – não é da minha natureza – mas poderia ter ficado ali assim para sempre.

Quando chegarmos ao motel, não tenho ideia de como ela agirá comigo. Ela quebrou na frente dos meus olhos, me pediu para fazer o impensável com ela e depois gozou no meu pau. Mas no caminho para o motel, ela não me deu nenhuma indicação de como se sentia. O sexo foi apenas um momento em que ela se sentiu vazia e me deixou preencher esse vazio? Possivelmente.

Não que possa ser algo mais do que isso, de qualquer maneira. Eu sou um caçador perigoso e ela é uma coelhinha doce.

Abro a porta do nosso quarto e entro antes dela. Acendo a luz e ela pisca acima de nossas cabeças. Ela olha em volta com muito menos desgosto do que antes. Acho que ela está se acostumando a ser arrancada de seu estilo de vida luxuoso e transplantada para quartos de motel infernais. Ainda não há comunicação entre nós. É uma estática obsoleta que estou cansado de ouvir.

Ela passa por mim para ir ao banheiro, mas eu agarro seu braço e a puxo de volta para mim. A confusão turva seus olhos quando ela olha para mim. Sua

expressão é atormentada pela culpa, e isso me irrita mais do que provavelmente deveria.

— Por que você está se culpando pelo que fizemos? — Eu pergunto enquanto aperto seu braço. Ela se encolhe com o meu toque. Não estou tentando machucá-la, mas nunca entenderei por que ela se importa tanto com o que fizemos. As pessoas tiveram casos em circunstâncias muito menos terríveis e nunca se culparam assim.

— Porque não fui fiel ao meu marido. — Ela está cheia de arrependimento e saturada de culpa.

— Supere isso, coelhinha. — O arrependimento dela não é problema ou responsabilidade minha. Ela sabia o que eu faria com ela e sabe que não me sentirei mal por isso. Agora não. Nunca. Não sinto muito por transar com ela, e com certeza não me arrependo de ter dado a ela forças para subir no banco do passageiro e seguir em frente.

— Você não entende. — Ela sussurra balançando a cabeça.

Eu agarro seu cabelo.

— Eu entendo. Fiz muita merda das quais deveria me arrepender. E talvez eu tenha feito isso por um minuto. Não me diga que não entendo a gravidade de fazer coisas que não deveria. Do que você acha que estou fugindo?

Lágrimas brilham em seus olhos.

— Por que você está servindo a vida? — Ela pergunta.

Quase soltei o cabelo dela com essa pergunta. Eu não esperava isso. Eu deveria ter feito isso, mas esqueci o que ela ouviu entre Rodney e eu. Ela descobriu mais sobre mim do que deveria.

— Qual vida? — Eu digo.

Seu lábio treme. Sim, estou cumprindo várias sentenças de prisão perpétua. Minha alma estará na prisão pelas próximas duas vidas depois desta. Ela não tem ideia do que deixou dentro dela, não tem ideia de quem ela deixou fazê-la gozar. Duas vezes.

— Se você já se arrepende de ter fodido com seu marido de merda, não me pergunte algo assim quando você sabe que a resposta vai fazer você se sentir pior. Muito pior.

— Eu quero saber. Eu mereço saber. — diz ela com um erguer desafiador do queixo.

Quem diabos ela pensa que é? Ela está louca se acha que merece algo mais do que o tempo que lhe resta antes de chegarmos ao fim da linha.

Ela tem sorte de conseguir meu pau nesse ínterim.

Eu rio, o que a faz estufar o peito.

— Vá em frente, coelhinha. — Eu a empurro em direção ao banheiro, mas ela enfia os calcanhares no carpete de merda. — Você guarda seus segredos e eu guardo os meus.

Ela pisca os olhos para mim — Diga-me o seu e eu lhe direi o meu.

Garota estúpida. Sim, o marido dela parece um pedaço de merda controlador, mas ela não sabe o que é deixar o homem que faz o diabo corar afundar em sua boceta. Quando ela souber o que fiz, ela tentará escapar novamente. Ela provavelmente vai vomitar de nojo quando descobrir que tipo de homem ela deixou entrar nela.

Ela engole em seco e eu olho para sua garganta enquanto ela balança.

— Meu marido me bate. — Ela sussurra.

— Eu sei. — Eu imaginei isso. Eu vi vislumbres de descoloração em seu corpo. Ela não está me contando algum segredo que eu ainda não descobri com base no comportamento dela. As coisas que ela disse. O medo em seu rosto. O fato de que ele a rastreou, pelo amor de Deus.

— Não... — Ela balança a cabeça. Seu olhar se desvia do meu enquanto ela levanta a manga direita, expondo hematomas que estão começando a desaparecer. Não é muito para ficar chateado. Não é difícil machucar uma garota como ela, se você for rude o suficiente, e é fácil perder o controle. É difícil para *mim* evitar deixar marcas nela.

Seus lábios tremem quando ela levanta a barra da camisa, expondo alguns dos piores hematomas que já vi em uma pessoa viva. Sua barriga e

laterais são em tons de roxo e rosa. Uma névoa amarela delinea tudo o que começou a cicatrizar. *Isso* faz meu coração acelerar. Marcas como essa teriam lhe causado muita dor. Minha boca está aberta. Não acredito no que estou vendo. Não posso acreditar o quanto isso me incomoda. Não deveria. Eu não deveria me importar.

Mas eu me importo.

Ela tem um jeito que me faz querer arrancá-la de tudo que a machuca, para que eu possa protegê-la sob minhas próprias asas esfarrapadas.

— Droga, Selenia — eu digo com os dentes cerrados. Eu entro nela e passo minha mão ao longo de seus hematomas — Como diabos você sente um pingão de culpa pelo que fizemos quando ele fez *isso* com você?

Ela mantém o olhar fixo no chão e não me responde. Eu a forço a olhar para mim levantando o queixo. Ela parece envergonhada.

— Não tenha pena de mim. — Ela sussurra, o que é uma coisa muito estranha de se dizer, mas não a coisa mais estranha que ela disse esta noite.

— Eu não tenho pena de você. Estou muito chateado, no entanto.

Ela treme com o aumento acentuado da minha voz. Parece que ela teme que eu possa bater nela. Estou *bravo*, mas não com ela. Estou chateado com o merda do marido dela. Sou uma pessoa má, o pior dos piores, mas nunca a machucaria assim. Eu nunca poderia colocar minhas mãos nela daquele jeito, mesmo que tivesse feito pior aos outros.

Não preciso ter pena dela e ela não precisa de nada de mim. Ela ganhará suas próprias asas e não precisará das minhas.

Contra o meu melhor julgamento, decido contar tudo para ela, expor meu ponto fraco e deixá-la entrar, mesmo sabendo que ela não vai gostar do que descobrir dentro de si e que isso só a afastará. Ela precisa saber com quem dormiu.

Eu me inclino para ela e chego perto de seu ouvido.

— Coelhoinha — começo, — sou um assassino. Mais do que você viu esta noite. Eu matei pessoas inocentes. Eu matei meus pais adotivos. Fui para a prisão e matei outros presos. Eu sou um assassino. É o que sempre fui.

Seu suspiro puxa o ar frio sobre minha pele. Ela luta contra a percepção de que me deixou entrar nela, uma pessoa muito pior do que ela imaginava. Pior do que qualquer coisa que ela merece.

Uma lágrima cai pelo seu rosto e quando vou enxugá-la, ela se afasta do meu toque e corre para o banheiro, trancando a porta atrás dela. É uma resposta justa descobrir que você caiu no pau de um assassino sem coração.

Selena

Oh Deus. Oh meu Deus, porra. Eu ofego contra a porta em pânico. No meu coração, eu sabia que ele era um assassino quando o vi sufocar tão casualmente e depois matar aquele homem. Tão calmo quanto assistir a um comercial na TV ou enviar uma carta. Mas eu não tinha ideia do quanto ele era um monstro. Ou que ele matou tantos. Ele está doente e distorcido. Um maldito psicopata.

E estou presa a ele.

Não me admira que ele estivesse tão disposto a me matar. Ele é um assassino experiente. A compreensão me puxa para baixo quando tenho a sensação doentia de que ele planeja me matar no final disso.

Ele tem que me matar. Ele não pode me deixar ir. Eu sei o nome dele. Eu sei demais.

Entro no chuveiro e deixo a água quente correr sobre mim, ouvindo o tique-taque pesado do relógio invisível acima da minha cabeça. Eu deveria sentir mais medo e menos aceitação do que percebi, mas se meu tempo for limitado, aproveitarei o pouco que resta. Não importa para que lado o pêndulo oscile, a morte espera em ambas as extremidades.

Eu me lavo e saio do chuveiro. Deslizo a toalha dura em volta de mim, tentando esconder os hematomas sob o tecido felpudo áspero. Quando saio do banheiro, o vapor me segue. Carrego minhas roupas nas mãos. Meus olhos avistam minha blusa e calça dobradas na cômoda. Eu as pego e cheiro. Ele deve tê-las lavado na lavanderia do motel. Provavelmente na última parada, merda.

Ele não olha para mim enquanto passo e vai para o banheiro tomar banho. Visto minha blusa e calça, mas então me lembro do que aconteceu com minha calcinha. Curvo o lábio quando me lembro de usar minha calcinha depois que ele se masturbou com ela. Ele me fez manter o tecido saturado contra minha boceta a noite toda. Ele adorava aquela pequena demonstração de propriedade e controle. Mas ele não é meu dono.

Idiota, penso enquanto pego minhas roupas.

Não sou fã dele, mas me odeio mais por gostar do que vejo quando olho para ele. Pelo que sinto quando estou perto dele. Eu o odeio por trazer à tona esses sentimentos que me partem em dois. Um lado me leva a ser a boa esposa que me disseram para ser diante de uma sala cheia de pessoas que mal conhecia. O outro lado me incentiva a me permitir brincar com os sem lei, e esse lado, com Lex, é mais forte.

Me visto e deito na cama de solteiro. Empurro a capa manchada em direção aos meus pés. O lençol abaixo parece bastante limpo, pelo menos. Eu me enrolo na cama, meu cabelo escuro e molhado encharcando a fronha esbranquiçada sob minha cabeça. Eu olho diretamente para a tinta descascada na parede... até ouvir a porta do banheiro bater.

Lex está nu. Finjo que estou dormindo, mas espio os músculos de seus braços. Ele tem o corpo de um prisioneiro — o tipo de físico que um condenado adquire quando não há mais nada a fazer a não ser malhar. Seu cabelo úmido está penteado para trás. Seus músculos tensos das costas se conectam a uma das bundas mais perfeitas que já vi em um homem. Eu gostaria de ter visto como um corpo tão perfeito teria se fundido com o meu. Perfeito versus o mais imperfeito. O arrependimento por essa saudade imediatamente me preenche.

Ele é um assassino, lembro a mim mesma.

Eu aperto meus olhos fechados enquanto ele se vira. Não estou no estado de espírito certo para falar sobre mais nada esta noite. Estou esgotada, sobrecarregada e mais cansada do que nunca em minha vida.

Lex vai para a cama ao meu lado, puxando o cobertor nojento que eu chutei. Quando ele se vira e dá as costas para mim, percebo que suas costas e sua bunda estão nuas. E contra mim. Não acredito que ele foi para a cama nu comigo. Tento me afastar alguns centímetros, mas encontro a borda do colchão. Meus olhos se fecham e espero que ele não perceba a mudança na minha respiração. Estou preocupada que ele sinta o desconforto que irradia de mim enquanto coloco os braços contra o corpo.

— É só nudez, coelhinha. Não amontoe suas calcinhas. — Ele diz sem se virar.

Suas palavras me enfurecem. Eu zombei.

— Eu não tenho calcinha para arrumar, graças a você — Puxo as pernas em direção ao peito, ficando o menor possível.

Ele ri. Ele ri, porra.

— Ah, sim, está certo.

Seu corpo para enquanto ele fica sóbrio. Ele nunca tenta se virar para mim. Ele permite o espaço entre mim e seu corpo nu.

— Boa noite, coelhinha — ele sussurra antes que o silêncio caia entre nós.

CAPÍTULO OITO

Lex

Acordo da mesma forma que fui dormir, só que agora um suor frio cobre meu corpo. O despertador ao lado da cama zumba como uma colmeia de abelhas furiosas. A hora no relógio é apenas algumas horas depois. Nada é pior do que acordar inquieto ao lado de uma maldita mulher como ela. Na verdade, ao lado de qualquer mulher, mas é especialmente difícil simplesmente existir ao lado dela.

Viro-me de costas e olho para o teto escuro. De vez em quando, os faróis iluminam a sala através do fino véu das cortinas internas. Por um tempo, fiquei preocupado com a possibilidade de o marido dela nos encontrar, mas à medida que os dias passavam, sem que ele enviasse o maldito exército para encontrá-la, não posso deixar de me perguntar se ele se importava com o fato de ela ter ido embora. Não apenas por ser casado ou pela imagem centrada no casamento que ele retratava, mas por realmente se importar com *ela*. Ela está segura? Morta? Com toda essa riqueza geracional que ele possui, por que ele não está fazendo tudo o que pode para ter sua namorada de volta? Uma garota como ela me obrigaria a fazer alguma merda para encontrá-la e trazê-la para casa.

Ela se mexe ao meu lado e prendo a respiração por um momento até que ela se acalme. Ela está me deixando ansioso. Sinto culpa e arrependimento e outra coisa que não consigo identificar. Odeio saber que terei que matá-la quando chegarmos ao Texas, mas é melhor do que mandá-la para casa, para o pedaço de merda que machucou seu abdômen daquele jeito. Não posso trazê-la comigo, não que alguém como ela apareça de qualquer maneira. A vida

fugitiva não funcionaria para uma garota como ela. Não há spas ou carros novos sofisticados em fuga.

Minha mente divaga sobre como imagino a aparência do marido dela. Provavelmente nada como eu. Provavelmente bem vestido e arrumado. Alguém que seus pais amam mais do que ela. Tudo o que sei, com certeza, é que ele é um pedaço de merda idiota que gosta de bater na mulher.

A ironia não passou despercebida para mim. Nunca tratei muito melhor as mulheres e estaria mentindo se me chamasse de algum tipo de santo. Ela é *diferente*, porém, e não consigo entender a incapacidade dele de ver isso. Como ele não pode, quando isso é tão repugnantemente claro para mim? Com tudo de bom em sua vida, ele também a tem abaixo dele.

Maldito idiota.

Meu pau endurece ao pensar nele transando com ela. Não deveria, mas acontece. Reconheço a aparência do meu lado que quer ver isso. Uma entidade familiar para mim – mas estranha para ela – que ocasionalmente grita na minha cabeça. Às vezes, esse meu lado é difícil de ignorar.

Sinto uma dor latejante desconfortável que não posso ignorar. Minha mão desliza para meu pau e mordo o interior da minha bochecha enquanto envolvo meus dedos em volta da cabeça do meu pau. Eu me cerco com o punho enquanto tento ficar quieto e imóvel, como tive que fazer quando estava lá dentro. Fui educado, pelo menos, ao contrário de alguns dos meus colegas de quarto que puxaram o aparelho alto o suficiente para acordar toda a fila.

Reprimo um gemido. Porra, eu a quero. Eu *preciso* dela. Nunca na minha vida quis arrancar tão completamente a roupa de uma mulher.

Neste momento, com a cabeça em todos os lugares errados, me viro e me aproximo de suas costas. Ela permanece imóvel enquanto pressiono meu pau duro contra sua bunda. Não há como ela não sentir isso. Passo a mão pela lateral dela, sabendo que há hematomas sob meu toque. Se ela não sentir meu pau pressionado contra ela, ela sentirá isso.

— Não finja que está dormindo, coelhinha — eu sussurro.

Ela fica tensa e tenta fingir um sono pesado quando minha mão alcança o cós de sua calça e vai para a frente de sua calça. Eu os desabotoo e abaixo o zíper. Enfio a mão no tecido recém-aberto, esfregando a pele macia da parte inferior do estômago e os pelos macios da pélvis.

— Não tem como você não sentir isso. — Eu digo em um tom abafado enquanto puxo suas calças para baixo — Estar dormindo não torna as coisas menos erradas, sabe? Fingir que estou dormindo não torna isso menos pecaminoso.

Eu puxo suas calças por sua bunda e empurro meu pau entre suas coxas. Gemo com o calor da sua boceta contra mim. Agarro meu pau e me guio para dentro dela. Os músculos dentro dela se contraem com a intrusão, e a tensão percorre todo o seu corpo. Ela ainda está tentando permanecer fiel. É uma tentativa patética e triste de lutar contra o que ela quer e o que eu preciso. O que nós dois precisamos. Ela está molhada demais para fingir que não quer isso também.

— Droga, coelhinha — eu gemo enquanto puxo meus quadris para trás e bato nela. Está muito escuro para ver seu rosto e avaliar sua reação. Espero que um par de faróis atravesse a janela para que eu possa ver seus olhos abertos. Porque eu sei que ela está acordada.

— Você está sendo infantil — eu digo com os dentes cerrados. Eu fico cansado disso. Me recuso a jogar o jogo fodido que ela inventou para evitar a realidade em que estamos. Para evitar me deixar entrar.

Afundo meus dedos no pior de seus hematomas e ela grita. Finalmente, uma maldita reação. Eu a rolo de bruços e mantenho meu pau profundamente dentro dela enquanto pressiono seu rosto no travesseiro. Suas pernas se apertam embaixo de mim, e a fricção é suficiente para me fazer querer estourar.

— Lex...

Empurro meus quadris para frente, indo mais fundo dentro dela.

— Bom dia, coelhinha — digo com um grunhido enquanto limpo o cabelo de sua bochecha.

— Você está... me machucando — ela sussurra.

— Eu nem estou fazendo nada para machucar você... ainda.

Enquanto ela ofega, a dor permeia cada respiração. Ela está molhada, esticando-se em volta de mim perfeitamente. Eu não estou machucando sua boceta. Não assim, pelo menos.

— Saia de mim... por favor — ela implora.

Apesar de quão boa ela se sente perto do meu pau e do quanto eu não quero tirar dela, eu o faço. O autocontrole nunca foi uma habilidade forte minha, então luto entre o pouco de humanidade que ela extrai de mim e tudo o que sempre fui.

Saio da cama, coloco o lençol em volta de mim e acendo o interruptor da luz, iluminando o quarto. Ela puxou as calças para cima, mas elas ainda estão desfeitas.

— Qual é o problema com você? — Eu pergunto, mais duro do que pretendo, mesmo que a umidade cobrindo meu pau me deixe *quase* com muita fome para ficar longe dela.

— Eu... — ela começa, mas o resto das palavras são sufocadas. Seu lábio treme e ela desvia o olhar do meu. Seu corpo treme e aquela garotinha quebrada, de repente, está de volta na minha frente.

Suspiro, passando a mão pelo cabelo. Reúno minha compostura o melhor que posso e ando até o lado dela na cama, uma mão ainda segurando o lençol branco em volta da minha cintura. Levanto o queixo dela com o outro, forçando-a a olhar para mim.

— O que estava machucando você? — Pergunto novamente, desta vez com mais força — Não foi meu pau, então o que foi?

— Os hematomas — ela sussurra.

— Na sua barriga? — Quando a rolei de bruços, tomei cuidado com ela. Eu tentei, pelo menos.

Ela balança a cabeça.

— Tem mais? — Eu pergunto, mas já sei a resposta. Deve haver mais marcas em sua pele do que ela me mostrou. Eu a forço a ficar de pé, e ela estremece quando agarro seu pulso machucado.

— Mostre-me. — eu ordeno. Não deixo espaço para discussão.

Quando alcanço os botões da frente de sua blusa, ela grita um não que *quase* me faz parar. Eu afasto a mão dela e volto para os botões. Ela continua se mexendo e lutando comigo. Eu solto o lençol, e ele cai em meus pés enquanto eu a jogo de volta na mesa de cabeceira. A lâmpada oscila atrás dela. Agarro seus braços e os prendo ao lado do corpo, e ela solta um gemido.

— Pare de lutar comigo — eu ferve.

— Por favor, não — ela implora. Seus olhos se arregalam de medo, como se ela pensasse que vou odiá-la quando vir o que a espera por baixo das roupas. Ou pelo menos pense diferente dela. Suas mãos vão para meus pulsos novamente.

— Se você não mantiver as mãos ao lado do corpo, Selena, vou pegar minha arma, colocá-la na sua linda cabecinha e forçá-la a se despir para mim. Sua escolha — Ela está me atormentando.

Suas mãos finalmente caem para os lados e permanecem lá. Eu desfaço os botões, um por um. Ela mantém o rosto virado para longe de mim enquanto o tecido se espalha em seu peito. Mais hematomas. Eles cobrem o esterno e lavam os seios. Não consigo nem parar um momento para apreciar as suas mamas, porque não consigo acreditar no que estou vendo.

A frente de sua calça ainda está desfeita, mas ignoro o cabelo castanho entre suas pernas e me concentro em outra mancha roxa aparecendo por baixo do tecido. Alcanço sua cintura e ela agarra meus pulsos com medo inegável em seu rosto. Ela esqueceu a ameaça que fiz porque o que estou fazendo é mais assustador do que minha arma.

— Deixe minhas calças — ela implora.

Absolutamente não.

— Não, Selena. Vou ver cada centímetro seu. Preciso saber onde você está ferida.

Lágrimas caem por seu rosto, um transbordamento descontrolado de sua dor emocional. Deslizo sua calça para baixo e minha boca fica aberta. Mais hematomas. O pior é uma marca grande que ocupa toda a extensão da parte externa da coxa esquerda. Acho que foi isso que a machucou quando a prendi sob meu peso. Meu joelho cavou naquela área, mantendo suas pernas juntas enquanto eu empurrava mais fundo dentro dela. Ou pode ter sido o peito, onde as mãos estariam presas sob os seios.

— Oh, coelhinha — eu sussurro enquanto esfrego minha mão em sua coxa, fazendo-a quase pular de dor. Eu me pergunto como não a machuquei no carro, mas então me lembrei que aquela perna teria ficado apoiada no banco de trás quando eu estava em cima dela. Tudo faz sentido.

Minha ereção desapareceu e fico pendurado entre as pernas. Ela chora enquanto tenta se cobrir novamente. Ela parece mais envergonhada do que qualquer coisa, o que me irrita de todas as maneiras erradas. Vergonha não é o que ela deveria sentir. Seu maldito marido deveria carregar esse fardo, não ela.

— Normalmente fico bem com a dor. — Ela racionaliza enquanto abotoa as calças com dedos trêmulos — Estou acostumada com isso. Mas seu joelho pressionou bem esse hematoma — ela toca a coxa esquerda — e foi demais.

Quando ela vai respirar para continuar balbuciando, aproveito a oportunidade para puxá-la para o meu peito. Ela engole as palavras em vez de continuar. Meu coração se parte por ela, e não entendo como isso acontece quando nunca tive um. Nunca senti simpatia por ninguém nem por nada. Mas a minha culpa muda na minha mente egoísta. Se ela não tivesse tentado interpretar a Bela Adormecida, eu não a teria imobilizado daquele jeito. Eu me amaldiçoo por colocar a culpa de volta nela. Fui eu quem foi muito forte.

— Doce coelhinha — eu sussurro — vou te foder e depois voltaremos para Nova York.

Ela olha para mim e tenta enxugar as lágrimas do rosto.

— Mas... por quê?

Afasto o cabelo do rosto dela. Está pegajoso com o sal das lágrimas dela.

— Porque vou matar a porra do seu marido.

Ela balança a cabeça — Não podemos.

Eu agarro seu cabelo — Qual parte?

Em vez de responder, ela deixa cair o queixo e permite que o lábio inferior trema.

— Doce coelhinha — rosno — posso responder isso para você. Claro que posso te foder. Eu estava dentro de você. E como sou um assassino, posso matar seu marido por ter deixado esses hematomas em você — Meus dedos traçam seu peito, apenas parcialmente escondido pela blusa. Coloco a mão entre suas coxas e subo, passando pelos hematomas que a fazem estremecer.

— Não podemos matá-lo.

Eu me inclino mais perto de sua boca.

— Nós não vamos. *Você* não está fazendo nada. Eu cuidarei de tudo, assim como cuidarei de você. — Eu a beijo, e sua respiração falha quando puxo suas calças para baixo. Ela sai delas e eu olho para ela. Olho completamente para ela.

Ela está nua, exceto pela blusa branca cobrindo os mamilos. Eu vejo cada hematoma. Sua fragilidade me faz sentir que preciso consertá-la, em vez de ser quem quebra mais. Retiro o último pedaço de tecido que esconde seu corpo de mim e ela baixa o olhar.

— Não tenha vergonha do seu corpo. Essas marcas não envergonham você. Elas *o envergonham*. Seu marido de merda.

Ela estremece ao ouvir a palavra *marido* e meus olhos se estreitam.

— Droga, coelhinha! Pare de se importar com ele. Ele não se importa com você.

— Mas...

— Mas nada — Eu a viro e a puxo para mais perto. Passo a mão áspera pelo grande hematoma em sua coxa esquerda e ela estremece — Isso não é de um homem que se importa.

Ela zomba.

— Sequestrar uma mulher sob a mira de uma arma está tudo bem para você? Como você chama isso?

Mordo a pele sensível de seu ombro. Meu pau endurece contra sua bunda.

— Desespero? Seu dia de sorte? — Eu digo com um sorriso enquanto beijo onde a mordi, e juro que vejo uma sugestão de sorriso em seu rosto.

Eu cuidadosamente envolvo meu braço em volta de sua cintura, tentando evitar os hematomas em sua barriga enquanto a inclino sobre a cama. Quando seus cotovelos batem no colchão, apenas a marca em seu pulso exerce pressão sobre ele. Sem dor.

Passo minhas mãos pelas laterais dela, traçando os hematomas que envolvem e lambo suas costas. Sua bunda de alguma forma permanece pálida e perfeita, sem nenhuma marca. Eu quero muito mudar isso, mas ela precisa ficar desmarcada... por agora. Preciso dar-lhe prazer enquanto lhe mostro como é ter um homem de verdade dentro dela. Um homem que é tão zangado e violento quanto eu, mas ainda assim não bateria nela.

— Lex — ela sussurra. Há um toque de saudade na palavra, um desejo que estou desesperado para ouvir.

— O que você quer? — Eu rosno — Use suas palavras. Você sabe que eu gosto disso.

— Eu quero você dentro de mim.

— Dentro do quê? Na sua bunda? Sua boceta?

— Minha... boceta.

— Boa menina.

Eu agarro seu cabelo, agarro meu pau e empurro dentro dela. Ela choraminga enquanto abaixa a cabeça e a apoia nos punhos. Ela é incrível. E ela parece incrível. Eu me inclino sobre ela e passo a mão por sua barriga até alcançar a excitação gotejante entre suas pernas.

— Droga, coelhinha — eu gemo enquanto movo meus dedos ao longo da costura de sua boceta. Seu clitóris incha sob meu toque. Eu a esfrego até que

ela se aproxime de mim para levar meu pau mais fundo. Eu a levanto para mim, passando meu braço livre em volta de seu peito.

— Seu marido é tão estúpido. Você sabe disso, certo?

Ela hesita por um momento antes de choramingar um sim.

— Eu vou te foder na sua cama, em casa. O fazer assistir. Quero que ele veja o que perdeu até seu último suspiro.

Suas bochechas ficam vermelhas.

— Lex... não fale sobre ele.

Eu rio.

— Até que ele esteja morto, vou mencioná-lo enquanto fodo com você.

Ela aperta os lábios, mas eles se espalham novamente enquanto eu esfrego círculos em seu clitóris. Eu acaricio sua área mais sensível até ela gemer — um som que adoro ouvir.

— Goze para mim — ordeno enquanto mordo seu pescoço — Seja uma boa coelhinha e venha.

Ela aperta em volta de mim, sufocando meu pau, e eu luto contra seu corpo para ficar profundamente dentro dela. Eu a esfrego até que ela estremeça contra meu aperto em seu peito. Enquanto ela tem espasmos, seu corpo desce das violentas contrações de seu orgasmo, eu bato meu polegar para frente e para trás sobre seu clitóris.

— Lexington — ela sussurra.

Odeio meu nome completo, porque é o nome que aparece em todos os formulários, em todos os jornais, divulgados em toda a internet. Eu odeio quando as pessoas me chamam de Lexington, porque quando o fazem, isso chama *ele*, a pessoa que estou tentando não estar perto dela. Isso chama o meu lado que eu desprezo. A parte de mim que pensa nela e no marido juntos. A parte de mim que não quero deixar sair para brincar com ela.

Eu odeio esse nome, mas quando ele sai de seus lábios entreabertos dessa maneira, eu adoro.

No momento em que chegarmos ao Texas, estarei fora de suas mãos – fora de seu cabelo e de sua boceta. Eu pretendia matá-la, eliminando qualquer chance de ela oferecer informações à lei sobre meu paradeiro. Mas agora?

Decidi que vou libertar o coelho.



HITCHED
RIDE OR DIE, 1

CAPÍTULO NOVE

Selena

Eu não consegui acreditar que ele quis dizer o que disse ontem à noite quando mencionou voltar para Nova York. Achei que ele mudaria de ideia ou que disse isso só para dormir comigo. Não pensei que ele se viraria quando estávamos tão perto de sua liberdade. Eu não esperava que ele voltasse por nada, nem mesmo para colocar as mãos em Bryce. Não vale a pena ser pego, e se Lex for pego, acabarei sozinha com o verdadeiro monstro: meu marido.

Observo Lex do banco do passageiro enquanto ele dirige. De vez em quando ele lança um olhar para mim e dá um rápido sorriso.

— Devíamos voltar. — Digo, balançando nervosamente o joelho ao lado do console central.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Nós *vamos* voltar.

Eu zombei.

— Você sabe o que eu quero dizer. Voltar pelo caminho que estávamos indo. Longe daqui.

— Coelhinha, pare. — Ele diz com um tom severo que me faz calar a boca — Se você vai ser tagarela, use-a de uma maneira melhor.

Meu queixo cai com suas palavras descaradas. Ele fala comigo como se eu fosse sua prostituta, um brinquedo para usar. E agora, com ele, quero brincar assim. Meus olhos pousam no pau duro sob o zíper de sua calça jeans. Minha perna para de tremer enquanto olho para ele.

Ele estende a mão e a agarra, acariciando minha palma.

— Você acariciou o pau do seu marido?

Concordo com a cabeça, mantendo meus olhos nele.

— Mostre-me como. — Ele leva minha mão até o zíper. Penso em discutir — acredite, considero — mas uma dor no estômago mantém minha mão no lugar.

O jeans raspa nas pontas macias dos meus dedos enquanto os arrasto em direção ao botão. Engulo em seco, me inclino e abro suas calças. Ele não está usando boxers, me dando um vislumbre de seu pau.

— Não seja tímida. Você já viu tudo. — diz ele enquanto revela completamente seu pau, cansado de eu demorar para expô-lo. Sua mão percorre seu eixo antes de circular sua cabeça e pousar no volante novamente. Olho para a gota de pré-sêmen em sua cabeça e sinto culpa no momento em que escorre pela curva.

Enfio meus dedos em sua calça jeans. Ele já esteve dentro de mim — duas vezes. Ele já me fez gozar — três vezes. Acariciar seu pau dificilmente parece importar neste momento. Posso simplesmente adicioná-lo à minha lista de pecados.

Respiro fundo antes de envolver a pele quente com a mão.

— Boa menina — ele geme. Seus dedos cravam no volante enquanto eu o acaricio. Apesar do balanço suave dos quadris, ele mantém o carro firme na estrada, o que é muito melhor do que eu.

— Eu preciso da sua boca, coelhinha — ele diz com um gemido.

Eu balanço minha cabeça.

— O quê? Não posso. Você está dirigindo.

— Então? Fique de joelhos e incline-se no meu colo.

Eu balanço minha cabeça.

— Agora, coelhinha! Não me faça pedir de novo. Você pode me sugar do seu jeito ou do meu jeito, você escolhe.

Eu odeio quando ele dá escolhas. Elas nunca são boas.

Engulo o nó na garganta e solto o cinto de segurança. Giro a cabeça, olhando para a estrada silenciosa e vazia.

— Tudo bem — eu digo enquanto fico de joelhos.

Quando me inclino sobre seu colo, ele agarra meu cabelo, afastando-o do meu rosto e prendendo-o na mão. Eu o levo em minha boca. Ele geme de uma forma que sacode todo o seu corpo, como se eu tivesse enviado uma onda de choque através dele. Eu o chupo, e seus quadris pulsam em direção à minha boca, me forçando a tomar mais dele. Sua mão deixa meu cabelo e planta na minha bunda. Seus dedos roçam minha parte inferior das costas enquanto sua mão retorna ao meu cabelo. Ele me tira de seu pau e eu olho para ele.

— Ele faz você chupar o pau dele? — Ele pergunta.

Eu concordo.

— Ele foi o primeiro homem em quem você fez?

Dou-lhe outro aceno de cabeça, esforçando-me contra seu aperto. Ele apenas sorri para mim enquanto me empurra para baixo em seu pau. Ele geme quando minha língua encontra sua pele novamente.

— Doce coelhinha, você tem a melhor boca que já senti.

Seu pênis empala o fundo da minha garganta quando ele empurra os quadris para cima, o que me faz engasgar. Um grunhido profundo sai dos lábios de Lex. Lágrimas escorrem dos meus olhos enquanto eu me afasto o suficiente para não vomitar, e respiro rapidamente pelo nariz antes que ele me empurre para a base de seu pau. Eu engasgo novamente, mas ele me segura lá para me impedir de me afastar dessa vez. Minha garganta aperta e uso meus lábios para proteger sua pele quente dos meus dentes. Todo o meu corpo estremece. Ele me solta para que eu possa respirar sem enterrar o nariz na pele e no cabelo.

— Deus, eu amo como você engasga com meu pau. Seu marido é tão grande quanto eu? Ele já fez você vomitar assim?

Eu me afasto de seu pau e balanço minha cabeça. Bryce não era nada grande, graças a Deus. Ele a teria usado como arma se fosse tão abençoado quanto Lex.

Ele enxuga as lágrimas do meu rosto e lambe a evidência salgada do que fez comigo. Ele geme e me puxa para beijá-lo, fazendo-me sentir o gosto das

minhas lágrimas também. Ele segura meu cabelo com mais força, e vejo carros passando enquanto ele me puxa de volta para seu colo. Os outros motoristas podem me ver, fazendo o que estou fazendo, e minhas bochechas ficam vermelhas de vergonha. A ponta do seu pau toca meus lábios.

— As pessoas podem me ver — lamento contra ele.

— Bom. Você é uma coelhinha chique. Você deveria ser exibida — ele rosna antes de me empurrar de volta — Se você continuar tirando a boca de mim, vou fazer você subir no meu colo e montar no meu pau. Sua escolha. — Ele levanta os quadris e empurra seu pau para o fundo da minha garganta. Eu sufoco o ar.

— Boa menina — ele sussurra — Deslize a mão pelas calças e brinque consigo mesma.

Tento me afastar para falar, mas ele me mantém no lugar.

— Lembre-se do que eu disse — ele me diz com a mandíbula tensa.

Não tenho escolha a não ser ouvi-lo. Minha mão percorre a frente da minha legging e fico surpresa com o quanto estou molhada. Este não é realmente o tipo de coisa que me anima, mas há *algo* na maneira como ele reage ao meu toque e na sensação da minha língua percorrendo a curva perfeita do seu pau que me excita.

Esfrego dois dedos ao longo da minha fenda. Ele controla a velocidade da minha cabeça enquanto eu controlo o que acontece entre minhas pernas. Meus gemidos vibram contra seu pênis, e o gemido selvagem que ele libera vibra contra *mim*. À medida que me aproximo do meu limite, sinto a necessidade de tirá-lo da minha boca. Os músculos tensos do meu corpo tornam mais difícil manter os dentes longe dele.

— É demais para você? Está tendo problemas para manter esses dentes longe do meu pau? Você pode morder, doce coelhinha. Você não pode me machucar.

Balanço a cabeça o melhor que posso.

— Tudo bem. Tire sua boca de mim para que você possa gozar, mas não se atreva a parar de acariciar.

Eu o puxo da minha boca e ofego enquanto envolvo minha mão em torno dele e continuo acariciando seu pau. Ele ainda está molhado da minha saliva. Com a mão passando pelo meu cabelo, ele traz meu rosto para o dele e me beija com força. Seus olhos observam a estrada enquanto sua boca se move contra a minha, me levando ao limite.

— Goze para mim, coelhinha — ele geme.

E eu faço. Eu gozo com tanta força, deixando cair meu peso sobre ele e fazendo-o desviar.

— Isso é bom? — Ele pergunta com um sorriso.

— Foda-se — eu digo com uma risada cheia de prazer.

A sobancelha de Lex se levanta.

— Eu queria gozar dentro de você novamente, mas estava tentando ser receptivo e me contentar com sua garganta. Não vai funcionar. Eu preciso da sua boceta.

Meu queixo cai e eu balanço a cabeça. De jeito nenhum eu vou montar no pau dele enquanto ando a cento e vinte quilômetros por hora na estrada.

Lex se inclina e bate na barra para empurrar o banco para trás.

— Eu não vou fazer isso. — Eu digo.

— Coelhinha — ele diz com firmeza, e o gelo em seu tom me obriga a reconsiderar — Tire suas calças.

Lá está aquela voz de novo — a voz que me deixa fraca, porque é muito forte.

Eu olho para ele, tentando ignorar o trovão do meu coração rugindo em meus ouvidos. Engancho meus dedos no cós da minha leggings e puxo-a para baixo. Estou uma bagunça pegajosa e molhada por conta própria.

— Suba no meu colo — Ele bate na coxa.

Engulo em seco, examinando a estrada mais uma vez antes de subir cuidadosamente na frente dele, tentando não bater no volante enquanto olho pelo para-brisa. Ele deixa cair uma mão e me ajuda a sentar em seu colo. Ele agarra meu quadril, afunda dentro de mim e solta um grunhido que provoca

um arrepio na minha espinha, até o ponto do quadril que ele está segurando. Ele tira a outra mão do volante e agarra meu outro quadril.

— Dirija. — Ele diz com um gemido — Se eu tentar dirigir enterrado em sua boceta perfeita assim, posso matar nós dois. — Seus dentes arranham meu ombro antes de morder meu pescoço — Eu não vou durar muito com você. Sua boceta está tão molhada. Tudo do meu pau, hein?

— Sim — eu choramingo, e tento manter meus olhos na estrada e minhas mãos no volante enquanto ele empurra contra mim. Ele é tão profundo que fica difícil manter o carro em linha reta.

— Eu vou gozar — ele sussurra. Seus quadris pulsam antes de se acomodarem embaixo de mim. Faço um movimento para sair de seu colo, mas ele me segura no lugar — Ainda não, coelhinha — Ele desliza as mãos dos meus quadris para o volante na minha frente — Quero sentir você perto de mim por mais algum tempo.

Suspiro e encosto em seu peito enquanto ele dirige. Seu pau se contorce dentro de mim, e eu paro de me importar com o carro ocasional que passa enquanto me sento no calor de seu pau. Ele beija o topo da minha cabeça, o que quase não parece real.

Ele não parece ser do tipo doce. Mas, novamente, isso também não é quem eu sou.

CAPÍTULO DEZ

Lex

Estou sendo incrivelmente burro por causa de uma mulher que não teria me dado atenção se eu não a tivesse forçado. Eu sou procurado. Todas as agências de aplicação da lei em Nova York estão me procurando ativamente, mas aqui estou eu, voltando ao centro de sua busca. Estou correndo um grande risco ao nos trazer de volta aqui, mas não posso deixá-la ir para casa com *ele*. Tenho que protegê-la, mesmo que ela não esteja comigo.

Especialmente, se ela não estiver comigo.

Não tenho certeza de como ela se sente sobre tudo. Se ela pensa que estou brincando quando digo que pretendo matar o marido dela, ela terá uma grande surpresa. Vou me livrar desse pedaço de merda e quando chegarmos ao Texas, posso ir embora sabendo que ela estará segura.

Quando é que eu me importei com a segurança de alguém além da minha? Nunca. O velho eu teria desejado a ela boa sorte e a deixado ir para casa, para aquele saco de merda. Ou eu simplesmente a teria matado. De qualquer forma, esse comportamento altruísta é muito novo para mim.

Passamos pela escuridão. Desvio em uma saída, o que desperta o interesse de Selenia.

— Onde estamos indo? — Ela pergunta. Sua voz está pesada de exaustão. Estamos ambos cansados. Não posso mais dirigir, e ela também não deveria.

— Eu quero te mostrar algo. Além disso, motéis neste estado seriam muito arriscados.

Dirigimos por uma estrada densa com árvores em ambos os lados, e eu paro para o lado do asfalto, escondendo o carro entre os arbustos crescidos antes de desligar o motor. Saio do carro, abro a porta e lhe ofereço minha mão. Ela olha para mim.

— Vamos, coelhinha.

Ela respira fundo antes de pegar minha mão e sair do carro.

Os grilos cantam e quebram o silêncio. Há pouco para ver, exceto vagalumes piscando entre as árvores. Ela envolve os braços em volta de si mesma. Não tenho certeza se é por medo do escuro ou o quê. Ela já deveria saber que eu a protegeria, mesmo que seja eu quem a arraste para o perigo em primeiro lugar.

— Você está bem. — digo a ela, embora sinta seu olhar queimar através de mim.

Quando chegamos ao fim do caminho, pulo nas pedras e me abaixo para alcançá-la. Ela suspira e coloca a mão na minha enquanto eu a ajudo a se levantar. Um suspiro agudo deixa seus lábios no momento em que seus pés atingem a pedra abaixo dela.

Temos vista para a cidade abaixo. Luzes em todos os edifícios pontilham a paisagem. Parece surreal. Assim como eu lembrava, mas melhor, porque Selena está aqui para curtir comigo.

— O que é este lugar?

Eu engulo em seco.

— Um lugar que eu costumava vir quando era mais jovem. Um lugar seguro quando meus pais adotivos estavam sendo extremamente ruins.

Sento-me na beira do penhasco, balançando as pernas. A sujeira cai da sola dos meus sapatos.

— Venha sentar-se — eu digo. Ela se aproxima e se agacha para tirar a grama. Eu inclino minha cabeça para ela — Até mesmo os coelhos sofisticados ficam sujos — Eu a puxo para o meu lado e ela se joga na grama bufando. Eu odeio essa expressão no rosto dela. O julgamento.

Ela limpa a garganta.

— Eu não estou acostumada a...

— Sujar seus jeans de grife? — Pergunto com um tom irritado.

Ela balança a cabeça.

— Isso não foi o que eu quis dizer — Ela suspira. — Não estou acostumada a ser livre.

Oh.

— Nem eu — Deito-me, deixando cair a cabeça sobre as mãos. Minha camisa sobe e sinto a verdadeira liberdade contra minha pele enquanto o vento sopra sobre nós.

A lua ilumina sua silhueta e respiro fundo. Ela está tão bem por estar por perto. Ela quase é como uma amiga. De qualquer forma, é o mais próximo de ter um amigo que já conheci. Mas eu sei que é tudo fingimento, e isso me deixa meio..... triste. Não fiquei triste quando fui condenado à prisão perpétua, condenado novamente e mais uma vez. Não me lembro de alguma vez ter me sentido triste assim. Desliguei essa emoção desde muito jovem. Eu precisei. Eu não teria sobrevivido se me permitisse sentir qualquer coisa além de raiva e ódio por mim mesmo ou por qualquer outra pessoa.

— Deite comigo, coelhinha — eu sussurro enquanto agarro seu ombro e a puxo para mim. Como se ela tivesse escolha. Ela fica tensa antes de relaxar em mim.

O silêncio nos cobre, exceto pelo som da natureza. Isso é algo que não ouço há mais de uma década. Fecho os olhos e me banho nele. Ouvir algo diferente dos gritos dos outros presidiários é incrível.

Selena estremece e eu me sento o suficiente para tirar minha camisa de mangas compridas e oferecê-la a ela. Ela hesita antes de pegá-la e colocá-la. Deito-me, não me importando com a grama áspera sob minha pele nua, porque pelo menos posso senti-la em vez do colchão áspero da minha cela.

Ela traça minhas tatuagens, ou o que consegue ver delas sob a luz da lua. Não tenho orgulho de todas elas e sou grato por ela não perguntar sobre enquanto as pontas dos dedos deslizam pela minha pele. Eu não andava com

as melhores multidões lá dentro. Não que qualquer um de nós possa ser considerado o melhor público.

Sua mão cai e roncos suaves vêm ao meu lado. A maneira como ela está aconchegada em mim parece estranha pra caramba. Sempre estive sozinho, principalmente na prisão. Lá, a solidão era uma dádiva de Deus. Enquanto crescia, eu tinha que aceitar ficar sozinho, porque estar sozinho significava que eu não levaria uma surra do homem pago para cuidar de mim.

Eu fecho meus olhos.

— Boa noite, coelhinha — eu sussurro enquanto me deixo cair no sono.

Selena

Acordo com um arrepio do ar frio da manhã percorrendo minha bochecha. O orvalho fresco molha minha pele. Os pássaros cantam em algum lugar próximo. Olho em volta, tentando me orientar. Estou no braço de Lex, o que é uma loucura. Ele está sem camisa e eu estou vestindo a camisa dele. Ele me deu quando eu estava com frio. Ele é uma contradição ambulante. Ele parece quase..... doce. Sereno.

— Bom dia — ele diz enquanto abre os olhos azuis. Sua pele se endurece com o frio matinal. Ele se inclina e passa um braço forte em volta de mim, mas eu o afasto. Não vamos nos abraçar assim. Não podemos.

Ele não se ofende por eu encolher os ombros enquanto se senta, puxa o braço debaixo de mim e se levanta. Ele abaixa a mão e sorri.

— Venha, coelhinha, — ele sussurra.

Agarro sua mão e fico em pé sobre as pernas que parecem pesadas. Estou rígida por ter dormido ao ar livre, no chão fresco. Caminhamos em direção ao carro, mas ele me puxa para a direita antes que ele apareça.

— Lex, o carro está naquela direção. — Aponto para trás o caminho por onde viemos.

— Excelente observação.

— Onde estamos indo?

— Você confia em mim? — Ele pergunta enquanto eu cravo meus calcanhares no chão.

— Não, realmente não.

Ele olha para mim e ri.

As árvores se abrem e expõem um grande lago. A luz solar matinal reflete-se na água escura. Ondulações flutuam pela superfície com cada sopro de brisa, e um pequeno pássaro desfila ao longo da margem oposta, bicando aqui e ali para o seu café da manhã.

Observo enquanto Lex desamarra os sapatos e tira as meias. Ele desabotoa e abre o zíper da calça jeans e deixa o tecido se espalhar, expondo os pelos macios e claros de sua pélvis. Minha boca fica aberta enquanto ele tira a calça jeans. Seu pênis está mole, pendurado contra sua coxa, mas a enxurrada de memórias dele sendo duro rasga através de mim, aquecendo meu corpo.

— Sua vez, — ele diz com um sorriso sedutor.

— O quê? Não. Não vou nadar nisso — digo a ele, como se tivesse alguma palavra a dizer sobre o assunto.

— Tire a roupa, coelhinha, ou irei fazer isso por você.

Eu faço beicinho. Infantil, sim, mas *não* quero entrar naquela água.

Quando ainda não tiro minhas roupas, ele se aproxima e cumpre sua ameaça. Ele me tira até que eu fique nua na frente dele. Seu pau agora está duro e pressionado contra minha barriga.

— Por que você sempre quer lutar comigo? Você é a coelhinha e eu sou o coioote. Eu sempre vencerei.

Eu olho para ele, meu lábio inferior tremendo junto com o resto do meu corpo. Minha pele congela e nem o sol é suficiente para aquecê-la. Ele me agarra, pressionando seu pau duro contra a parte inferior das minhas costas enquanto eu me debato. Ele me carrega até o lago e me joga dentro. Eu grito até minha cabeça submergir e continuo a gritar no momento em que ressurge. A água não está tão fria quanto eu esperava e não sufoca o ar dos meus pulmões. É quase refrescante, mas ainda assim, foda-se ele.

— Foda-se, Lex!

Ele sorri e pula atrás de mim. Quando ele vem à tona, ele balança a cabeça, o cabelo caindo para trás. A água escorre de seu nariz e lábios, e ele parece tão bonito neste momento. Odeio o quanto quero absorver todas as suas feições encharcadas e nuas, e guardá-las na memória. Parece que ele foi esculpido pelo próprio diabo.

Eu chuto meus pés para manter minha cabeça acima da água enquanto ele fica parado. Ele é irritante assim. Ele se aproxima e me envolve em seus braços. Eu firmo minhas pernas e flutuo enquanto ele me segura.

— Coelhos não gostam de nadar, né? — Ele diz enquanto enrola minhas pernas em volta de sua cintura.

— Não à força.

— Tudo isso foi à força — diz ele com um sorriso malicioso. Lex afasta o cabelo do meu rosto. — Você nadou muito bem até agora.

Meu coração bate forte contra meu peito. O sol brilha em meus ombros pálidos. O mundo derrete ao nosso redor, pingando como a água de nossos corpos nus.

— O que você quer, coelhinha? — Ele sussurra. Eu não percebi que estava olhando tão fixamente para seus lábios até que ele falou. Suas palavras pintam novamente a paisagem, pontilhando-a de árvores. Seu dedo percorre meu lábio inferior carnudo.

— Se você quer um beijo, você precisa aceitá-lo.

Eu não vou beijá-lo. Ainda parece muito errado. Mesmo que ele tenha me feito gozar, não foi iniciado por *mim*. Ainda posso me apegar a esse fato

estúpido. Finjo que minha recusa em iniciar significa que, de alguma forma, neguei a enorme quantidade de infidelidade em que já nos envolvemos.

Mesmo que meus pensamentos sejam infiéis.

— Você é tão teimosa — ele diz quando não faço nenhum movimento. Sua mão envolve minha nuca e me puxa para ele. Ele me beija e eu deixo. Um gemido frustrado deixa seus lábios frios e úmidos. — Vou levar você de volta para o carro, deitar você no capô e te foder com a minha boca.

Ninguém nunca falou assim comigo. É emocionante e igualmente assustador. Posso contar nos dedos de uma mão o número de vezes que Bryce caiu em cima de mim e lembro-me do movimento obsoleto de sua mandíbula ao fazê-lo. Parecia uma tarefa árdua para ele. Tenho a sensação de que Lex vai me comer como se eu fosse sua última refeição antes de morrer. Ele caminhará para sua execução com a barriga cheia de cada momento desde que nos conhecemos. Ele vai me deixar sentindo-me devorada, nunca feliz com o banquete de qualquer outro homem. E ele sabe disso quando sua mão sobe pela parte de trás das minhas coxas e agarra minha bunda.

Eu me afasto dele e começo a nadar pelo lago, chutando os pés enquanto piso na água com as mãos. O pensamento me excita e cutuca um lado brincalhão meu que eu não sabia que tinha. Provavelmente sempre tive esse lado, mas nunca tive permissão para deixá-lo vir à tona até agora, na liberdade de um lago sereno com um homem como Lex.

— Onde você está indo? — Ele liga.

— Pegue-me se puder, predador — Soltei uma risada.

Ele rosna e sai atrás de mim enquanto nado para longe da costa. Quando o lago fica muito fundo, ele nada em minha direção, seu corpo musculoso cortando a água como uma bala. Prendo a respiração, mergulho e impulsiono-me sob a superfície fria. Os sons são abafados e um silêncio sufocante me envolve. Abro os olhos e observo os verdes e marrons de cada lado de mim. Não consigo ouvi-lo nem sentir nenhuma mudança na água, mas sei que ele está lá, no meu encalço. Sinto sua respiração em meu pescoço, mesmo sabendo que não é possível.

Quando meus pulmões imploram por ar, levanto-me para respirar rápida e vigorosamente. Eu não consigo vê-lo. Ondulações da água interrompida rolam para longe de mim. Quando me viro para nadar em direção à costa, ouço-o emergir atrás de mim.

— Presinha sorrateira — diz ele. Não preciso me virar para saber que seus olhos adquiriram um tom mais escuro. Eu ouço isso em sua voz. É uma fome visceral à espreita logo abaixo da superfície que gela minhas veias e me diz que isso não é mais diversão e jogos. Quando ele me pegar, ele vai me devorar.

Eu chuto minhas pernas e me empurro em direção à costa. Tenho que nadar muito depois que ele consegue andar, mas ainda assim consigo primeiro. Por muito pouco. O fundo rochoso arranha meus joelhos enquanto tento ficar de pé e fugir dele. Não consigo olhar para trás, porque ele está apenas alguns passos atrás de mim.

A grama amortece meus pés descalços, agulhas de pinheiro grudadas em meus tornozelos molhados e posso ouvir seus passos pesados e dedicados se aproximando. Eles trovejam em meus ouvidos e competem com meus batimentos cardíacos. Não tenho escolha a não ser deixar minhas roupas para trás enquanto vou em direção ao carro.

Meu coração quase bate no peito, pronto para rasgar meu esterno. Eu instiguei a perseguição e agora sou eu que me sinto caçada. Com medo. Mas eu deveria estar. Escolhi um verdadeiro predador para me perseguir — para me caçar como a coelhinha que ele pensa que sou. É tudo tão idiota. No momento em que ele colocar as mãos em mim, estou pronta. Nenhuma quantidade de súplicas o impedirá de conseguir o que deseja. O que ele capturou. Por que ele suava tanto.

Toco o capô prateado do meu carro. Está quente por causa dos primeiros raios do sol. Assim que meus dedos pousam no metal quente, braços fortes me agarram. Ele ofega na minha orelha; é a pior frustração que já vi. Como um predador que perseguiu sua presa, apenas para vê-la girar no último momento e escapar de suas poderosas mandíbulas. Apenas... Eu não escapei e não poderei agora.

Ele está tentando se conter e manter o controle. Sinto isso no tremor dos músculos de seu corpo forte. Lex rosna enquanto me vira e me empurra contra o capô do meu carro. Ele me levanta e me deita de costas. Ele me tem em suas mãos e não parece ter qualquer intenção de me deixar ir. Pedacos de seu cabelo penteado para trás caem sobre sua testa, e ele os penteia para trás com um movimento frustrado.

— Isso foi realmente estúpido, coelhinha — Ele está tão perto da minha boca que sinto cada sílaba contra meus lábios.

Eu sei que foi estúpido. Ele não precisa me lembrar. Não tenho ideia de por que fiz isso. Acabei de fazer isso e agora estou nas garras do predador mais perigoso que já conheci. Ele não é um coiole. Ele é um lobo. Uma criatura majestosa e bela que felizmente me despedaçaria.

— Eu quero rasgar você, te levar — ele geme — Mas eu estou tentando... realmente tentando... para fazer você se sentir bem.

O metal me queima quando ele me puxa em sua direção e levanta minhas coxas. Tento mantê-las fechadas, mas ele os rasga com um toque áspero. Seus dedos fazem com que os hematomas nas minhas coxas doam, e quando eu recuo, ele ignora a dor e os mantém abertos.

— Não feche essas pernas. Eu disse que iria deitar você neste maldito bairro e te foder com a minha boca.

E ele faz. Oh Deus, ele faz isso. Ele enterra o rosto entre minhas pernas e me lambe como se estivesse arrancando a carne dos meus ossos com a língua. É suficientemente áspero que eu levante as ancas para colocar algum espaço entre a minha rata e a sua boca. Ele solta uma das minhas coxas e coloca a mão espalmada na minha pélvis, me empurrando contra o metal.

— Não se afaste de mim. Fique aqui e deixe-me pegar o que peguei — Ele olha para mim por entre as minhas pernas — Não comece um jogo que você não aguenta perder.

Estremeço com suas palavras e ele enterra o rosto em mim novamente. Ele me mantém firmemente plantada contra o metal. Seus dentes raspam o capuz do meu clitóris enquanto ele o chupa, e é diferente de tudo que eu já

senti – uma dor desconfortável e um prazer lutando pela sobrevivência dentro de mim.

— Lex — eu sussurro.

Ele não responde, apenas enfia três dedos dentro de mim. Eu grito enquanto ele me estica. É muito repentino. Eu não estava pronto para isso. Não estou pronta para nenhuma parte dele.

Eu nunca estarei.

Com os dedos dentro de mim, ele começa a me lambe novamente.

— Adoro quando você geme, coelhinha — ele sussurra contra meu clitóris — Isso me mostra que você esqueceu que é casada por alguns minutos. Esquece que sou o cara mal e que você me deixou fazer você gozar.

Ele rosna e mergulha a língua dentro de mim antes de puxá-la e passá-la sobre meu clitóris em um longo golpe.

Enterro minha mão em seu cabelo e o puxo para mim, incapaz de resistir ao prazer crescente entre minhas pernas.

Ele se afasta de mim.

— Eu diria para você tirar a mão de mim, mas quero sentir você forçar minha boca em sua boceta quando gozar.

Eu tremo com suas palavras sussurradas.

Seus dedos empurram mais fundo dentro de mim, e minha umidade quente passa por eles. Ele me fode com os dedos enquanto me trabalha com a língua até eu ter espasmos ao redor dele. Meu peito sobe, levantando minhas costas do capô do carro. Eu supero meu orgasmo com algumas lambidas longas de sua língua que me deixam empurrando meus quadris contra sua boca com cada sensação intensa.

Ele me puxa do capô do carro, o metal raspando minha pele coberta de suor. Ele me vira, coloca minhas mãos no capô e cai de joelhos. Antes que eu possa dizer uma palavra, sua língua se move pela minha fenda e continua subindo. Eu suspiro quando ele chega ao único lugar em mim onde ainda não colocou a boca.

Oh Deus, não estamos fazendo isso.

Tento me afastar dele, mas ele agarra meus quadris e me segura.

— Não, Lex — eu digo com firmeza. Mesmo quando sua língua começa a ficar bem ali. Diferente.

— Shhh, coelha. Quando eu te comer, quero devorar você *inteira*. As presas não questionam como estão sendo comidas, elas apenas deixam o predador se saciar.

Ele me lambe e eu me surpreendo quando um gemido sai dos meus lábios. Isto está errado. Parece tão errado. Mas por que também é bom? Sujo? Áspero? Como o homem atrás de mim.

— Cada pedacinho de você tem gosto de uma iguaria que eu não deveria comer. Algo muito chique para mim.

— Lex — eu digo com um gemido, e estendo a mão para agarrar seu cabelo. Surpreendo-me mais uma vez quando não é para afastá-lo, mas para mantê-lo ali.

Ele empurra os dedos dentro da minha boceta, e fico impressionada com as sensações novamente. Ele me fode com os dedos e me lambe até que me encontro oscilando em outro limite que nunca esperei.

Um que eu nunca conheci.

Deixo cair minha mão livre de volta no capô e me firmo enquanto ele me leva a outro orgasmo.

— Porra — gemo, e ele me dá um forte impulso em resposta. Seus dedos saem de mim para esfregar meu clitóris, circulando até que ele passe por cima dele, batendo diretamente em meu capuz. É uma sensação que instantaneamente me leva ao limite, como um pulso de eletricidade a cada golpe de seu polegar.

Coloco as duas mãos no capô. Minhas coxas tremem e luto para ficar de pé. Ele bate no meu clitóris enquanto eu acompanho o meu orgasmo com um gemido.

— Boca safada para você — ele diz rindo enquanto desliza a língua de volta na boca e se levanta. Ele limpa o queixo, que está coberto pelo meu gozo

— Eu sabia que você gostaria disso, coelhinha suja. Aposto que seu marido *nunca* comeu você assim.

Eu olho para ele, uma pitada de medo rastejando sobre mim quando reconheço a escuridão em seu olhar. Ele envolve a mão na frente da minha garganta e aperta.

Por um momento me pergunto se é isso. Se ele vai me matar.

— Pegue suas roupas e entre na porra do carro — ele rosna e afrouxa meu pescoço.

— O que eu fiz? — Eu pergunto.

— Você não fez nada de errado. Sentir isso em meus dedos, o aperto da porra da sua boceta apertada, me faz querer colocar meu pau dentro de você, mas se eu te foder agora, vou *te* rasgar — Ele me força a dar um passo para trás, minhas coxas batendo no para-choque dianteiro — Eu não quero machucar você como machuquei outras pessoas, então vista sua bunda sexy e entre no carro antes que eu te rasgue em duas e faça você me odiar.

CAPÍTULO ONZE

Lex

Selena fica em silêncio ao meu lado. Não tenho certeza se é porque a assustei quando mostrei a ela quanto controle foi necessário para me conter na floresta ou se ela está começando a perceber a gravidade de para onde estamos indo à medida que nos aproximamos de sua casa. Ela se tornou culpada quando me deu as instruções para chegar à casa dela.

— Qual é o problema, coelhinha? — Eu pergunto.

— Nada. — Ela sussurra. Mas eu sei que ela está mentindo.

Eu sorrio para ela.

— Você está brava por eu não ter te fodido lá atrás? Ou você está preocupada com o que farei com você quando chegar em casa? — Estendo a mão e afasto o cabelo do rosto — Ou você está com medo do que farei com seu marido?

Ela desenha o rosto do meu toque.

Coloco minha mão na parte interna de sua coxa, afasto suas pernas e agarro a pele onde estão seus hematomas.

— Ele selou seu destino quando colocou isso em você e eu os vi. Um pedaço de merda como esse não merece você.

Eu odeio isso, mas é verdade. Ela é a primeira mulher por quem sinto algo. Não tenho certeza do que estou sentindo, porque nunca senti isso antes, mas é *alguma coisa*. Quando vi aqueles hematomas, senti que precisava protegê-la e me vingar de sua dor. Por que outro motivo eu arriscaria ser pego de novo? por causa de alguma boceta?

Ela não é só isso, no entanto. A boceta dela pode ser incrível, mas há muito mais ali. Mesmo sendo de mundos totalmente diferentes, reconheço um pouco da dor dela. Vejo alguém que foi decepcionada por todas as pessoas em sua vida, assim como eu. O que diferimos é que ela engole, deixando que isso a corroa por dentro, em vez de ficar com raiva e violenta. Sacrifiquei minha liberdade para fazer as pessoas sentirem um pouco da dor que senti.

Estou me esforçando tanto para dar a ela a liberdade que ela merece.

— Responda-me — eu digo enquanto esfrego sua coxa onde eu agarrei — O que está incomodando você?

Ela olha para mim, seus lábios apertados.

— Eu me sinto mal por estar animada.

Eu sorrio para ela.

— Oh, coelhinha, estou passando para você — Minha mão continua subindo por sua coxa — Mas não deixe muito de mim entrar em você. Você é boa demais para ele, mas também boa demais para mim.

A maneira como ela faz beicinho com as minhas palavras me faz querer encostar e rasgar ela da maneira mais egoísta possível, como se ela fosse a última mulher que eu estaria dentro antes de voltar para a prisão.

O que ela provavelmente é.

— Por que você não dormiu comigo lá atrás? — Ela pergunta. Finalmente.

Adorei que ela tenha me perguntado isso. Porra, adorei. Significa que ela quer. Ela me quer, mas eu preciso dar a ela.

— Lembra quando você disse que realmente não confiava em mim? Eu também não confio em mim. Eu ia machucar você lá na floresta. Não intencionalmente, é claro, mas eu estava apenas a um movimento de seus quadris de ficar fora do ponto de controle.

Espero que ela recue ou fique com medo de mim, mas sua expressão permanece suave e um pouco curiosa. Isso me irrita um pouco quando imagens do meu passado passam pela minha mente. Ela não percebe com o que está flertando ou o que realmente significa perder o controle. Ela é tão ingênua em relação aos perigos de um homem como eu, que não tem nada a

perder e absolutamente tudo a ganhar. Ela não percebe que eu poderia ter enfiado o rosto dela no metal quente do carro e fodido ela até que ela me implorasse para parar. Seus apelos só me fariam saborear cada estocada. Ela não entende o quão pouco eu me importaria em ter que matá-la no começo, ou que mesmo que eu me importe agora, eu ainda a mataria se fosse necessário.

Ela pode ter feito o cachorro sujo e selvagem lambe sua mão, mas eu não sou o bichinho doce que ela quer que eu seja. Ainda vou espancá-la, não importa o quanto aprecie sua gentileza.

— Eu preciso tanto de você, coelhinha. Quero parar em uma dessas estradas rurais e trazer você para o banco de trás e... — Minha respiração fica presa na garganta, silenciando minha voz. Um carro da polícia passa e o policial me encara. Não respiro novamente até ter certeza de que ele não vai se virar.

— Má ideia, hein? — Ela pergunta, embora esteja claro.

— Durante o dia? Sim. Parece que sim. — Eu gemo e esfrego a frente da minha calça.

Ela estende a mão e substitui minha mão pela dela. Ela esfrega meu comprimento, o jeans causando uma fricção tão prazerosa sob sua mão. Eu agarro seu pulso e a paro. — Agora não, coelhinha. Quero sentir essa frustração por mais algum tempo. Eu não quero gozar na sua mão. Eu quero estar dentro de você.

É estranho, porque quase gosto da contração frustrada do meu pau. É algo que não sinto há algum tempo. Não esperei para ter prazer quando o senti no passado. Tive gratificação instantânea, de uma forma ou de outra.

A dor de ficar longe dela é quase sentida... bom. O controle parece estranho.

Eu sei que eventualmente chegarei até ela, e será incrível quando eu derramar tudo de mim dentro dela.

Ela olha para mim com um desejo semelhante, e eu gostaria de poder dar a ela o que ela quer, mas isso terá que esperar.

Ela aponta para uma saída, e eu faço a curva que nos leva mais perto de sua casa. Paro em um estacionamento de fast-food logo na saída. Ela olha para o prédio com um olhar de dar água na boca. Desde o início, temos conseguido coisas rápidas e fáceis para comer, principalmente em postos de gasolina. Sempre pensei que quanto menos fôssemos vistos, melhor, mas sei que ela está com fome de uma refeição de verdade quando ouço seu estômago roncar ao meu lado.

Estaciono o carro, mas em vez de sair, me inclino, agarro seu rosto e a puxo para mim para um beijo. Seus lábios se espalharam nos meus com uma fome semelhante. Ela agarra meu cabelo com uma das mãos, como se estivesse se lembrando de como foi me puxar para sua boceta com um aperto semelhante. Rosno com seu toque, lutando para me controlar enquanto me lembro de como ela se sentiu quando veio em meus dedos.

Eu me afasto dela. Preciso fazer isso antes de me perder – ou melhor, me encontrar.

— Droga, coelhinha — eu sussurro antes de dar-lhe um beijo final, seu lábio inferior entre meus dentes enquanto eu me afasto — Espere até que eu possa colocar minhas mãos em sua boceta novamente — Minha mão sobe por sua coxa e a apalpo, fazendo-a tremer. Ela está tão quente e molhada. Mesmo através de suas leggings, posso sentir isso. É viciante e nunca mais quero tirar minha mão dela. Ela se derrete com meu toque, e espero que ela esteja apenas pensando em como eu a faço se sentir.

Olho ao redor do estacionamento. Ninguém está prestando atenção em nós. Não vou transar com ela nem deixar nenhum de nós se expor, mas ela precisa tanto do seu orgasmo, e não quero negar-lhe.

Movo meu assento para trás e a ajudo a sentar no meu colo. Ela monta na minha cintura o melhor que pode, e eu puxo sua boca para a minha.

— Moa meu pau, doce coelhinha. Faça você mesmo gozar.

Ela morde o lábio inferior antes de me beijar.

Ela. Me. Beijou.

Ela balança os quadris no meu colo, e sinto seu calor não só através de suas calças, mas também das minhas. Eu gemo enquanto ela se move sobre meu comprimento endurecido. É imaturo, como dois adolescentes que não estão prontos para o sexo, mas é tão bom. Não tenho certeza se é porque já estou muito frustrado, mas ela esfrega para frente e para trás, e bate na cabeça do meu pau toda vez. Envolver meus braços em volta de sua cintura, puxando-a para mais perto e tentando evitar que ela bata a cabeça para não quebrar. Estou velho demais para gozar de jeans.

Ela é tão incrível em meus braços, como se estivesse exatamente onde deveria estar. O mundo fica nebuloso até que tudo que consigo ver é ela e os movimentos de seus quadris e peito enquanto ela persegue o orgasmo.

Seus gemidos. Aqueles malditos gemidos enquanto ela se aproxima me deixam louco. Seu corpo fica tenso e os movimentos de seus quadris ficam irregulares.

— Goze para mim, coelhinha.

Ela agarra meu cabelo e se esfrega em mim, ofegante em meu ouvido. Ela se inclina para mim e move os quadris em um movimento superficial enquanto se empurra para o limite. Além de uma contração sutil de sua boceta enquanto ela atinge seu orgasmo, ela fica imóvel. Seus gemidos e a pulsação quente dela no meu colo quase me fazem gozar também.

Eu a beijo e coloco a mão entre nós para sentir a mancha molhada que encharcou suas calças e entrou na frente da minha calça jeans.

— Você fez uma bagunça — eu digo contra sua boca. — Uma garota tão boa. Tão molhada.

Chego até a frente de sua calça, sentindo o quanto ela gozou. Ela olha para mim com a expressão mais doce e saciada que já vi.

Ela parece... feliz.

Tiro minha mão de suas calças e lambo meus dedos. Ela tem um gosto incrível. Ela sempre tem um gosto melhor depois que vem me buscar. Corro meus dedos molhados pela curva de seu pescoço e entrelaço ambas as mãos atrás dele. Eu trago sua testa para a minha e a seguro ali. Nunca pensei que

me sentiria tão atraído por uma mulher como ela. Ela é mimada, mas não estragada. Ainda há tanta coisa boa dentro dela, um quebrantamento que a impede de se tornar o que eu odeio. Ela se tornou algo que desejo com cada fibra do meu ser.

Será muito difícil deixá-la depois que eu matar seu marido, mas viver foragido não é para alguém como ela. Por mais que eu não *queira* deixá-la para trás, pelo menos posso sair dos Estados Unidos sabendo que ela está segura em casa. Ela pode encontrar alguém que a faça sentir como eu, sem ser eu, o cachorro em quem ela não pode confiar, porque não pode confiar em si mesmo.



CAPÍTULO DOZE

Selena

Não percebo o quanto estou com fome até engolir minha comida. É a primeira refeição substancial que faço desde a noite em que Lex entrou no meu carro. Meu último grande jantar foram sobras de pizza de food truck no turno de horas extras do inferno.

— Eu provavelmente deveria ter alimentado você antes. — Ele diz rindo.

Minhas bochechas esquentam quando percebo que provavelmente parecia um animal faminto. Eu praticamente estou.

— O pior captor de todos os tempos — digo através de um gole barulhento da minha bebida quase vazia.

Lex sorri para mim.

— Eu não sou um captor. Você é apenas uma passageira relutante. Estamos perto, não estamos? — Ele pergunta, e eu aceno. — Então você dirige. Deixe-me a alguns quarteirões de distância e me diga o endereço.

Eu balanço minha cabeça. Eu *não* gosto desse plano. Estou com medo de entrar em casa sozinha depois de tudo isso. Depois de tudo o que fizemos e das coisas que faremos no futuro.

— O que devo dizer a ele sobre onde estive?

— Apenas diga a ele a verdade. Que você foi sequestrada.

— Eu não quero entrar sozinha. — Eu sussurro.

— Você precisa. Já deixei alguma coisa ruim acontecer com você? — Ele pergunta.

Eu inclino a cabeça para ele porque ele quase me vendeu, e eu diria que isso foi algo muito ruim.

— Você me ofereceu como pagamento por aquela identidade falsa.

— Eu não deixei isso acontecer, coelhinha — diz ele. Ele sai do carro e trocamos de lugar.

Aperto meus lábios enquanto me sento no banco do motorista. Eu não gosto dessa ideia. Eu odeio isso, na verdade. Mas ele está certo. Não posso estacionar na minha garagem com Lex no banco do passageiro. Ele precisa do elemento surpresa quando eu entrar em casa.

Nós nos aproximamos da minha casa sem falar. Meu estômago dá um nó, mais do que quando fiz sexo com Lex pela primeira vez. Paro antes de entrarmos no bairro nobre que eu costumava chamar de lar. Não parece mais. Parece a rua de um estranho. É a rua de um estranho.

Não sou a mesma Selenia que dirigiu pela última vez nesta estrada.

Desliguei o motor, mas não movemos um músculo.

— Dê-me a chave da sua casa. — Ele diz. Ele estende a mão em minha direção, mas hesito antes de me inclinar e tirar a chave do chaveiro.

Entrego a ele e desvio o olhar.

Ele sai do carro e se inclina pela porta aberta para olhar para mim mais uma vez. Sua mão vasculha o bolso antes de revelar um canivete. Ele joga no banco do passageiro. — Estarei lá para você assim que puder. Se acontecer alguma coisa, use isso, ok? — Sua mão segura a maçaneta da porta. É como se ele não quisesse me deixar, ou como se tivesse algo mais a dizer.

Mas ele não faz isso.

Eu o vejo se afastar enquanto giro a chave na ignição e dirijo em direção ao meu inferno. O diabo está esperando por mim e tenho vontade de vomitar, do medo que aperta meu estômago.

Ele vai sentir o cheiro de Lex em mim? Dentro de mim? Ele saberá que me tornei uma participante voluntária? Tive tantas oportunidades de escapar, mas não consegui. Fugir significava voltar ao pesadelo que meu marido e eu compartilhamos.

Paro na minha garagem e olho para a casa que não parece mais minha casa. Me sinto mais segura no meu carro. Mais segura com Lex. Enfio o canivete na cintura e saio do carro. No momento em que subo o primeiro degrau, a porta se abre. Uma névoa paira sobre mim enquanto olho para Bryce. Ele parece tão frio, e sua máscara endurecida não mostra nenhuma emoção, nem mesmo preocupação ou excitação ao me ver. Esse nada vazio é mais assustador que sua raiva.

Seu rosto finalmente se transforma em uma raiva familiar – a expressão com a qual estou acostumada. Desta vez vejo isso sob uma luz renovada, como se agora houvesse um alvo plantado no meio de sua testa, e isso quase me faz rir. Gosto *da* ideia de que esta pode ser sua última inspiração alimentada pela raiva.

Bryce agarra meu braço e me rasga por dentro. As pontas afiadas de seus dedos cavam minha carne, pintando outro hematoma em minha pele.

— Onde diabos você esteve, Selenia?

Eu me esforço contra seu aperto.

— Fui sequestrada — digo com os dentes cerrados.

— Besteira. Pare de mentir para mim.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Eu não estou mentindo para você. Juro.

Não estou mentindo, mas também não estou dizendo a verdade. Sim, meu carro foi roubado, mas então toda essa viagem se tornou algo completamente diferente, algo que me fez ver a vida de uma maneira diferente, e recebi Lex em minha casa para me livrar dos meus problemas.

— Já se passaram dias. Com quem você fugiu? Você está brincando comigo?

— Eu não fugi! — Respiro fundo, tentando afastar a debandada de culpa que tenta atropelar minha voz — Eu não fiz nada.

— Maldita puta — ele diz com uma curva nos lábios.

— Bryce, por favor... — Eu imploro. Um som tão familiar, mas nunca o fez parar. Suplicar apenas o irrita. Ele odeia a fraqueza.

Ele medita silenciosamente, o que é pior do que quando ele grita. Seu punho recua e, antes que eu possa reagir, ele me dá um soco no rosto. A força me joga contra a parede, e fotos emolduradas caem e se quebram aos meus pés. *Depressa, Lex*, penso enquanto o vidro se espalha pelo chão. Mas não faço barulho, porque sei que ele gosta disso. Eu não consigo nem estender a mão e cuidar do calor ardente em minha bochecha.

Ele nunca me bateu na cara assim, porque seria muito difícil esconder. Seus ataques sempre tiveram como alvo lugares que minhas roupas poderiam esconder. Todos provavelmente pensaram que eu fugi e ele não tem motivos para contar que voltei. Ele pode me matar e ninguém saberá o contrário, e é disso que tenho medo.

— Você quer fugir e ser uma prostituta? Vou te mostrar como as putas são fodidas — Bryce me agarra pelos cabelos, me leva até a cozinha e me inclina sobre a ilha. Uma caneca cai da bancada e cai no chão enquanto eu luto contra ele. Eu sei o que está por vir.

Não é a primeira vez.

Deslizo minha mão e pego o canivete da cintura, escondendo-o em meu punho cerrado. O ar frio morde minha pele enquanto ele abaixa minhas calças e abre a braguilha.

— Você nem está de calcinha? Meu Deus, Selenia. Tenho vergonha de chamá-la de minha esposa — O calor de seu pau pressiona contra mim, e rezo para que ele não perceba a umidade que veio de alguém que não seja meu marido.

De Lex.

Fecho os olhos e tento ignorar o aperto duro de Bryce enquanto ele se prepara. Entro em minha mente, onde Lex ainda mora. Tento imaginá-lo atrás de mim. Lágrimas escorrem pelos meus olhos fechados e caem na bancada de mármore. Minha pélvis roça dolorosamente a borda da ilha enquanto ele empurra seu peso contra mim. Sinto muita culpa, mas não por permitir que Lex esteja dentro de mim. Sinto-me culpada por não ter lutado mais contra Bryce. Há um certo nível de aceitação que permite que maridos de merda façam mais do que deveriam com suas esposas.

Batem palmas.

O som força meus olhos a se abrirem. Lex está a poucos metros de distância, batendo as mãos em aplausos sarcásticos. Bryce para e se enfia novamente nas calças antes de fechar o zíper. Apenas um momento depois e ele teria feito de Lex um mentiroso quando disse que ninguém mais iria entrar em mim.

Lex saca sua pistola e aponta para ele.

— Não pare por minha causa. — Ele nos circula, para na minha frente e se inclina contra a ilha. Seus olhos encontram os meus por um momento antes de retornar para Bryce — Ela é incrível pra caralho, não é?

— Quem diabos é você? — Cuspe voa contra a parte de trás do meu braço devido à força violenta das palavras de Bryce.

— Aquele que segurou sua esposa contra a vontade dela — diz Lex com um sorriso orgulhoso e sombrio.

— Eu disse que não estava mentindo — sussurro, embora duvide que ele me ouça por causa da raiva em seus ouvidos.

— É assim que você transaria com ela, chefe? — Lex pergunta a Bryce — Vamos lá, me mostre.

Meu olhar se eleva para Lex, mas ele evita meus olhos enquanto olha por cima da minha cabeça. Deixo cair minha testa no balcão. A vergonha me faz desejar a morte novamente. A raiva me cumprimenta em todas as direções e estou presa no meio de um mar de ódio.

— Você é lamentável. Você pode parar ou transar com ela, mas guarde minhas palavras, será a última vez que você estará dentro dela. — diz Lex com um comportamento repugnantemente calmo. Não sei como ele está tão disposto a deixar Bryce fazer sexo comigo, depois...

Bryce se afasta de mim e quase perco o equilíbrio. Vou puxar minhas calças, mas Lex limpa a garganta.

— Ah, não, ainda não. — A escuridão em seus olhos me faz tremer. Quase não o reconheço. Ele não se parece com o homem que deixei entrar em mim. Ele parece malvado. Ele é alguém completamente diferente neste momento.

Lex caminha até Bryce e o joga contra a parede, e um *estalo nauseante* atravessa a cozinha quando seu punho colide com o rosto de Bryce. Respingos de sangue no chão, mas não consigo olhar a origem disso.

Com a arma apontada para Bryce, Lex circula atrás de mim e esfrega a mão firme nas minhas costas.

— Eu pensei que gostaria de ver você transar com ela, porque pensei nisso enquanto a fazia gozar da minha mão, mas isso foi lamentável.

Bryce ataca Lex, mas um rápido movimento de sua arma mantém Bryce afastado.

— Se você der mais um passo em minha direção, vou explodir seus miolos na foto atrás de você. A de você e ela — Lex vai desabotoar a calça jeans. Antes de abrir o zíper, ele se vira para Bryce mais uma vez — Essa mancha nas minhas calças? Estou feliz que você perguntou. Sim, é ela quem vem. Quantas vezes você a usou assim? Você ao menos a fez gozar desde que se casou com ela ou é isso — ele aponta entre mim e Bryce — o que ela costumava ganhar? Algo idiota meia-boca. Quer dizer, sou egoísta pra *caralho* e ainda me certifiquei de que ela viesse.

Lex passa o braço em volta do meu quadril e coloca a mão entre minhas pernas. Dou uma rápida olhada em Bryce. Suas narinas se dilatam de raiva. Seu rosto está pintado da cor do sangue que escorre de seu nariz.

Lex esfrega meu clitóris de uma forma que me faz estremecer.

— Você ao menos sabe como sua esposa gosta de ser tocada? O que a faz fazer... que? — Ele desenha círculos ao meu redor com as pontas dos dedos — Você sabe quantos dedos ela gosta dentro dela? Que tal como ela gosta de uma língua nela? Deus, você já a provou? — Ele afasta os dedos de mim e os lambe — Ela é deliciosa pra caralho.

— Você não tem ideia de com quem está fodendo — Bryce rosna.

Lex sorri.

— Ah, eu tenho. Alguém que não dá a mínima para a esposa. Você é uma vadia que bate nela, embora ela seja a mais... — Ele engole em seco, como se tivesse mais a dizer, mas pensa melhor.

Deixo as lágrimas caírem sem restrições. Quando ele dá um passo para trás, caio no chão e pressiono as costas contra a ilha. Lex segura a palma da mão aberta em minha direção, mas não me oferece a mão. Ele quer a faca. Ele não quer atirar nele neste bairro — A polícia seria chamada no momento em que o som pontuasse o ambiente sereno, — mas mantenho a faca presa ao peito. Isso me faz sentir mais segura. Ele procura outra arma, já que minha mão trêmula se recusa a largar o canivete.

Bryce vê uma oportunidade e salta sobre ele. Ele pega a faca presa a um ímã acima da ilha. Lex coloca a pistola atrás dele antes que seus corpos se choquem. O som de carne contra carne é nauseante. Fecho os olhos para esconder a vista e cubro os ouvidos para interromper o som. O sangue espirra em mim, atingindo meu rosto e braços. Tenho medo de olhar e ver de quem veio, cuja força vital se espalhou pela minha pele.

Abro os olhos.

Bryce tropeça para trás. O sangue escorre pela camisa e pelas calças e se acumula em seus pés. Ele aperta seu abdômen e eu grito.

Aconteceu.

É tão real.

Oh, Deus.

Lex coloca a mão ensanguentada na minha boca e joga a faca de cozinha de lado.

— Shh, coelhinha — ele sussurra daquele jeito doce que reconheço como tão diferente do jeito que ele falou antes.

— Selena — Bryce sussurra. Ele bate na parede e desliza para baixo — Venha aqui — diz ele, de uma forma que é tão diferente dele.

Lex se torna familiar para mim no mesmo momento em que Bryce se torna um estranho. É um desespero que nunca vi. Isso me atrai para ele. É uma força contra a qual não posso lutar, mesmo que tente. Rastejo em direção a ele, sacudindo a mão de Lex enquanto ele tenta me agarrar. Ajoelho-me diante dele, com os olhos arregalados de medo e algo mais. Algo inesperado.

Ele está morrendo, eu sinto isso. Isso me dá náuseas. Dói pra caralho. Mas... não é a dor da perspectiva de perdê-lo. É porque a ideia de sua morte não provoca dor *suficiente*.

Abro a lâmina e enfio em seu estômago. Toda a maldade dentro dele transborda da ferida. Eu o retiro e apunhalo em sua virilha. Lex engasga atrás de mim, e ouço um som estridente quando pego a faca e o esfaqueio de novo e de novo.

— *Foda-se, seu idiota!* — Eu continuo esfaqueando até que braços fortes me envolvam e me afastem. Meu braço continua seu repetido arco descendente em direção a Bryce, lutando contra o aperto de Lex enquanto minha raiva me cega.

Lex assume o controle sobre mim e sua mão desce pelo meu braço e agarra a faca. Ele esfrega a alça da camisa e a coloca no bolso.

— Coelhinha, temos que ir — Ele agarra meu pulso.

Eu balanço minha cabeça.

— Foda-me primeiro — Posso sentir o mal por trás do meu olhar quando viro meus olhos escuros para ele. A necessidade de machucar Bryce uma última vez. Espero que ele lute comigo, mas ele não perde tempo me puxando para ele.

Seu hálito quente percorre minha pele gelada.

— Você está louca, coelhinha. Você não deveria se envolver. Você não deveria tocá-lo — Ele agarra minha mão ensanguentada e a esfrega. — Você não é uma assassina. Você não pode ser. — ele sussurra. — Não era isso que deveria acontecer.

— Eu quero isso, Lex, — digo com mais certeza do que jamais senti sobre qualquer coisa na minha vida.

Ele olha para mim.

— Você sabe que eu faria qualquer coisa por você. Se você quer que eu te foda, eu vou te foder. — Lex me vira e coloca minhas mãos no balcão novamente. Ele abre o zíper das calças e tira seu pau. Ele abaixa minhas calças e se empurra dentro de mim.

Eu suspiro quando deixo cair a cabeça no mármore, e o mundo desaparece novamente, pingando como o sangue no chão. Ele me fode, forte e egoísta, me destruindo de uma forma que nunca senti. Não importa o quão molhada eu esteja por ele; ele ainda me faz doer com a força de suas estocadas.

Sabendo que Bryce está assistindo, ele me fode de forma diferente, e não espero nada menos. Lex adora controle, e nada grita mais isso do que foder a esposa de alguém na frente deles. Ele atinge o fundo de mim e empurra apenas uma fração mais longe, me fazendo choramingar.

— Ele alguma vez te fodeu assim? — Lex rosna em meu ouvido enquanto esfrega seus quadris contra minha bunda — Ele parecia um idiota decepcionante.

— Não, ele nunca me fodeu como você — eu ofego, deixando a névoa da minha respiração na bancada elegante. Lex geme e passa os braços pelos meus, apoiando seu peso em mim.

Bryce sufoca um gemido gorgolejante — um sinal de vida, embora fraco. Lex vai sair de dentro de mim para cuidar disso, mas eu agarro sua camisa.

— Não. Espero que ele sinta tudo. Espero que ele possa nos ver.

— Coelha sádica de merda — Lex rosna enquanto se empurra fundo novamente — Ainda não estou pronto para gozar. Aqui não — Ele olha em volta, observando os degraus — Leve-me para o seu quarto.

Ele sai de mim e me vira para encará-lo. Sua mão limpa o sangue em meu rosto.

— Eu quero te foder na cama dele. Sua cama — ele diz, baixo e suavemente, como se não tivéssemos acabado de matar um homem.

Mordo o lábio e puxo a calça enquanto ele fecha o zíper da calça jeans. Com uma última olhada no corpo imóvel de Bryce, guio Lex escada acima. O desejo satura cada expiração quente quando sai de seus lábios e envia pedras pela minha pele. A umidade entre minhas pernas encharca minhas calças.

Quando minha mão segura a maçaneta do nosso quarto, sinto uma sensação estranha, como se eu nunca tivesse pertencido a este lugar. A porta se arrasta no carpete azul claro ao se abrir. É somente através de novos olhos,

óculos cinza, que vejo quão pouco de mim há nesta sala. Os ternos de Bryce estão alinhados no armário, e suas gravatas desbotadas estão penduradas do lado de fora da porta do armário. A sala está decorada ao seu gosto – preto, branco e tons escuros de cinza. Nada indica que uma esposa dormiu aqui, exceto meu perfume – o favorito dele – na mesa de cabeceira. Minhas roupas estão dobradas nas gavetas, longe e fora de vista, como ele ordenou.

Lex passa por mim e esfrega a mão encharcada de sangue no edredom branco. Um sorriso sádico cruza seu rosto enquanto ele espalha mais vermelho no cobertor, como se estivesse pintando em uma tela. Ele se deita com um gemido e me faz um gesto até ele.

— Vamos, coelhinha — ele sussurra — Suba no meu colo. Eu não consegui ver você montando meu pau fora de um maldito carro.

Tiro minhas calças e subo em cima dele, sentando em seu colo enquanto ele abre o zíper novamente. Seu pênis quente repousa contra a parte inferior do estômago. Sua mão corre pela frente das minhas coxas, onde permanece o pior do meu hematoma. O toque involuntariamente enche minha mente de lembranças e eu estremeço.

— Acabou — ele diz enquanto traz meu rosto para me beijar — Ele nunca mais vai te machucar.

— Lex — eu choramingo.

Ele envolve seu pau com uma mão, levanta meu quadril com a outra e empurra-se dentro de mim. Eu me abaixo em seu colo, acolhendo cada centímetro dele.

Ele tem razão. Eu não tive a chance de olhar para ele assim. Olhando para baixo, vejo um homem que parece contente apenas por estar dentro de mim.

Seus olhos azuis encontram os meus, escuros e famintos. Tento ignorar o sangue encharcando sua camisa e saturando a minha. O sangue do meu marido. Quando levanto a camisa e exponho seu abdômen, vejo um longo corte. Afinal, não é apenas o sangue de Bryce.

— Lex! — Coloquei minha mão em seu ferimento, o sangue escorrendo pelos meus dedos.

Ele me afasta e sorri.

— Deixe-me sangrar, coelhinha. Estou bem. Apenas se concentre em montar meu pau.

Como ele está bem? Ele não sente isso? Não estou bem e estou apenas olhando para a lesão dele, não convivendo com isso.

Ele me puxa para mais perto até que meu peito descansa no dele. O sangue quente penetra mais na minha camisa enquanto ele agarra meus quadris e me força a me mover. Ele não mostra nenhuma reação à dor enquanto me movo com ele. Na verdade, parece que ele quase gosta disso.

Ele geme, levantando os quadris para encontrar os meus.

— Você está linda pra caralho.

Não consigo me lembrar da última vez que Bryce me chamou de algo legal, especialmente de nada bonito. Coloco minhas mãos em cada lado de sua cabeça e beijo sua testa. Deixo meus lábios ali, apenas sentindo seu hálito quente em minha garganta.

— Acho que ele te elogia tanto quanto te fode — Lex diz com uma risada.

— Bastante — Aperto meus lábios, mantendo-os contra sua testa.

Lex levanta o quadril e me vira de costas. Deito-me na cama king-size, tingida de sangue. Eu envolvo minhas pernas em volta dele, e ele se inclina e me beija.

— Coelhinha, você é a coisa mais sexy que eu já coloquei em minhas mãos. Porra. Perfeita. Tão inteligente também. Você merece muito mais do que esse pedaço de merda. Mais que eu... — Suas palavras oscilam no final até serem interrompidas completamente. Sua expressão fica fria e mais concentrada enquanto ele me empurra para o colchão. O sangue escorre de sua camisa molhada para a minha — Eu vou, coelhinha — diz ele em um tom que quase não reconheço. É robótico e distante. Suas estocadas diminuem e ele sai de mim, uma corda me conectando a ele.

Lex entra no banheiro, me deixando seminua e confusa. Ele sai com uma toalha pressionada no corte.

— Tem certeza de que está bem? — Eu pergunto.

— Sim, não é quase nada. Isso vai parar — diz ele. Ele usa uma mão para fechar o zíper das calças — Temos que ir. Eu cuidarei da limpeza aqui e do seu carro. Elimine o máximo de nós que puder.

Eu me inclino e tiro uma chave da mesa de cabeceira, jogando-a para ele.

— Meu carro antigo está na garagem. Ninguém sabe disso. Ou pelo menos ninguém que denunciasse seu desaparecimento imediatamente.

Lex sorri para mim, beliscado por algo que não consigo reconhecer.

— Vou pegar dinheiro também.

Ele me dá um rápido aceno de cabeça antes de descer a escada de madeira lisa.

Eu arrumo algum dinheiro em uma bolsa. Os degraus rangem sob meu peso quando volto para baixo. Olho para trás mais uma vez, inalando o cheiro nocivo e metálico de sangue. Com o espírito de Bryce indo para o inferno, onde pertence, nada mais me prende a esta maldita casa.

A casa que nunca pareceu um lar.



CAPÍTULO TREZE

Lex

A porta da garagem vibra e começa a subir. Começo a recuar, mas a porta da casa se abre. Não há como evitar o olhar dela, e ela parece mais traída a cada segundo. Fiquei indeciso sobre deixá-la para trás até o momento em que percebi que ela merecia mais do que eu, muito mais do que eu poderia dar a ela. Eu sabia o que tinha que fazer. Tive *que* deixá-la, mas não fui rápido o suficiente. Não me importo com o dinheiro ou com o banho de sangue que deixei para trás, mas não quero ver o rosto dela. Não consigo enfrentar seus sentimentos de traição.

Ela passou muito tempo sendo traída e estou fazendo isso com ela novamente.

Selena merece o que Bryce tinha a oferecer a ela, menos ele. Agora que ele se foi, ela pode voltar ao normal, um sentimento que nunca poderei dar a ela.

Eu odeio ter entrado nela e saído. Ela merece muito mais do que isso, mas eu sabia que minha determinação enfraqueceria se eu tentasse dizer adeus. Agora é tarde demais e a aparência de traição é ainda pior do que eu temia. Isso me faz sentir coisas que eu não esperava sentir.

Ela desce correndo as escadas. Seus braços e rosto estão esfregados, mas ainda há sangue em sua camisa. Ela tem uma muda de roupa debaixo de um braço e uma bolsa debaixo do outro. Seus olhos se estreitam quando ela tenta a maçaneta da porta e a encontra trancada. Eu deveria ter ido embora.

Coloquei o pedal no chão e saí dela. Ela coloca a mão contra a janela, e o desespero quebrado em seus olhos me obriga a abaixá-la.

— Você estava indo embora sem mim? — Ela pergunta.

— Você não pode ir, Selena. Eu não posso deixar você vir. — Eu digo a ela, tão firmemente quanto posso. Eu não quero, mas preciso. Não posso trazê-la comigo — Diga à polícia que ele agrediu você. Defesa pessoal. Você tem hematomas. Nada vai acontecer com você — Prometi-lhe segurança e ela estará mais segura longe de mim.

— Sério, Lex? — Ela levanta a voz. A porta da garagem está aberta para o bairro idílico e ela vai chamar a atenção se continuar assim.

— Abaixe a porra da sua voz, coelhinha — eu respondo.

Seu lábio treme.

— Foda-se! Depois de tudo que fizemos! Tudo o que temos sido...

— Pelo amor de Deus — Eu destranco as portas. Ela não pode continuar gritando assim — Entre na porra do carro.

Ela me encara por um momento antes de sentar no banco do passageiro do SUV. Ela se agacha no chão enquanto nos afastamos de sua antiga vida e entramos na minha nova. Não quero que ela faça parte da nova vida, mas não tenho escolha agora.

— Saia da porra do chão — eu digo enquanto a puxo pelo braço. Ela estremece. — Ele te machucou? — Somente quando ela se senta e permite que o sol toque sua pele é que vejo os hematomas se formando em seu braço e bochecha. Luto contra a vontade de estender a mão e tocá-los.

Eu prometi a ela que não deixaria nada de ruim acontecer com ela, e ela acabou levando uma surra e quase sendo fodida de novo por aquele pedaço de merda. Isso quebra algo dentro de mim. Eu ouço o som estridente em meu peito.

— Coelhinha — eu sussurro — eu teria chegado lá antes, mas sua vizinha estava guardando as compras e eu tive que esperar ela fechar a porta da garagem.

— Está tudo bem.

Eu balanço minha cabeça.

— Não está.

— Estou mais chateada por você ter tentado me deixar. — Ela diz enquanto tira a camisa, expondo seios incríveis que não posso deixar de olhar enquanto tento dirigir.

Ela veste uma camisa limpa e me entrega algo de Bryce para vestir. Balanço a cabeça, mas ela a mantém voltada para mim. Eu agarro e faço ela segurar o volante enquanto eu me troco. É pequena demais para mim e meus músculos esticam a camiseta, mas vai funcionar por enquanto.

— Você não entenderia, Selena, e eu não vou entrar nisso com você. Eu precisava que você me ouvisse.

— Eu quero ir com você. — Ela sussurra.

Eu levanto minha voz.

— Você acha que eu não queria levar você comigo? Não é seguro. Não é algo que possamos fazer juntos. Você não deveria fazer nada além de bancar a porra da viúva enlutada — Eu engulo em seco — E vá ser feliz pra caralho.

— Eu quero estar com você. — Ela diz, com um tom desafiador em sua voz.

Eu dirijo para o acostamento e estaciono o carro. Viro o rosto dela para o meu.

— Nunca senti nada por ninguém como sinto por você, e é por isso que você não pode ficar comigo. Você precisa ser livre e feliz. Levei tudo em mim para deixar você ir. Estar comigo significa prisão para você, entende isso? Eu roubei você. Tirei seu endereço da sua identidade. Levei você de volta para sua casa para roubá-la e acabei matando seu marido. Minhas impressões digitais estão por toda parte no carro e na sua casa. Elas estavam na faca de cozinha. — Eu suspiro — Se você não quer ser vítima de violência doméstica, seja vítima de um assalto mal sucedido. Eu não me importo com isso, apenas seja uma maldita vítima, coelhinha, por favor.

Por mais que isso me quebre, ela precisa ir. Estar comigo significa que ela é uma participante voluntária em tudo isso. Ela será tão culpada quanto eu. Uma garota como ela não sobreviveria à prisão, e nós dois sabemos disso.

Se ela se recusar a ser vítima, terei que matá-la. Não terei escolha, porra.

Espero pela resposta dela, sabendo que se eu for encurralado, darei a ela uma morte humana antes de deixá-la entrar no sistema.

Seus olhos se estreitam.

— Eu o esfaqueei também.

— Eu sei que você fez isso — eu digo enquanto passo a mão pelo meu cabelo.

— Precisamos ir se quisermos chegar à fronteira antes que ele seja encontrado — Ela se recosta com uma bufada teimosa e cruza os braços sobre o peito — Eu não quero mais ser uma vítima, Lex — Ela fala com tanta finalidade, então não digo mais nada. Eu posso entender isso. Pelo menos ela tem *alguém* para cuidar dela.

Mesmo que esse alguém seja eu.

— Jogue sua camisa pela janela. — Digo a ela, e ela o faz. Ela parece tão distante enquanto se recosta e olha pela janela. Talvez ela perceba a gravidade do que fizemos. Juntos. Do que tentei salvá-la.

Dirigimos para o sul e quase espero que ela me diga para dar meia-volta e levá-la de volta para casa. Mas isso não é mais uma opção. Já fiquei tempo suficiente no estado que mais precisava sair. O estado para o qual saí e depois voltei.

Por ela.

Jogo fora minha camisa ensanguentada quando chegamos ao extremo norte da Pensilvânia, espalhando nossas evidências por todos os estados. Um silêncio sufocante paira entre nós. Não sei o que dizer a ela, e ela com certeza não sabe o que dizer para mim. Eu olho e ela está olhando para mim.

— O que você está pensando, coelhinha? — Eu pergunto. Olho pelo retrovisor, tiro o pé de coelho do bolso e penduro. Quer tenha sorte ou não, tornou-se um ícone do nosso pequeno relacionamento fodido.

Seus olhos se estreitam.

— O que aconteceu lá atrás.

— Elabore — Estou ficando irritado com a evasão dela quando sei que ela quer falar sobre isso.

— Você agiu de forma estranha — Ela engole — Como se você quisesse que ele fizesse sexo comigo.

Eu balanço minha cabeça. Eu não pretendia que isso acontecesse, realmente não queria, mas quando vi isso acontecendo, a parte doente de mim queria que ele continuasse. Eu os assisti no começo, porque pensei que queria. Eu tinha pensado nisso o suficiente para pelo menos saber como me senti quando realmente vi, mas quando percebi o quanto isso a quebrou, decidi quebrá-lo.

— Achei que queria assistir. É algo que fantasiei — digo.

Ela mastiga o interior das bochechas e baixa o olhar.

— Acontece que não. Eu não poderia.

Seu olhar se dirige para mim.

— Por que você estava dizendo essas coisas sobre ele, então?

Eu sabia que chamar o marido dela por ser um amante lamentável iria ferir seu orgulho e esmagá-lo antes mesmo que eu pudesse tocá-lo. Quando ele descobriu que eu sabia como tocar sua esposa, como fazê-la se sentir bem e fazê-la gozar, eu sabia que isso o quebraria. Mostrar a ele a mancha em meu jeans o forçou a perceber que ela tinha participado voluntariamente. Foi a prova física do nosso caso. Eu fui longe demais com isso, no entanto. Eu desapareci na sombra de quem eu era antes de conhecer Selena. Eu me escondi da luz que ela lançou sobre mim enquanto tentava me tirar da escuridão. Mas então ela o esfaqueou, arrastando-se comigo para a escuridão. No momento em que ela enfiou a faca nele, eu soube que tinha causado isso. Eu a empurrei para ser a mulher que estava de joelhos, esfaqueando o homem que a machucou. Eu a transformei em mim, mas não quero que ela seja eu.

Eu queria mais para ela, e foi então que soube que tinha sentimentos por ela. Foi por isso que tentei deixá-la. Não quero que ela seja uma predadora. Eu preciso que ela seja Selenia, a doce coelhinha que dormiu com um lobo.

Agarro o volante.

— Você parece esquecer seletivamente o que eu sou. Eu sou um assassino. Eu não pretendia apenas matar seu marido. Eu queria que ele se machucasse, realmente machucar, antes de matá-lo.

— Eu simplesmente não entendo por que você disse a ele para continuar.

— Ela sussurra.

— Porque não era eu lá. Essa é a pessoa que eu era antes de você. Eu estava pensando em infligir dor em vez de pensar em você — Paro no acostamento novamente e estendo a mão para ela, ignorando sua hesitação de desconfiança. Eu a atraio para mim — Ele precisava saber que seria a última vez que estaria dentro de você. Foi tudo uma guerra mental, e lamento que você tenha sido um dano colateral naquela guerra. — Pressiono minha testa contra a dela. Às vezes é uma grande batalha dentro de mim, e não tenho como explicar isso a ela.

— Na verdade, no momento em que percebi o quão chateado isso me deixou, não havia nenhuma maneira de deixá-lo foder você, coelhinha. Confie em mim nisso.

— Por que você parou de me foder na cozinha? Foi por causa dele?

— Deus, não — Eu sorrio ao pensar no momento em que ela me superou de uma forma que eu nunca esperei. Ela queria que eu transasse com ela na frente de seu marido moribundo. Isso me excitou mais do que nunca. Sua vingança foi deliciosa e fiquei feliz por fazer parte dela. Eu dei a ela o que ela queria, mas não queria que terminasse aí. Minhas bolas doíam para descarregar nela, e ela era incrível, mas eu queria transar com ela em seu leito conjugal. Mesmo quando eu estava pronto para estourar, percebi que ela estava melhor sem mim e que tive que afastá-la. Eu não deveria ter me permitido gozar naquele momento, mas não pude evitar. Aquela parte doente de mim queria deixá-la pingando com o meu gozo.

Quando me inclino para ela, sinto o cheiro do sabonete que ela usou para se limpar, uma variação do mesmo sabonete floral que usei para lavar o sangue. Ela teria se livrado de todos os vestígios de mim antes de trocar de calça. Eu não me importo que ela se limpou e trocou de roupa, mas é melhor ela não estar usando calcinha. Ela sabe o que sinto por elas.

Quando minha mão desliza pela frente de sua calça, ela solta um gemido. Não há nada entre a minha mão e a boceta dela. *Boa menina*. Eu rosno antes de beijá-la. Eu tenho planos para ela. Ela está junto agora, quer eu goste ou não, e pretendo reivindicá-la como minha – *verdadeiramente* minha – até que a morte nos separe.

— Espere até escurecer, coelhinha, porque essa boceta é minha.

Imponentes nos cercam de ambos os lados, como se a estrada tivesse cortado a floresta ao meio. Encosto o carro no acostamento e estaciono o mais fundo que posso no mato, tentando esconder o veículo. Os galhos raspam a pintura até chegarmos ao nosso pequeno recanto de reclusão.

— Vá para o banco de trás. — Eu digo. Ela não perde tempo subindo no console central e derretendo no couro amanteigado do banco corrido. Não tem como eu escalar essa merda, então saio e abro a porta dos fundos.

A luz do teto a ilumina e seus olhos são grandes e tentadores. Subo no espaçoso banco de trás e a luz se apaga quando fecho a porta. A escuridão nos envolve com uma escuridão pesada que me lembra da primeira noite em que dormi com ela na traseira do outro carro dela.

— Última chance de desistir. — eu sussurro enquanto me inclino sobre ela. Não consigo ver mais do que sua silhueta, mas me deleito com o calor dela embaixo de mim. Estou dando a ela mais uma chance de mudar de ideia antes de tornar sua boceta minha para sempre.

— Não vou desistir — diz ela.

Desfaço a calça e abaixo o zíper. Passo a mão por seu pescoço e peito por mera memória. Quando vou tirar a calça, ela levanta o quadril para me ajudar. Descanso meu pau contra sua boceta. Ela é tão calorosa e acolhedora enquanto pulsa embaixo de mim. Eu me inclino e a beijo.

Ela está tão molhada. Tudo o que preciso é puxar meus quadris para trás o suficiente para empurrar dentro dela. Eu gemo enquanto vou fundo desde o primeiro impulso, atingindo o final dela. Um gemido melódico rompe o ar estagnado.

— Deus, coelhinha, você me pegou pelas bolas, sabia disso? — Eu sussurro antes de cortar sua garganta.

Estou destinado ao inferno, mas a boceta dela é o paraíso, e estarei salvo enquanto estiver dentro dela. Estou lavado dos meus pecados desde que me banhe nela.

Selena geme enquanto eu me posiciono corretamente, esfregando-a de todas as maneiras que descobri que ela gosta. Eu sei o que a faz gemer e enviar a seu corpo em ondas de prazer trêmulo. Suas unhas arranham minhas costas e seus quadris se movem embaixo de mim, me aproximando muito cedo. Quanto mais tento prolongá-la, alongando e abrandando os meus impulsos, mais a boceta dela me aperta por mais. Não sei por que sinto necessidade de gozar, e com certeza não quero fazê-lo tão cedo, mas ela cria uma sensação de euforia dentro de mim.

Ela vai ficar ao meu lado — ela está *escolhendo* ficar ao meu lado — e minha mente está cem por cento focada nela agora. Começo a imaginar um... nós. Afinal, nos tornamos uma equipe, uma dupla de sangue que nenhum de nós pode lavar.

— Eu vou gozar — digo a ela. Não consigo ver, mas sei que o rosto dela está pintado de decepção. À medida que seus quadris batem nos meus, sei que ela quer mais. Merda, eu também quero mais, mas minhas bolas apertam e eu vou gozar, queiramos ou não. Eu a beijo enquanto minhas estocadas diminuem, e o rosnado que sai da minha garganta faz vibrar o ar. É tão bom me derramar dentro dela. Não quero que isso acabe e não vou deixar.

Sento-me, meu pau está cansado, mas ainda duro.

— Venha aqui, coelhinha. Eu não terminei com você.

Sua silhueta cruza o banco de trás e ela monta em meu colo com as coxas nuas. Eu me empurro de volta para dentro dela, passando pela viscosidade quente do meu gozo. Envolver meus braços em volta dela e a atraio para mim. Ela se aninha contra meu peito.

Começo a amolecer, perdendo minha ereção enquanto permaneço bem-vindo dentro dela. Eu não me importo, no entanto. Ainda estou tão bem dentro da sua boceta apertada e quente. Uma gota quente do meu esperma desliza de dentro dela, escorrendo pelo meu pau e pousando na minha pélvis. Ela se inclina para trás e aproveito a oportunidade para esfregar seu clitóris. Ela se contorce de prazer, fazendo as paredes de sua boceta apertarem em volta de mim.

— Vou ficar dentro de você o máximo que puder — digo a ela enquanto afasto o cabelo de seu rosto — Até que eu possa te foder de novo.

Esfrego seu clitóris com um movimento lateral do polegar, batendo no capuz até que ela trema no meu colo. Cada contração de sua boceta tira sangue direto para meu pau. Ela me acorda com o calor quente do seu corpo no meu colo.

Selena deixa cair a cabeça na curva do meu pescoço, seu peito subindo pesadamente contra o meu enquanto eu a trabalho em direção à borda. Quanto mais perto ela chega de gozar, mais ela dá vida ao meu pau. Seus gemidos incríveis carregam o sangue pelas minhas veias e em direção ao meu pau.

— Venha, doce coelhinha. Goze no meu pau e me deixe duro de novo para que eu possa te foder durante o seu orgasmo — eu rosno enquanto ela monta no meu colo, esfregando contra meus dedos.

Ela geme meu nome no meio de seu orgasmo. Valeu a pena tudo o que fiz para ouvir isso, porque me levou direto a esse momento, com Selena gozando no meu pau.

À medida que seu corpo fica tenso, os espasmos me despertam até que estou duro novamente, preenchendo-a à medida que cresço. Eu a encontro

com um impulso de meus quadris, e ela grita de prazer, de atingir seu orgasmo com meu pau esticando-a mais uma vez.

— Boa garota — eu rosno enquanto seguro seus quadris e empurro com mais força. Os sons úmidos de nossa convivência se intensificam. É um som que sempre lembrarei, porque é uma representação audível de como ela me faz sentir bem cada vez que estou dentro dela.

Meu gozo escorre pelo comprimento do meu pau, espalhando-se pela minha pele enquanto eu empurro nela. Eu alcanço entre nós, passando dois dedos através de uma poça de meu esperma na minha pélvis. Vejo seu rosto, iluminado pelo luar. Gemidos saem de seus lábios soltos. Eu trago meus dedos até eles e empurro meu gozo em sua boca. Seus lábios se fecham em volta dos meus dedos, e o olhar que ela me dá me deixa perto de explodir de novo.

Agarro ambos os lados de seu rosto e a beijo, sentindo o gosto do meu gozo em minha boca.

— Você quer que eu preencha você de novo? — Pergunto enquanto me afasto dela.

Ela choraminga sua resposta, seu rosto balançando contra meu pescoço enquanto ela coloca sua boca em minha pele.

— Seu marido nunca gozou dentro de você, mas você está no meu colo, disposta a me deixar preenchê-la uma segunda vez.

Ela geme contra mim, seu corpo fica tenso com a menção de seu marido. Eu a levanto para colocá-la de costas mais uma vez. Eu nunca saio dela, nem por um segundo. Quero ficar enterrado dentro dela, onde pertenço.

Eu alcanço entre nós e esfrego seu clitóris, pegajoso com meu gozo e sua própria umidade. Cada vez que me empurro o máximo que posso dentro dela, mais prazer entrelaçado desliza para o meu pau. Seus gemidos são o único outro som em que me concentro, os gritos crescentes se alongam e se tornam roucos quanto mais forte e rápido eu a fodo. Ela cobre a boca para não gritar, e eu me inclino e tiro a mão dela do rosto.

— Eu quero ouvir esses sons saindo da sua boca.

— Deus, Lex, você está muito profundo — ela sussurra, e eu percebo o quanto do meu pau estou fazendo com que ela tome. Cada maldito centímetro. Estou suficientemente profundo para sentir o seu clitóris ainda inchado contra a minha pélvis.

Recuo, dando-lhe uma fração de alívio.

— Você já foi cuspidada? — Eu pergunto.

— O que?

— Seu marido já cuspiu na sua boceta?

Ela balança a cabeça rápido o suficiente para me dar certeza de que nunca alguém fez algo tão desrespeitoso com ela.

Estendo a mão e empurro meu polegar em sua boca, puxando seu lábio inferior enquanto o puxo para fora. Inclino-me e cuspo na sua boceta, a humidade quente escorrendo pelo seu clitóris e espalhando-se à volta do meu pau. Não é um gesto desrespeitoso. Pelo contrário. Não respeito mais ninguém como a respeito. Ela solta um gemido suave que nos surpreende.

— Oh, coelhinha, você gostou disso?

Não querendo enfrentar sua própria vergonha, ela não me responde. Empurro meu polegar de volta em sua boca e roço seu lábio inferior antes de levantar seu queixo.

— Abra a boca — eu digo. O meu cuspe na boceta dela não é suficiente, e tenho a certeza que ninguém nunca cuspiu na sua linda boca. Ela hesita, e eu olho para seus lábios carnudos enquanto espero que ela faça o que ela disse — Vamos, coelhinha, abra para mim — Minha voz é baixa e cheia de prazer.

Acendo a luz do teto, porque quero ver tudo. Ela abre os lábios para mim e meu pau se contrai com a visão. Parte de mim quer puxar para fora e colocar a sua boca incrível no meu pau, fazê-la provar-nos aos dois, mas eu quero estar mais dentro da boceta dela.

Eu sorrio enquanto me inclino sobre ela, minha boca salivando de antecipação. Não é sempre que você faz tal ato com uma mulher tão acima de você. Neste momento, não importa quanto mais dinheiro e poder ela tenha. Ela está abaixo de mim.

Cuspo na boca dela. Um grito assustado sai de sua garganta quando atinge sua língua. Eu sei que ela não quer gostar, mas está claro que seu corpo gosta quando ela me aperta.

— Você pegou tudo que eu te dei — gemo enquanto empurro mais fundo. Estou a aproximar-me novamente, sentindo as paredes da sua boceta apertar à minha volta. A ideia de enchê-la novamente, dando-lhe outra carga que a reivindica como minha, me empurra para mais perto do meu limite.

Algo sobre derramar meu prazer nela e mantê-la em meu pau até que eu pudesse fodê-la e preenche-la novamente me faz esquecer tudo ao nosso redor. Isso me faz esquecer nossos crimes. Esqueci que estamos fugindo da lei.

Eu venho. Um gemido baixo e rouco vibra em sua boca enquanto eu a beijo. Coloco a minha mão à volta da base do meu pau enquanto me afasto dela e me sento. Quando estou quase saindo, minha ponta ainda se contorce dentro dela. Um rastro de gozo percorre meu pau. Vem tanta coisa. Ela está uma bagunça quando eu saio dela. Recolho o máximo que posso com as pontas dos dedos e empurro de volta para dentro dela. Eu roço seu clitóris enquanto afasto meus dedos.

— Você parece tão sexy coberta pelo meu gozo — eu rosno. Ela faz. Ela está aberta para mim, coberta com duas cargas, e ela tem minha saliva na língua.

Somos de dois mundos diferentes, mas apenas uma espessa camada de nossos remanescentes nos separa agora. Estamos num lugar onde a dor e o sofrimento só podem ser curados pelo prazer.

Um lugar onde não existem regras ou leis.

Um lugar onde os lobos dormem com suas presas.

CAPÍTULO QUATORZE

Selena

Não acredito que deixei Lex cuspir em mim. Nunca me fizeram uma coisa tão degradante em minha vida. Mas quando ele passou por cima de mim, com os lábios fazendo beicinho e a língua se movendo para recolher a saliva, eu deixei. Eu o deixaria fazer qualquer coisa comigo. Inferno, eu estava até disposta a deixá-lo me matar. Um pouco de saliva não é nada em comparação.

A saliva não me incomodou tanto quanto a maneira como meu corpo respondeu a ela. O calor úmido me fez latejar. Observei-o cair de seus lábios perfeitos e se mover em direção à minha boca em câmera lenta, e meu estômago se apertou de excitação. Eu odiei ter gostado, mas adorei o quão grande e poderoso ele parecia acima de mim enquanto sua saliva vivia na minha língua. Engoli um pedaço dele, levando-o profundamente em meu estômago enquanto seu pênis subia.

— O que você está pensando, coelhinha? — Lex pergunta enquanto eu dirijo. Suas palavras me arrancam dos meus pensamentos. Não sei como responder a ele. Tudo fica confuso e torna difícil para mim me concentrar em qualquer coisa.

Flashes vermelhos e azuis acendem atrás de nós.

— Porra! — Lex diz. Ele não parece assustado ou em pânico. Ele parece irritado, irritado comigo e com a situação. Nunca vi medo em seu rosto e acho que nunca verei. Ele abaixa o espelho e passa o cabelo sobre a tatuagem ao longo da linha do cabelo. Ele não está em pânico, mas eu estou. Minha respiração falha quando paro no acostamento da estrada escura.

Lex se aproxima e agarra meu queixo, me forçando a olhar para ele.

— Se as coisas derem errado, abaixe seu assento e saia do meu caminho — Ele aponta para a pistola enfiada na cintura — Você precisa se recompor, coelhinha. Você parece um coelho que viu movimento nos arbustos: costas retas como uma flecha, nariz arregalado, olhos arregalados. Preciso que você seja corajosa, ou estaremos ambos fodidos. Você entende isso?

— Lex... — Eu sussurro com um aceno de cabeça que não para. Estou *tentando* não entrar em pânico, mas meus nervos estão à flor da pele de dentro para fora. Pareço tão deslocada ao lado de Lex, e a culpa que sinto por todos os assassinatos que testemunhei ferve sob minha pele, pronta para escorrer de mim.

Você já mentiu para a polícia antes, lembro a mim mesma, tentando aproveitar a coragem que Lex pensa que possuo. Busco a confiança que escondeu minhas feridas tantas vezes antes.

— Você consegue, coelhinha — ele diz enquanto move os dedos do meu queixo para tirar o cabelo do meu rosto, enxugando o suor frio das minhas bochechas. Suas palavras me fazem inchar com uma força que eu não tinha momentos antes. Com seu incentivo, sinto que posso fazer qualquer coisa.

Incluindo mentir para a lei.

Quando ouço passos pesados do lado de fora da janela, eu a abaixo. O policial se inclina para olhar para mim, lançando uma luz ofuscante em meu rosto. A expressão plástica que usei para encobrir Bryce pinta meu rosto mais uma vez.

— Boa noite, policial — digo, tentando controlar o tremor em meus dedos segurando o volante.

— Quase de manhã, senhorita — ele diz enquanto se inclina mais perto para olhar além de mim. Lex está caído, como se estivesse dormindo.

— Sim, acho que é — Eu sorrio e gesticulo para Lex — Eu peguei um turno horrível — eu sussurro.

O oficial aperta os lábios.

— Você sabe por que eu parei você?

— Não faço ideia — digo a ele, imaginando suas feições doces explodidas por uma bala se eu estragar tudo. O pensamento me mantém calmo. Recuso-me a deixar este homem morrer esta noite por minha causa.

— Você estava acertando as linhas no ombro com bastante frequência. Você bebeu alguma coisa esta noite?

Eu rio.

— Deus, não. Estou muito cansada e não há outra parada para descanso por alguns instantes.

O policial se inclina e fica desconfortavelmente perto da minha boca. Satisfeito por não sentir cheiro de álcool em meu hálito, ele olha para Lex.

— Ele pode dirigir em vez disso?

— Tenho certeza que ele poderia — eu digo, mas quando o policial continua olhando para mim, eu cutuco o braço de Lex — Querido — eu sussurro, e é tão estranho chamá-lo assim. Espero que o oficial não perceba — Ei? — Eu digo mais alto, cutucando com mais força.

Lex levanta a cabeça, fazendo um bocejo dramático — O que está acontecendo? — Ele pergunta, um olhar confuso e crível em seu rosto.

— Ela estava dirigindo um pouco imprudente. Diz que está sonolenta. Você pode dirigir o veículo? Prefiro não rebocá-lo.

— Ah, sim, eu posso dirigir. Estou dormindo há... — Ele olha para o relógio — Jesus, tipo, quatro horas. Por que você me deixou dormir tanto tempo, querida? — Ele pergunta. Ele me chamar de *baby* parece ainda mais estranho do que eu chamá-lo de querido. De todas as coisas que ele me chama, *baby não é* uma delas.

— Posso ficar com suas licenças? Seguro?

Minha respiração é interrompida no diafragma, como se tudo tivesse sido sugado de mim apenas com essas poucas palavras. Não sei se o seguro está em vigor e me xingo por não ter verificado antes. Bryce não queria que eu dirigisse esse SUV, porque ele era mais antigo, e não era tão fácil para ele ficar de olho em mim sem todos os novos dispositivos que você encontra nos carros hoje em dia. Não sei *por que* ele teria mantido o seguro em dia.

Lex está perfeitamente ciente do meu pânico e sorri enquanto se inclina para tirar o comprovante do seguro. Ele o coloca no meu colo e vejo que a data de término é atual. Escondo minha respiração aliviada, exalando nos bolsos vazios da minha carteira enquanto a vasculho para encontrar minha carteira de motorista. Meus olhos encontram Lex enquanto estendo a mão e espero que ele apresente sua maldita identidade falsa. Ele permanece calmo e controlado enquanto o puxa e entrega.

O oficial inclina a cabeça.

— Ben Gurgen Hoffe? Esse é um nome único.

O comportamento calmo de Lex se quebra quando ele solta uma pequena risada que vejo mais do que ouço.

— É um nome de família. Na verdade, é pronunciado JER-gen. — Ele aperta os lábios e fica sóbrio — Aqui, querida, troque de lugar. Sua vez de tirar uma soneca — Ele sai do carro. Ouvi-lo me chamar de querida é ainda mais estranho do que baby. Eu odiei que ele me chamasse de coelhinha e coelha no começo, mas agora não consigo imaginá-lo me chamando de outra coisa.

O brilho de sua pistola pisca para mim enquanto sua camisa sobe, e só posso esperar que o policial também não perceba. Solto o cinto de segurança e abro a porta, pisando na calçada com as pernas que parecem que vão ceder. Depois de sentar no banco do passageiro, aperto o cinto de segurança. Mal consigo ouvir por causa do barulho do sangue em meus ouvidos. Limpo as palmas das mãos cobertas de suor na camisa.

— Krause? Isso também é de origem alemã? — Lex pergunta enquanto se aproxima da placa de identificação do oficial.

O oficial olha para ele e sorri.

— Sim, na verdade. Ninguém percebe isso.

— Você já visitou a Alemanha? — Lex se inclina contra a porta, parecendo suave pra caralho. Até eu esqueço que ele é um criminoso no momento.

— Não, embora eu sempre tenha pretendido. Meus avós restantes moram perto de Munique.

Lex balança a cabeça.

— Sim, você precisa ir. Em primeiro lugar, a vida é muito curta e, em segundo lugar, é uma cidade linda. Você tem que ir durante a Oktoberfest, se quiser ter a experiência completa. Talvez não traga a vovó, no entanto. — Um sorriso genuíno cruza o rosto de Lex, e quase acredito que ele foi para a Alemanha.

O oficial ri.

— Ela provavelmente beberia mais que todos eles — Ele bate as identidades na palma da mão aberta — Você sabe o que? Não acho que precisamos tornar isso mais do que é. Contanto que alguém mais desperto possa dirigir, estou bem — Ele olha para mim com um olhar de repreensão — Aqui está, Sr. Gurgun Hoffe. Por favor, dirija com cuidado — Ele devolve a identificação de Lex.

Lex abre a porta para entrar no carro assim que o policial se afasta.

— Ei — o policial responde enquanto Lex fecha a porta do carro.

Lex se inclina para fora da janela, sua mão se movendo para o quadril e envolvendo o punho da pistola.

— Talvez eu te veja na próxima Oktoberfest! — O oficial grita com um aceno final de cabeça.

Os ombros de Lex caem e sua mão se solta do aperto de plástico.

— Se você fizer isso, eu pago uma bebida para você — diz Lex com um aceno — Tenha uma boa noite, oficial.

Com os lábios tensos, ele coloca o cinto de segurança e se afasta do ombro. Ele fica em silêncio até estarmos a alguns quilômetros da estrada.

— Ben Gurgun Hoffe — Lex diz balançando a cabeça. Eu fico olhando para ele, porque não entendo — Estive me masturbando — Lex suspira. — Fodido Rodney. Se ele já não estivesse morto, eu o mataria.

Eu ri. Isso me rasga e parece tão estranho que faz meu estômago doer. Lágrimas que não são de dor ou medo caem pelo meu rosto.

— Pare de rir. Isso foi pura sorte. Eu realmente pensei que teria um policial morto em minhas mãos. Em *nossas* mãos.

Eu não consigo parar de rir. Esfrego o pé do coelho.

— Acho que é sorte.

A coluna de Lex relaxa lentamente e seu peito cai para frente. Ele finalmente solta uma pequena risada. Quando ele fica sóbrio, o teor de sua voz muda.

— Você precisa ter mais cuidado ao dirigir. Tivemos sorte que o seu marido estúpido manteve o seguro deste carro. Eu verifiquei antes de sairmos — Ele respira fundo e expira lentamente, um conjunto muito metódico de movimentos que ele repete até que o aumento do peito diminua. Ele limpa a garganta.

— Você fez um ótimo trabalho, coelhinha — diz ele, esfregando meu ombro de forma tranquilizadora — Mas é preciso ter cuidado ao dirigir, porque uma sorte como essa não acontecerá duas vezes. Mesmo com essa maldita coisa — Ele aponta para a pata do coelho.

Lex penteia o cabelo para trás, expondo sua tatuagem novamente

— Gurgen Hoffe — Lex diz com uma risada irritada.

— Deixa pra lá, Ben — eu digo a ele, um sorriso puxando meus lábios para cima.

— Você não está cansada? Vá dormir — ele ordena.

Eu balanço minha cabeça.

— Não estou nem um pouco cansada.

— Então por que você estava dirigindo como uma merda?

— Porque eu tinha muita coisa em mente. Eu estava abraçando a porra do ombro, não a linha central. Não é grande coisa.

— É uma grande coisa, coelhinha — Ele balança a cabeça desta vez — No que você estava pensando?

Eu zombo.

— Nada.

— Diga-me, Selena.

— Eu estava pensando em quando você cuspiu em mim...

Ele geme como se soubesse que eu iria tocar no assunto e estivesse esperando por isso.

— E? O que há para pensar?

Cruzo os braços sobre o peito e olho pela janela sem dizer mais nada. Não aprecio a atitude dele em relação a isso. Ele não tem ideia de que direção eu iria tomar, mas ficou na defensiva desde o início. Talvez eu fosse dizer a ele que gostei, mas agora não vou contar nada a ele.

— Oh, pare, coelhinha. Você não gostou? Isso feriu seus pequenos sentimentos?

Suas palavras e a maneira como ele as diz me enfurecem. Um fogo arde em minhas entranhas. Eu já me senti mal por gostar disso, mas agora ele está sendo um idiota condescendente com isso. Eu desvio meu olhar para ele e estreito meus olhos.

— Vá se foder.

— Não fique chateada comigo, garotinha, ou vou fazer você sentir muito por essa boca.

— Você não fará nada.

— Vou parar este carro e sufocar você com meu pau até você ver estrelas. Estou falando sério, Selena. Você *não* quer me tentar.

Eu jogo minhas mãos para cima

— Por que estamos brigando agora?

— Porque você prefere brigar do que admitir que gostou quando eu te degradei. Que você gostou de se sentir *usada* por mim.

— Eu não gostei — minto.

Seu sorriso sádico me irrita de todas as maneiras erradas. Eu odeio sua presunção irritante.

— Tudo o que ajuda você a dormir à noite, coelhinha.

Dirigimos em silêncio. Estou com raiva o suficiente para pensar em bater nele, mas estou apaixonada o suficiente para que se ele me dissesse com raiva para chupar seu pau, eu cairia de joelhos sem pensar duas vezes.

Uma placa para um lago aparece à nossa direita. Lex olha duas vezes para ele.

— Bem, isso terá que servir — ele sussurra, finalmente quebrando o silêncio. Ele vira na saída e segue em direção ao lago, seguindo as placas até chegar à entrada bloqueada do parque. Ele segue em frente e pega um beco sem saída. O carro mergulha e balança em cada buraco. Ele para e saímos do carro.

Um fino véu de luar lança um brilho fraco sobre o mundo que nos rodeia, deixando-nos principalmente nas sombras. Lex caminha em direção a uma cerca de arame enferrujada coberta de arbustos. Ele força o metal, sacudindo-o antes de puxar uma parte quebrada. Ele passa e eu pego algumas roupas do carro e o sigo.

— Ei, espere — eu sussurro. A cerca arranha minha pele enquanto tento passar. *Obrigada por mantê-la aberta, idiota.* Ele não desacelera, então acelero meus passos para alcançá-lo.

A clareira se abre e revela o lago. Eu só ouço a respiração de Lex acima do som de grilos e sapos coaxando. Um peixe surge do outro lado do lago e ouço as ondulações que ele deixa em seu rastro. Está *tão* quieto.

— Tire a roupa — diz ele antes de se encostar em uma árvore e me observar.

Não quero ceder às suas exigências, especialmente quando ainda estou tão exaltada por causa de sua atitude, mas ele tem um jeito de falar que me influencia como nunca antes. Isso me faz *querer* fazer as coisas que ele me pede.

Agarro a barra da minha camisa e começo a levantá-la.

— Mais devagar — ele me diz.

Faço o que me foi dito, tirando a camisa o mais lentamente que posso. O calor de seu olhar está sobre mim, e ele observa enquanto jogo minha camisa fora. A fome em sua expressão me faz vibrar e esquecer meu aborrecimento.

Deslizo minhas calças pelas coxas e o ar fresco envolve meu corpo. Lex desabotoa a calça jeans e vejo ele tirar a calça. Meus olhos percorrem seu

corpo. Fixo-me no corte em sua barriga, feliz por ver que parou de sangrar. Ainda me preocupo com ele, embora ele não parecesse se importar em ser esfaqueado.

Caminho em direção ao lago e mergulho a mão na água para verificar a temperatura. Quero desesperadamente me limpar e é o melhor que conseguiremos neste momento. Lex passa por mim e entra, a água se espalhando por seu corpo forte enquanto ele avança mais fundo.

— Está fria? — Eu pergunto.

— Muito. Vamos — Ele me faz sinal para entrar.

Entro na água e minha respiração fica presa na garganta quando chega ao peito. A escuridão para nas curvas dos meus seios, quase cobrindo-os. Lex me envolve em seus braços e me segura na frente dele. Sua expressão se suaviza pela primeira vez desde a interação no carro.

— Não é a degradação que você gostou. Isso não é quem você é.

Lex me empurra para baixo da água e me mantém lá. Eu não me debato até que meus pulmões se apertem para respirar e, mesmo assim, eles ficam fracos. Estendo a mão e agarro seu pulso, mas não o afasto. Eu deveria estar com medo — é uma reação normal — mas não estou. Eu ouço o vazio negro e o trovão do meu coração. Quase me sinto serena, mesmo quando meu estômago se contrai e meus pulmões gritam por ar. Só *sei que* ele vai me puxar para cima. Não sei como sei, mas sei. Estou segura ao seu alcance, mesmo em uma situação tão insegura.

Até mesmo olhando para a face fria da morte.

Assim que meu corpo começa a procurar ar contra minha vontade, ele me agarra por baixo dos braços e me levanta para a superfície. Tusso e cuspo água.

— É a confiança que você tem em mim que te deixa molhada. Não o ato.

Ouçó a sedução em sua voz, embora seja abafada pelo cabelo molhado grudado em minhas orelhas. Cuspo mais água e estabilizo minha respiração.

— O que? — Penteio o cabelo para trás, ouvindo as gotas retornarem ao lago e se misturarem com a água.

— Quando eu cuspo em você. Você não estava excitada porque gosta de ser degradada. É porque você confiou em mim o suficiente para fazer isso com você em primeiro lugar. Você me deixou te foder, cuidar de você, merda, até mesmo colocar sua vida em minhas mãos. É tudo confiança — Ele me beija — Você confia que quando eu cortar sua respiração, eu a devolverei para você — Sua boca encontra minha clavícula, beijando acima dos meus seios — Você sempre vem, porque confia mais em mim do que em seu marido. Você confia mais em mim do que em si mesma.

— Ei... isso é... — Tento lutar contra suas palavras, mas ele está certo. Eu confio nele. Tudo dentro de mim deveria desconfiar dele - ele me pegou sob a mira de uma arma, pelo amor de Deus - mas não sinto medo quando se trata dele. Ele segura tudo de mim em suas mãos, e nunca me preocupo se ele vai me deixar cair.

— Você me deixaria fazer qualquer coisa com você, não é, coelhinha?

Mordo o interior das minhas bochechas e engulo antes que meus olhos se elevem para encontrar os dele.

— Sim — eu sussurro.

— Você me deixaria foder sua bunda? — Ele pergunta, tão casualmente.

Minha boca se abre e solto um grito involuntário. Eu o deixaria fazer qualquer coisa...

Exceto aquilo.

— Não! — Nunca tive ninguém dentro de mim desse jeito. Nem meu marido. Ninguém. Lex já conseguiu muitas partes de mim. Ele não precisa disso também. Eu balanço minha cabeça.

— Coelhinha — ele diz com mais severidade — Eu não faço você sempre se sentir bem?

— Não. Posso pensar em algumas vezes que você não fez isso — Ele fez muitas coisas que não me fizeram sentir bem... ou não me fez sentir bem no início.

— E se jogarmos um jogo? Vou deixar você correr e, se eu te pegar, vou acabar com você.

Minha mente lembra quando ele comeu minha boceta no capô depois de me pegar. Quão forte ele me fez gozar. Deus, eu quero isso, mas não quero o que ele está oferecendo agora. Eu não quero que ele foda minha bunda.

— Não, Lex — eu digo com uma voz firme que não vacila.

— Não, não é uma resposta, porque não era realmente uma pergunta, Selenia — Ele me liberta de seu alcance — Mas vou te dar uma vantagem.

Ele me beija e parece um adeus. Minha preocupação muda de ele tomar minha bunda para ele me perseguir para me deixar. Essa ideia me deixa mais assustada do que ficar presa debaixo d'água. Isso faz meu estômago apertar e meu coração galopar.

— Quando o lobo rosna, o coelho corre — Lex se inclina para perto de mim. Água fria escorre do meu cabelo e se mistura com seu hálito quente, criando a tempestade perfeita contra meu pescoço. Ele rosna no meu ouvido, enviando uma vibração pelo meu corpo.

— Corra.

Permaneço plantada onde estou, com o fundo rochoso do lago sob meus pés.

Seus olhos se estreitam e ele começa a contar.

— Dez... — Ele sorri — Nove...

Respiro fundo. Ele não está brincando. Posso ver a seriedade em todo o seu rosto. Ele conta os segundos, me dando menos tempo para fugir dele. Este é o seu joguinho de caça. Bem, acho que foi meu primeiro, mas desta vez há riscos muito maiores.

Este jogo vai doer.

Viro-me e vou em direção à costa, mas o peso da água retarda cada passo. É como passar por um pesadelo, só que não vou acordar quando seus dedos agarrarem minha pele. Pedras afiadas cravam-se em meus pés a cada passo que dou. Ignoro a dor. O que ele tem reservado para mim fará com que essas pedras pareçam andar sobre bolas de algodão. Já estou sem fôlego quando chego ao banco. Ele caminha lentamente atrás de mim, ainda em contagem

regressiva. Sua voz geralmente agradável torna-se ameaçadora à medida que cada número sai de seus lábios.

Examino o terreno, tentando me ajustar ao ambiente estranho. A única luz que pode ser encontrada vem do brilho do sol que surge no horizonte. Uma trilha contorna o lago e eu corro em direção a ela. O solo está molhado de orvalho e meus pés afundam na terra. Está uma pasta fria entre os dedos dos pés. Pedras incrustadas cortam meus pés e tento ignorar a dor. Eu tenho que continuar.

Não consigo mais ouvi-lo atrás de mim. Só consigo ouvir meus pés batendo no caminho. Corro em direção às árvores, usando os troncos grossos para me equilibrar enquanto subo uma colina. Não tenho tempo para pensar na minha nudez ou na cura dos meus hematomas. Nem sequer registro os galhos batendo na minha pele. Nada disso importará se suas mãos famintas me pegarem.

No topo da colina, me inclino para recuperar o fôlego, examinando a direção de onde vim. Não consigo ver Lex, e mais uma vez me preocupo que ele tenha feito tudo isso só para me deixar, que tenha me expulsado como um cachorro que não quer mais. Esse pensamento dói mais do que a facada aguda que sinto na lateral do corpo a cada respiração que respiro.

Uma gota de chuva cai em meu braço e eu olho para o céu. Um raio corta a escuridão minguante acima de mim antes que o céu se abra e a chuva caia em um aguaceiro constante. Fantástico. As gotas rolam pela minha pele e congelam meus ossos. Eles viajam pelo meu peito e esfriam meus seios, endurecendo meus mamilos. Envolver meus braços em volta de mim para aquecê-los.

— Coelhinha? — Lex chama e eu viro minha cabeça em direção à sua voz. Giro sobre os calcanhares e saio novamente em direção a um pequeno lago cercado por grandes pedras. A chuva atravessa meus olhos, me cegando. Eu sopro dos meus lábios enquanto corro. Assim que chego à primeira pedra grande, Lex aparece ao lado dela.

— Deus, eu conheço você — ele rosna.

Eu me esquivo de seu aperto e saio correndo ao redor do lago. Meus pulmões queimam e parece que não há ar suficiente no mundo para satisfazer minha necessidade de oxigênio. Meu coração dispara, batendo contra meu peito de forma quase dolorosa. Uma pedra afiada corta meu tornozelo e manco alguns passos antes que a adrenalina me ajude a esquecer a dor.

Meus pensamentos estão concentrados em Lex.

Na minha mente, ele parece um predador, transformando-se em um lobo de verdade na minha frente. Imagino suas patas movendo a terra enquanto ele corre atrás de mim. Eu sou o coelho, usando a velocidade para se manter à frente de suas mandíbulas rangentes.

Paro na linha das árvores e me viro, olhando para trás enquanto me encosto em uma árvore para recuperar o fôlego. Não há som. Nada além do barulho da chuva forte. Ele pode facilmente esconder seus passos sob esse som. Não consigo ver nada através das grossas gotas de chuva, e piscar não ajuda em nada a limpar a névoa que se acumula ao redor dos meus cílios.

A chuva é implacável, assim como Lex.

— Eu não quero mais brincar, Lex! — Eu grito para o nada.

Um braço envolve minha cintura por trás e eu grito. Uma mão cobre minha boca.

— Peguei você — Lex rosna em meu ouvido.

Ele pressiona seu corpo gelado e molhado contra mim, e eu gemo em sua mão. Ele mantém o braço em volta da minha cintura e me empurra em direção a uma pedra grande. Ele me inclina sobre ela, passando as mãos pelos meus braços até poder agarrar meus pulsos e colocá-los na minha frente, deixando meu peito cair na pedra fria e escorregadia.

— Nunca me deixei ser totalmente egoísta com o seu corpo — ele sussurra — mas agora, o lobo vai ser um lobo — Ele tira a mão da minha boca.

— Lex — eu digo balançando a cabeça.

— Shh, coelhinha — Ele me conforta por um momento, passando as mãos pelos meus lados. Sinto a areia da lama na minha pele — Você confia em mim?

Eu engulo. Seu pau duro pressiona minha bunda.

— Eu preciso — eu sussurro.

— Sim, você quer.

A chuva bate em mim e escorre pela pele áspera das minhas costas. Tremo, não só de frio, mas de medo da dor que ele vai me causar.

Ele me surpreende quando empurra dentro da minha boceta, e eu suspiro quando ele pressiona minha pélvis contra a pedra áspera na minha frente. Ele me fode com o egoísmo que prometeu. Duro e áspero. Mais áspero do que jamais me senti. Ele me rasga. Um gemido selvagem sai de seus lábios, e esse som penetra em minha boceta tanto quanto seu pau. Seus dedos cavam a carne dos meus quadris e estou exatamente onde preciso estar. Nós dois estamos. Estamos vivendo um momento em que a chuva lava nossos pecados e nos torna puros.

Nós somos um.

Com seu pau ainda enterrado dentro de mim, ele abre minha bunda, esfregando o dedo na minha pele antes de empurrá-lo para dentro de mim. Eu aperto, e isso o faz gemer.

— Relaxe — ele diz enquanto desliza outro dedo dentro de mim. E um terceiro, me trabalhando até o pau dele. Eu meio que gosto de como me sinto satisfeita por ter seus dedos dentro de mim enquanto seu pau está na minha boceta.

Lex puxa os dedos, me espalha e cospe. Mordo meu lábio enquanto sua saliva quente se mistura com a chuva fria. Ele se inclina sobre mim e minha bunda se aninha na curva de sua pélvis.

— Esta pronta? — Ele pergunta.

Eu não esperava que ele perguntasse. Ele *sabe que* não estou pronta. Nunca estarei pronta para isso. Meu corpo pensou que tinha escolha por um momento, mas fico tensa novamente quando percebo que isso nunca foi o caso.

— Lex...

Ele coloca as mãos em cada lado da minha cabeça, apoiando seu peso em mim.

— Não diga meu nome assim. Ganhei de forma justa, coelhinha. Sua bunda é minha.

Quero dar a ele essa parte de mim, mas estou com medo. Ele sai da minha boceta e puxa os quadris para trás para conseguir um ângulo melhor. Quando ele empurra a cabeça do seu pau dentro de mim, fico tensa. Não é como os dedos dele. Não parece nada com seus dedos.

— Lembre-se do que eu disse para fazer. Relaxe — ele sussurra enquanto acaricia o cabelo molhado da minha bochecha — Deixe-me entrar, coelhinha.

Suas palavras suaves me fazem derreter no granito. Respiro fundo e tento relaxar meu corpo. Ele avança dentro de mim e eu mordo meu lábio inferior. Ele dificilmente é o lobo egoísta que afirmava ser, muito terno para ser um predador.

— Boa garota — ele geme enquanto se empurra dentro de mim. Ele mantém os quadris imóveis, permitindo que eu me ajuste ao seu tamanho e me estique ao redor dele — Você pega tudo que eu te dou, não é? — Suas palavras imitam o que ele disse no carro quando cuspi. Agora, com ele tão dentro de mim, quero pegar tudo que ele pode me dar.

Para deixá-lo orgulhoso.

Eu choramingo e aceno com a cabeça. Suas estocadas ficam mais famintas e a gentileza se dissolve. Sua mão esquerda segura a pedra para que ele possa obter mais apoio. Ele me fode com mais força, mas não com tanta força como quando estava na minha boceta. As folhas das árvores fundem-se no solo juntamente com os seus troncos grandes e fortes. O lago à minha frente se espalha e toma conta de tudo, cobrindo-o de escuridão. O mundo se torna abstrato, e a única coisa que permanece real é Lex e seu corpo contra o meu.

— Você é tão boa, coelhinha. Tão apertada. Tão perfeita.

Suas palavras me aquecem até que só sinto o calor dele. É um fogo queimando atrás de mim, apagando a chuva fria e o ar fresco. Eu me acostumo com a dor dele dentro de mim. Isso nunca vai embora, mas eu me adapto à dor como fiz com meu casamento.

Ele me fode com mais força e profundidade, e sinto toda a sua força pela primeira vez. Sinto a fome egoísta que ele me prometeu. Ele me usa como se isso fosse tudo para que eu servisse.

Meu corpo permanece rígido, não importa o quanto eu tente relaxar. Meus músculos doem por liberação. Ele finalmente percebe que minha mandíbula cerrada não é por causa do barulho dos meus dentes. Ele percebe o tremor tenso de dor em meu corpo e se transforma novamente no Lex que conheço. Ele se inclina e beija meu ombro. É um toque terno que tanto preciso neste momento. Eu preciso disso mais do que da minha próxima respiração.

— Doce coelhinho — ele sussurra — Eu irei parar.

— Não! — Eu grito — Eu quero pegar tudo que você me dá.

Ele ri, mas se transforma em um rosnado no final.

— Você tem, Selenia. Você realmente fez isso. Isso era muito para qualquer um aguentar. A caçada. A chuva e os cortes sangrentos nos pés e tornozelos. Levando meu pau na sua bunda com nada mais do que minha saliva e a umidade da sua boceta. Você é uma garota tão boa. Mesmo quando seu corpo não está disposto, sua mente está.

— Sinto muito — digo enquanto luto contra as lágrimas. A perspectiva de desapontá-lo desperta mais emoção do que quase tudo na minha vida.

Sua mão desliza pela curva da minha coluna.

— Não se desculpe. Eu queria foder sua bunda e precisava que você me deixasse. E você fez — Ele agarra minha bunda, e a chuva faz suas pontas dos dedos morderem com mais força — Você não vai gostar de tudo que eu quero fazer com você, que farei *com* você, mas sempre vou recompensá-la por ser a boa menina que você é. Não importa o quão ruim você se torne por estar perto de mim, você é minha boa garota.

Ele sai de mim e me levanta. Sua boca encontra a minha enquanto ele me deita na rocha e abre minhas coxas. Seus lábios percorrem meu corpo e ele cai de joelhos. Eles afundam na terra. Ele me separa e sua língua encontra meu clitóris. Eu me apoio nos cotovelos para poder observá-lo. Ele joga para trás o

cabelo molhado enquanto a água da chuva escorre pelas têmporas. Gotas de chuva rolam pelos músculos de seus braços e ombros.

Meus olhos percorrem suas tatuagens gravadas na prisão, e percebo que ele é alguém com quem minha família não teria me permitido conversar, muito menos foder. Estou perdendo a cabeça com ele. Muito além da minha cabeça. Ele é um enigma, um mistério que deveria ser deixado sem solução e intocado, mas ele come minha boceta como se as respostas para tudo que preciso saber estivessem em sua boca. Ele egoisticamente me fode com a língua, suas mãos agarrando minha bunda enquanto me mantem à sua mercê.

— Lex — eu sussurro.

— Não diga meu nome a menos que as palavras “estou gozando” a sigam — ele rosna, me dando um olhar sombrio antes de me devorar novamente. Seus comandos, como sempre, me deixam fraca. Faça-me tremer enquanto suas palavras vibram meu clitóris.

Quando ele percebe que suas palavras duras me fizeram resistir à sua boca, sua voz diminui.

— Goze para mim, coelhinha. Venha para o único homem que você não deveria.

E eu faço. Gozo com força contra sua boca, com a chuva pintando meu corpo e as árvores subindo da terra e nos cercando mais uma vez. Agarro seu cabelo enquanto ele incansavelmente lambe meu clitóris, fazendo meu corpo estremecer com um prazer que se transforma em desconforto. Ele sorri para mim e acaricia meu clitóris mais uma vez, meu corpo sacudindo com seu toque, antes de se levantar.

A rocha arranha minha pele macia quando me sento.

— E você? — Pergunto, sentindo-me culpada enquanto meu orgasmo diminui.

Seu corpo largo se eleva sobre mim, e a água cai em cascata por seu peito e estômago firmes.

— Quanto a mim?

— Você não veio — Eu me sinto mal por ter batido antes que ele pudesse se libertar, mas Lex parece relaxado, quase saciado, apesar de não gozar.

Ele estende a mão e me ajuda a ficar de pé.

— Está tudo bem, coelhinha. Vou preenchê-la na primeira chance que tiver — Seus olhos examinam o horizonte — Vamos dar outro mergulho rápido e depois temos que seguir em frente. É manhã.

Eu concordo. Não tenho ideia do que vai acontecer conosco, mas Lex está me abrindo para um mundo que eu nunca soube que existia. Aquele em que o risco de perder minha liberdade é a maior liberdade que já senti.



CAPÍTULO QUINZE

Selena

Parece que está ficando cada vez mais rural à medida que avançamos para o sul. Há tantas terras agrícolas no Tennessee, e não posso deixar de me perder na vista. Pequenas propriedades com vários animais margeiam a estrada em ambos os lados. Vacas, cabras e alguns cavalos estão em um grande cercado, e eu pressiono minha testa no vidro para ver todos eles.

Lex vira para a direita e seguimos ao longo das elegantes cercas de madeira. Não sei o que Lex planejou enquanto dirigimos por mais uma estrada isolada e sem saída. A eternidade do pavimento parece interminável. Dirigimos muito tempo hoje e ambos estamos exaustos. Ele simplesmente não admite isso. Eu irei, com uma longa expiração.

— Onde estamos indo? — Eu pergunto.

— Precisamos de um carro novo. Quando abasteci, ouvi dois moradores conversando sobre um fazendeiro solitário que mora nesta estrada. Disse que estava fora e parecia uma boa oportunidade. Fácil.

Aperto os lábios e esfrego os cortes nos tornozelos.

— Preciso lavar isso com sabonete de verdade — Fontes naturais de água não são higiênicas. Nem um pouco. Preciso *de* um banho de verdade.

— Você irá — Os olhos de Lex saltam para uma casa de fazenda frágil à nossa frente. — Aí está, exatamente como eles disseram.

Lex para no acostamento e caminhamos o último trecho em direção à casa. Meus pés doem por causa dos sapatos que esfregam em todos os lugares onde as pedras e galhos machucam minha pele.

— O que aconteceu com seus pais biológicos? — Pergunto, tentando me distrair da minha dor ao ouvir a dele.

Lex não fala a princípio. Não espero que ele responda à minha pergunta, mas ele me surpreende quando o faz.

— Nunca conheci meu pai e mal conheci minha mãe. Ela gostava mais de droga do que eu. Entrei e saí do sistema de adoção desde que me encontraram sozinho em um apartamento cercado por agulhas quando eu tinha seis anos.

— Lex...

— Não faça isso, coelhinha — Eu ouço a pena em sua voz. Ele balança a cabeça. — Não podemos todos ter a mesma sorte que você teve enquanto crescia.

Paro no meio do caminho e me viro em direção a ele. Ele não precisa me atacar porque está ferido. Ele não precisa ficar tão na defensiva.

— Você não sabe nada sobre como eu cresci.

— Não sei?

Eu zombo.

— Não. Você não sabe. Eu também mal conhecia meus pais. Eles jogaram dinheiro em mim para compensar minha ausência. Eu tinha um propósito como filha: casar com quem melhorasse seus negócios. Eles me entregaram ao diabo mesmo sabendo que estavam me mandando para o inferno com ele. Eles *sabiam* que ele iria me queimar. O dinheiro me manteve viva e ao mesmo tempo me matou. Eu desistiria de tudo, e desisti. Não há mais nada além do que eu tomei e estou bem com isso. — Meus ombros caem com o peso da finalidade da minha vida antes de Lex. Eu ainda não aceitaria nada de volta.

— Selena — Lex diz enquanto eu acelero meus passos em direção à casa.

Eu o ignoro. Quando ele continua tentando, viro-me e estreito os olhos para ele.

— Você acha que sou uma criança mimada, não é? Coelha de show chique, certo? Especial demais para sujá-lo ou permitir que seja um animal. Tentei mostrar a você que não sou uma coisinha frágil e bem cuidada!

Lex levanta a voz de uma forma que nunca ouvi dirigida a mim.

— Selena, você precisa se acalmar. De onde isso vem?

Está vindo dele. As coisas que ele diz sobre a minha vida me deixam com muita raiva. Vejo o jeito que ele olha para mim às vezes, como se eu fosse uma criança mimada que fugiu de uma vida perfeita. É uma insegurança profunda por sempre ouvir que minha vida estava bem, porque eu tinha dinheiro e coisas boas. Quando contei à minha mãe o que Bryce estava fazendo comigo, ela disse - Mas ele está apoiando você, Selena. Eu sei como você pode ser. Às vezes você só precisa mudar um pouco seu comportamento para fazê-lo feliz. - Porque ele me ‘apoiou’, tive que aceitar a dor. *Eu* tive que mudar, não aquele que infligiu o abuso. Foda-se Lex por pensar que eu estava de alguma forma protegida da dor por causa da porra do dinheiro.

Não, foi a raiz de todos os males na minha família e no meu casamento.

O peso disso me esmaga e perco a força para me sustentar. Eu caio de joelhos. Lex corre para me ajudar, mas eu afasto suas mãos.

— Deixe-me ficar por alguns minutos. A casa está bem ali. Encontro você lá dentro.

Lex balança a cabeça e olha para a casa da fazenda.

— Eu não vou deixar você aqui sozinha.

— É exatamente disso que preciso agora. Eu preciso ficar sozinha — eu sussurro. Sento-me sobre os calcanhares e respiro o ar pesado da fazenda. Cheira a grãos e esterco. Uma lágrima escorre pela minha bochecha e eu a enxugo antes que ele possa ver. Não preciso que ele fique e me console. Eu preciso me consolar.

— Selena — ele ordena, mas pela primeira vez eu não escuto.

— Vá! — Grito de volta, me surpreendendo com a ferocidade.

Lex respira fundo e pega a faca no bolso.

— Apenas no caso de um lobo diferente tentar morder — Ele a joga em minha direção e ela cai na minha frente, alisando a grama. Isso traz de volta uma onda de memórias. A maneira como minha mão escondia o cabo de madeira esculpido. A maneira como a lâmina ficou vermelha enquanto eu esfaqueava Bryce repetidas vezes.

Assim que Lex sai para entrar, eu caio de bunda e me deito. Um pássaro de asas largas sobrevoa, silencioso e ameaçador. As vacas mugem no pasto ao lado da casa. É muito tranquilo, e eu preciso dessa paz. Eu gostaria que Lex entendesse. Não quero brigar com ele por causa do nosso passado. Não quero participar de uma competição sobre quem teve a pior infância. É claro que sim, mas isso não nega o que aconteceu comigo. E me sinto negada. Escolhemos caminhos diferentes – eu escolhi a complacência e ele escolheu a violência – mas ambos escolhemos o assassinato, e é aí que os nossos caminhos se cruzam.

Algo bate dentro da casa. Enxugo uma lágrima rebelde da dobra dos meus olhos e fico de pé. Arranco a faca da grama e a seguro contra a palma da mão. Quando chego à varanda, subo os degraus e abro a porta, controlando-a enquanto ela fecha para não fazer barulho. O estrondo fica mais alto e mais violento. Não pode vir apenas do Lex. Com passos silenciosos, sigo os barulhos altos até a sala.

O que vejo me surpreende. Um fazendeiro corpulento mantém Lex na mesma posição que Lex manteve Rodney, mas essa luta não é tão unilateral. Minha boca fica aberta, porque depois de tudo que testemunhei, eu nunca esperaria que alguém levasse vantagem sobre Lex. O chapéu do fazendeiro cai enquanto os homens lutam. Fios oleosos de cabelo caem sobre o rosto do homem. Seu macacão está rasgado e manchado.

Quando Lex encontra meus olhos por um momento, ele murmura. — Vá — para mim. Balanço a cabeça, nunca mais certa de nada na minha vida. Não vou deixá-lo de jeito nenhum para me salvar.

Meu coração bate forte em meus ouvidos enquanto Lex tenta permanecer na luta. Sua pistola brilha na parte de trás da calça jeans, mas nunca serei

rápida o suficiente para alcançá-la, nem saberei o que fazer com ela se conseguisse colocar as mãos nela.

No meu pânico, esqueço-me da faca na minha mão. Seu peso contra a palma da minha mão finalmente me lembra de sua presença. Esgueiro-me ao longo da parede, tentando impedir que o fazendeiro me veja. Quando acidentalmente derrubo uma lata de cerveja, prendo a respiração, esperando que ele ouça. Felizmente, ninguém ouve nada por causa dos grunhidos e da adrenalina. Quando estou encostada na parede atrás do fazendeiro, abro a lâmina e a seguro com um aperto familiar. Mas não tenho ideia de como esfaquear esse homem. Eu nem sei se consigo. A vingança impulsionava meu braço quando se tratava de Bryce, mas não há vingança agora. Existe apenas a necessidade de proteger Lex, e essas são duas razões muito diferentes para matar.

O medo me congela no lugar. Eu não sei o que fazer.

O fazendeiro vai em busca da arma e estou sem tempo para pensar. A intensa necessidade de proteger Lex impulsiona meu braço para frente enquanto corro em direção ao fazendeiro e enfio a faca em seu pescoço. Ele solta um rugido e eu grito enquanto o sangue escorre por baixo da alça.

— Tire isso, Selena! Puxe a faca! — Lex grita e parece que ele está a quilômetros de distância.

Com a mão ainda enrolada na alça, tento puxá-la, mas uma sucção que não estava lá quando a coloquei a mantém no lugar. Eu mexo e ele finalmente cede com um som repugnante de esmagamento. No momento em que a lâmina deixa seu pescoço, o sangue escapa do ferimento em uma cachoeira, jorrando um gêiser vermelho a cada batida de seu coração. O homem cambaleia e estende a mão para o pescoço. Lex se afasta e arranca a pistola da mão do fazendeiro, colocando-a na cintura, onde deveria.

Parecem minutos, mas são apenas alguns segundos antes que o fazendeiro caia de joelhos. Sem emitir outro som, ele cai de cara no chão. Nunca vi tanto sangue. Cada pedacinho do que estava em seu corpo se espalha ao seu redor no chão.

— Ferimento arterial. Muito eficaz, coelhinha — Lex ofega. Ele está coberto de sangue, e meus braços também estão salpicados com sangue.

O sangramento que causei.

Encosto-me na parede, a faca ainda na mão trêmula. Como se Lex tivesse esquecido como é o assassinato para assassinos inexperientes, ele não parece notar a angústia que estou enfrentando. Meu estômago se revira e eu vomito, quase vomitando no velho piso de madeira. Lex agarra meu cabelo e o segura para mim enquanto eu luto contra o vômito. Ele esfrega minhas costas como se estivesse confortando alguém que jogou um jogo ruim. Como ele pode ser tão arrogante?

É seletivo da minha parte esquecer quem Lex realmente é. É muito fácil ignorar o lado violento e perigoso dele que lhe parece tão normal quanto respirar.

Fico de pé, sentindo o peso daquele fazendeiro gigante sobre meus ombros. Como vou levar isso comigo? Meus olhos se arregalam de medo, não de Lex, mas do que me tornei por causa dele.

Uma assassina.

Não sou apenas uma esposa espancada que se vingou. Sou uma maldita assassina.

— Fica mais fácil — Lex diz enquanto dá um tapinha nas minhas costas. Ele caminha em direção ao armário e começa a vasculhar. Minha boca se abre. Ele é cínico pra caralho. Literalmente sociopata.

— Mais fácil? — Eu pergunto, enojada.

— Sim, mais fácil. Significa que você não fica mais preocupado com isso.

Eu pisco para ele.

— Você é maluco, Lex.

Ele fecha um armário e começa a comer batatas fritas de um saco, com as mãos ensanguentadas e tudo.

— Sim, e?

A raiva corre através de mim. Ele é enlouquecedor.

— Você me fez fazer isso! — Eu grito enquanto aponto para o fazendeiro morto, rapidamente cortando meu olhar quando ele pousa em seus olhos fixos, a vida drenada deles.

Lex ri com a boca cheia de batatas fritas.

— Eu não obriguei você a fazer nada — diz ele com uma calma irritante — Eu disse para você ir. Você teve a escolha de ir embora.

Ele se aproxima, me empurra contra a parede e tira a faca da minha mão. Sua respiração percorre minha pele aquecida.

— Eu não fiz você me foder ou esfaquear seu marido. Não fiz você vir comigo nem esfaquear aquele homem. Se você vai ficar comigo, precisa começar a aceitar o que você é.

— E o que diabos eu sou?

Lex pisca seus olhos escuros para mim.

— Você não é melhor que eu.

Respiro fundo, como se ele tivesse me esfaqueado abaixo das costelas. O ar sai dos meus pulmões e eu me encolho diante dele.

— Eu só queria proteger você... — Eu sussurro.

Lex se inclina e eu estremeço com seu toque quando ele beija minha testa.

— Você já sabia que eu mataria por você, e agora sei que você matará por mim — Lex coloca sua boca na minha e me beija uma vez antes de passar a mão quente pela minha garganta — E por mais sexy que seja, nunca mais me ignore quando eu disser para você ir embora.

— Mas...

— Mas nada, coelhinha. Se eu disser para você ir, você vai. Você me ouve? Se ele tivesse me matado, o que ele teria feito com uma garota como você, hein? Se fosse eu? Merda. Eu teria fodido você até a morte por princípio. Então preciso que você me escute, Selena. Pela primeira vez na porra da sua vida.

Lex

Maldita coelha teimosa. Eu inspiro seu cheiro enquanto a repreendo. Eu não sou um pedaço de merda. Agradeço por ela ter salvado minha vida, mas não arriscando a dela. Um arrepio percorre minha espinha ao pensar no que teria acontecido com ela se ele atirasse em mim e se virasse para encará-la.

Linda coelhinha, pronta para o abate.

Eu o imagino transando com ela, destruindo-a de maneiras que eu não conseguiria fazer, apesar de *realmente* querer. Afasto os pensamentos intrusivos de suas mãos sobre o que é meu. Não consigo lidar com a ideia da boca dele em seus lábios carnudos ou em seu pescoço pálido. Os seus olhos sobre as suas mamas e os seus dedos tocando a sua cona perfeita.

Só os pensamentos me tornam homicida.

Minhas mãos sobem por seu pescoço e seguram seu rosto. O peso do risco de ela estar comigo começa a me enterrar. Para me sufocar. É por isso que eu queria que ela ficasse em sua casa idílica, onde estivesse segura. Posso protegê-la se não estiver gravemente ferido ou morto. Tenho certeza disso. Mas o que aconteceria quando eu não pudesse mais protegê-la?

Se algo acontecer comigo.

Se minha coelha se tornar presa de outra pessoa.

— Se você não pode prometer que vai ouvir quando eu contar alguma coisa, vou deixá-la no ponto de ônibus mais próximo — digo enquanto coloco minha testa na dela.

— Lex — ela sussurra em protesto suave.

— Prometa-me!

— Eu prometo — ela finalmente sussurra.

— Boa garota — eu digo enquanto a puxo para meu peito.

— Você está sangrando — Ela enxuga minha camisa. Eu levanto e vejo que meu corte está escorrendo novamente.

— Não é nada. Provavelmente da luta — Afasto-me dela e vou ao banheiro procurar alguns curativos. Depois de fazer o curativo, volto para a sala. Selena sentou-se no sofá depois de cobrir o corpo do fazendeiro com um lençol.

— Como você está tão despreocupado? — Ela pergunta sem olhar para mim.

— Vou te contar um segredinho — eu digo enquanto ando por trás dela e seguro seu cabelo em um punho — Sou um sociopata documentado. Um assassino condenado. — Eu me inclino e beijo seu pescoço enquanto ela luta contra meu toque. Ela tenta se afastar, mas eu a seguro ali. Ela não é forte o suficiente para escapar do meu domínio.

— Você não está melhorando isso — ela retruca.

— Mas também não estou piorando as coisas — digo através de um sorriso malicioso em sua pele — Eu sou um assassino e você também. Não há como negar o sangue em nossas mãos, nem racionalizar que foi nossa educação ou um lapso de sanidade. Tomamos a decisão consciente de arrancar a vida de alguém. Arrumamos nossa cama e agora vamos foder nela.

Estico seu pescoço e beijo sua garganta, completamente despreocupado com o sangue pintando sua pele. Na verdade, eu gosto disso. Eu amo que ela esteja coberta com o sangue dele. Que ela matou por *mim*. Lambo o vermelho, apreciando o gosto metálico na minha língua, e seu corpo fica tenso de desgosto. À medida que minha lambida se torna uma mordida suave em seu pescoço, ela relaxa. O gemido mais suave, quase inaudível, sai de seu lábio inferior.

— Falando em camas, eu estraguei tudo da última vez que estivemos em uma. O que você acha de aproveitarmos essa aqui? Dê-me uma chance de te foder direito. Como você merece.

Apesar de gostar do meu toque por um momento, seus olhos se voltam para os meus. — Não, Lex, absolutamente não. Há um homem morto no chão atrás de nós.

— Oh, coelho, devemos fazer outro jogo? Algo novo para eu fazer com você?

Ela estreita os olhos.

— Não.

— Bem, vá tomar um banho enquanto eu cuido disso, e vou descobrir que jogo quero jogar com você.

O chamado para tomar banho é muito atraente para ela e, como um animal assustado, ela sai do quarto sem me virar as costas, como se eu fosse atacá-la se ela não estivesse olhando.

Acredite, estou tentado. Eu adoraria transar com ela com o sangue do fazendeiro ainda na pele. Infelizmente, lidar com o corpo é minha função.

Eu o viro e olho para seus olhos vazios. *Pobre bastardo*, penso enquanto o enrolo no lençol. Ele tinha conseguido uma rara vantagem sobre mim. Eu não esperava que ele estivesse em casa. Como um idiota, eu nem tinha pensado nisso. Se eu estivesse sozinho, estaria acabado. E eu provavelmente mereci isso. Por outro lado, se eu estivesse sozinho, não estaria na casa do fazendeiro e ele não estaria morto.

Meu curso de ação mudou com Selenia envolvida. Se fosse só eu, teria pegado o carro dela e ido direto para a fronteira. Com ela a reboque, preciso dar-lhe um lugar confortável para dormir todas as noites e mantê-la alimentada, fodida e feliz. Quero desesperadamente mantê-la segura, e é por isso que eu queria comprar um veículo novo para nós em primeiro lugar. Isso nos levou à porta deste pobre idiota.

Eu limpo minha testa. Meus dedos trabalham para amarrar o lençol em direção aos pés dele, depois arrasto o corpo para fora. A frágil porta de tela bate. Eu carrego seu corpo para trás da casa, perto das portas da Bilco que dão para o porão. Cubro-o com uma lona e coloco a pá sobre ela, como se não houvesse nada além de uma pilha de palha embaixo dela. Tratarei disso mais tarde – quando não estiver tão frustrado sexualmente.

Esfrego a mão na calça jeans, manchando o sangue. Entro em casa e olho para a poça vermelha no chão. Há muito para limpar. A madeira sugou-o para

cada fenda, cada poro. Em vez disso, procuro um tapete. Quando vejo aquele que está debaixo da mesa de centro, puxo-o e coloco-o sobre a maldita bagunça. Esconde quase tudo. Longe da vista, longe da mente – para Selená, pelo menos. Eu teria fodido ela naquele sofá com ou sem o corpo dele ali. Deixe sua alma me ver fazê-la gozar.

Minha camisa gruda na minha pele suada. Sigo os sons do chuveiro até chegar a uma porta degradada do corredor. Quando alcanço a maçaneta, ela está trancada.

— Coelhozinha sorrateira — eu sussurro.

Ela precisa parar de tentar me trancar do lado de fora. Ela não aprendeu que não pode me manter fora de nada? Não o quarto, seu coração *ou* sua boceta.

A fenda na fechadura é fácil de abrir apenas com minha faca. Quando abro a porta, olho para seu corpo nu através do vidro sujo do chuveiro. Arqueando as costas para lavar o cabelo, ela não me nota a princípio. Ajusto a frente da minha calça e a observo. Saber que o sangue que sai de seu corpo é a força vital do homem que ela matou por mim me deixa duro pra caralho. A maneira como ela o esfaqueou e me ouviu quando eu disse a ela para arrancá-lo de sua carne... Deus, nunca vi um ato mais lindo. Ao mesmo tempo, sinto mais culpa por transformá-la em algo que ela não era antes de me conhecer.

Nunca senti culpa, nem remorso verdadeiro, até conhecê-la. Eu odeio ver pedaços de mim mesmo na Selená. Suas peças boas se misturam com as minhas ruins.

A água é fechada e quando ela abre a porta, ela pula.

— Jesus, como você entrou aqui? — Ela pergunta. A esta altura ela já deveria saber que nada pode me afastar dela quando eu a quero.

Sacudo a faca na mão e a coloco na bancada.

— Volte para lá, coelhinho.

Ela pega uma toalha esfarrapada, mas eu arranco-a pelo balcão e fora do alcance.

— Por quê? Terminei.

— Talvez. Mas não eu — digo a ela com um sorriso, sem vontade de esconder o quão duro estou de observá-la. Tiro os sapatos e abro o zíper da calça jeans. Seu olhar rola para baixo e trava no meu pau duro. Tiro minha camisa ensanguentada e a deixo cair ao lado da calça.

— Lex, não estou com humor — ela sussurra.

— Mas eu estou — eu digo com um grunhido. Abro totalmente a porta do chuveiro e corro meu olhar sobre seu corpo nu. Sem tirar os olhos dela, ligo o chuveiro novamente. Ela parece assustada e pequena, como quando eu a peguei pela primeira vez. Aquele fazendeiro a atingiu, o que significa que ela ainda é mais humana do que eu jamais poderia ser.

Bom.

Eu a arrasto para o chuveiro comigo. Eu me inclino para trás e deixo a água quente cair sobre mim, levando o sangue junto. Quando ouço a porta do chuveiro se abrir novamente, estendo a mão e agarro sua cintura.

— Você não vai embora assim — eu digo.

— Como o que?

— Assustada.

Ela zomba.

— Eu não tenho medo de você.

Eu a atraio contra meu corpo.

— Eu sei que você não está com medo de mim. Você está com medo de si mesma. Com medo do que você é capaz — Eu a beijo, mas seus lábios não me acolhem como costumam fazer — Você é capaz de qualquer coisa, coelha. Você pode ser a mulher doce que me amolece e a coelhinha desagradável - às vezes homicida - que me endurece.

Ela respira fundo, o que me deixa pensando se a ofendi. Enquanto ela tenta se afastar de mim, percebo que sim. Eu a soltei para prendê-la contra a parede do chuveiro.

— Pare, Selena. Pare de fugir do que você é quando você nunca fugiu do que eu sou. Você tem escuridão dentro de você, seja aqui — eu roço seu peito antes de abaixar minha mão em sua boceta — ou aqui.

Seus olhos reviram meu peito e ela empurra o lábio inferior. A tensão em seu corpo se dissipa e dou um passo para trás para terminar de lavar o sangue da minha pele.

— O que vai acontecer conosco? — Ela pergunta. Ela está tão quieta que quase não a ouço sobre a água.

— Nada, Selenia. Não vou deixar nada acontecer conosco. Você confia em mim?

— Na verdade... — Seus lábios se curvam em um pequeno sorriso.

— Sim, você quer, coelhinha — eu digo enquanto a arrasto para mim e a beijo novamente.

Ela encontra meu carinho desta vez. Estendo a mão para trás e retiro o chuveiro do suporte. Eu mudo para um fluxo mais concentrado e corro ao longo de seu corpo, enviando a água quente contra seus mamilos endurecidos. Movo-o sobre sua barriga antes de baixá-lo até a parte interna das coxas. Ela agarra o metal e impede minha subida em direção à sua boceta.

— O que? Você nunca tomou banho? — Eu pergunto.

Ela me encara com o lábio inferior trêmulo e balança a cabeça.

— Por favor, me diga que você vai se safar — Meu tom é quase zombeteiro, mas não é minha intenção que seja. Essa garota não pode ser *tão* inocente.

— Com a minha mão — ela diz enquanto desvia o olhar.

— Então você nunca usou nenhum tipo de brinquedo? — Eu pergunto.

Ela balança a cabeça mais uma vez e eu retiro o chuveiro de sua mão. Agarro seus pulsos e os prendo acima de sua cabeça. Ela se debate ao meu alcance, arqueando as costas enquanto tenta se afastar. Coloco meu joelho entre suas pernas e as afastei.

— Fique aberta para mim — digo a ela. Mantenho os dois pulsos presos em uma mão enquanto passo o chuveiro por seu corpo mais uma vez e aponto para o monte macio de pelos entre suas pernas. Seus olhos se fecham e eu deixo que ela os mantenha fechados.

Apalpo a parte de trás do chuveiro e deslizo mais fundo entre suas pernas. No momento em que o fluxo separa seus lábios e passa por seu clitóris, ela se inclina para frente, quase arrancando as mãos do meu alcance.

— Qual é a sensação, querida coelhinha? — Pergunto enquanto mantenho a pressão entre suas pernas. De vez em quando eu a acaricio com o riacho, movendo-o em um pequeno círculo.

— É uma sensação boa — ela sussurra. Um gemido sai de seus lábios e ela inclina os quadris para frente.

— Mantenha as mãos contra aquela parede — Eu a solto e envolvo minha mão em volta do meu pau. Eu me acaricio com ela esfregando-se contra o chuveiro. Eu me concentro na minha cabeça enquanto ela geme e choraminga — Abra os olhos — eu ordeno. Quero vê-la olhando para mim. Eu quero ver o prazer incendiando seus olhos.

Ela faz isso, mas não me olha no rosto. Seus olhos caem para a minha mão no meu pau. Com um beijo profundo e apaixonado, acaricio meu pau contra sua barriga e mantenho a água apontada para seu clitóris. Seus quadris se curvam contra mim e ela geme, me aproximando demais. Paro antes de gozar, tirando a mão do meu pau por um momento.

Levanto meus dedos até seu rosto e traço sua mandíbula.

— Você tem o rosto mais doce, coelhinha. Você sabe o que eu quero fazer com você?

Ela balança a cabeça e engole em seco.

— Eu quero pintar sua pele com o meu gozo — Meus dedos roçam seu queixo e bochechas.

— Seu marido alguma vez gozou na sua cara?

Ela balança a cabeça — Não — A palavra sai com um movimento frustrado de seus quadris.

— Você me deixaria? — Eu pergunto.

Espero um não instantâneo — provavelmente é muito humilhante para uma garota como ela — mas ela me surpreende com um aceno lento e inseguro. Seu orgasmo crescente deve tê-la tornado mais flexível.

— Diga-me com suas palavras, coelhinha. Você sabe que gosto de ouvir isso.

Ela geme e suas coxas tremem.

— Eu quero que você goze na minha cara, Lex.

A maneira como ela diz meu nome no final me faz contrair sua barriga. Eu quero tanto isso, e ouvi-la perguntar é quase o suficiente para me fazer gozar sem me tocar.

— Venha, doce coelhinha — digo a ela enquanto me acaricio novamente.

Ela se recosta na parede e fecha os olhos. Ela deixa cair as mãos, e por mais que eu queira repreendê-la por isso, elas pousam em meus ombros, enterrando seu prazer em mim através das pontas dos dedos. Eu permito, porque preciso sentir isso também.

— Fale comigo. Diga-me como é.

Selena cava os dedos mais fundo enquanto balança os quadris — Eu vou gozar, Lexington — ela geme.

Eu odeio meu nome completo... exceto quando ela diz isso.

— Goze para mim para que eu possa colocá-la de joelhos, doce coelhinha.

Esfrego meu pau, lutando contra a vontade de gozar enquanto seu corpo ondula com seu orgasmo. Ela treme, gritando de prazer e agarrando minha mão para afastar o chuveiro enquanto fica muito sensível. Mantenho minha mão ali, deixando a água lavar seu clitóris espasmódico.

— Pare — ela implora.

Eu me inclino e a beijo.

— Aguento até o fim — eu gemo contra sua boca.

E ela faz. Como a boa menina que ela é, ela enfrenta os terremotos de prazer que a atravessam. Ela supera a dor enquanto eu mantenho a pressão em seu clitóris depois que ela goza.

— Fique de joelhos — eu digo, sabendo que minha libertação está chegando. Sinto isso na base das minhas bolas e tento desacelerar meus golpes para resistir a ela.

Eu fico olhando para ela, seguindo-a com os olhos enquanto ela cai de joelhos. Seu olhar encontra o meu, seus grandes olhos olhando para mim com um desejo saciado. Há uma pitada de medo aí também. Medo de algo novo. Algo que seu marido nunca fez com ela.

Eu solto meu pau e deixo ele se acomodar na frente de seu rosto. Estou tão tentado a enfiá-lo entre os seus lábios carnudos, mas depois gozo na sua boca. Minha mão roça sua bochecha enquanto a outra afasta o cabelo escuro do rosto.

— Eu quero que você mantenha seus olhos em mim. Não quero que você os feche nem por um segundo, mesmo enquanto eu derramo meu gozo em seu rosto — Paro de acariciar sua bochecha e acaricio meu pau — Fale comigo, coelhinha.

— Eu quero que você venha, Lex — ela sussurra.

Eu rosno.

— Você é minha, Selena. Você sabe disso, certo? — Meu abdômen aperta. Ela parece tão obediente aos meus pés. Suas mãos agarram a parte externa das minhas coxas enquanto ela mantém os olhos no meu rosto.

— Eu sou sua — ela sussurra, e eu esfrego meu polegar ao longo de seu lábio inferior.

Agarro a parte de trás de sua cabeça, enrolo seu cabelo em meu punho e ergo seu pescoço um pouco mais para poder vê-la fazer beicinho sobre meu pau. Toco a ponta em sua boca, roçando a costura de seus lábios. Paro de acariciar minha cabeça, apenas me masturbando para poder ver tudo. Tudo o que preciso dar a ela. Os seus lábios quentes descansam contra a ponta do meu pau, e é o suficiente para me fazer vir, quer eu me acaricie ou não.

— Eu vou gozar — eu rosno.

Pérolas brancas brotam de mim, e assim como eu exigi, ela nem pisca quando meu gozo atinge sua bochecha. Ele derrama sobre sua boca enquanto eu esfrego em sua pele macia e quente. Ela parece tão linda coberta pelo meu gozo.

Eu a ajudo a ficar de pé e limpo um pouco do meu esperma de sua boca antes de passar pelos lábios e colocá-lo em sua língua.

— Prove-me, coelhinha.

Seus lábios apertam meus dedos. Ela não gosta do sabor, mas ainda move a boca até a ponta dos meus dedos. Eu rosno. Eu não me importo de ainda cobrir seus lábios e língua. Eu me inclino e a beijo. Ela choraminga contra minha boca.

— Droga, coelha — eu sussurro enquanto mordo seu lábio inferior, sentindo o sabor salgado misturado com a doçura de sua boca.

Pego o chuveiro novamente, ligo para uma configuração mais suave e digo a ela para colocar a cabeça para trás. Eu lavo meu esperma de seu rosto perfeito, e ela enxuga as bochechas sob o riacho. A janela acima do chuveiro envia um halo de luz para a parede acima de sua cabeça. Ela parece angelical, e é o mais próximo que chegarei de um anjo.



HITCHED

RIDE OR DIE, 1

CAPÍTULO DEZESSEIS

Selena

Sinto como se estivéssemos brincando de casinha em algum universo alternativo onde é perfeitamente normal que Lex tenha acabado de se livrar de um corpo. Com as mãos ainda sujas, ele caminha em minha direção, envolve meu rosto com as mãos e me puxa para um beijo forte. Os aromas de terra e decomposição agarram-se à sua carne. Sua mão se move atrás da minha cabeça e ele me puxa para si enquanto acaricia meu cabelo. Eu me sinto como uma criança contra ele. Sua estrutura forte e autoritária parece segura. Não importa o quão segura ele me faça sentir naquele momento, ainda anseio por estabilidade novamente.

O corpo de Lex fica tenso. Passos pesados atravessam a velha varanda de madeira.

— Richard? — Chama a voz do outro lado da porta.

Expressões muito diferentes cruzam nossos rostos. Para mim, é um medo de olhos arregalados. Para ele, é diminuir a raiva. Nós congelamos e meu coração dispara no peito. Apesar da névoa de medo tomar conta de minha mente, penso em algo que pode funcionar. Isso pode apenas nos salvar. Pois bem, salve quem estiver por aí e evite que outra morte pese na minha consciência.

— Eu tenho uma ideia. Vá para qualquer outro lugar. — Digo a Lex.

— Eu não gosto disso. — Ele diz balançando a cabeça, posicionando-se em direção à porta com a pistola na mão. Estou tentada a deixá-lo cuidar do

visitante inesperado, mas a culpa pela morte do fazendeiro ainda permanece em meu peito.

— Vá! — Digo a ele com um aumento firme na voz.

Seus olhos se estreitam antes que ele desapareça pela cozinha. Passo os dedos pelo cabelo despenteado e vou até a porta, onde um jovem atarracado espera do outro lado.

— Quem é você? E onde está Richard?

— Eu sou sobrinha dele. Ele se foi por um tempinho. Disse-me para ficar e cuidar da fazenda.

O homem levanta uma sobrancelha.

— Você é Lana? Você não se parece com nenhuma camponesa de Nebraska.

— Bem, eu sou. — Eu respondo. Não pretendo, mas a acusação em seu rosto me irrita, mesmo que ele tenha todos os motivos para suspeitar.

Ele pega seu telefone.

— Vou ligar para Richard. Algo não cheira bem. — Ele não está errado sobre isso, mas tenho certeza de que ele não consegue sentir o cheiro da morte, porque está tudo na minha cabeça.

Respiro sutilmente, tentando permanecer o mais calma possível. Eu sei o que acontece quando os homens sentem meu medo. Eles se aproveitam disso. Até Lex.

— Se você fizer isso, o velho teimoso voltará para casa. Você sabe o quão difícil foi fazer com que ele fosse embora?

O homem abaixa o telefone.

— Sim, acho que ele precisava fugir. Ele estava ficando louco sozinho aqui. — Ele se inclina e olha para dentro, seu tom mudando tanto quanto seu corpo — Você também está sozinha? Uma casa grande e velha para apenas uma garota. — Ele passa a mão grossa pela barba preta desgrehada.

Meu estômago tenso dispara um tiro de alerta através do meu corpo. É um sentimento familiar.

— Bem, é melhor eu ir. — Digo a ele enquanto tento fechar a porta.

Ele estende a mão para me impedir de fechar a porta, e quase bato em seus dedos grossos.

— Ah, não seja assim. Estamos apenas conversando. — diz ele.

Com um movimento rápido demais para eu reagir, ele me puxa pelo braço e coloca a mão grande sobre minha boca. Ele até cobre meu nariz e logo meus pulmões imploram por ar. Ao contrário de todas as vezes que Lex fez algo semelhante, há um pânico instantâneo que drena o oxigênio reprimido e faz meu corpo se contorcer de necessidade desde o início. Sinto que estou sufocando.

Morrendo.

— Você não é sobrinha dele. — diz o homem com um grunhido — Os parentes dele não se parecem com você. — Ele pressiona meu peito contra a casa e sua mão sobe pela minha coxa, sobre minha leggings — Porra, se você fosse *minha* sobrinha, eu ficaria tentado a colocar você no meu colo.

Meu estômago se aperta até que sinto vontade de vomitar. Com a mão dele cobrindo meu nariz e boca, eu não conseguiria, mesmo que quisesse. Estou presa nas garras predatórias desse pervertido.

Eu deveria ter ouvido Lex.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. A mão sobre meu rosto se move para baixo e me permite respirar várias vezes em pânico pelo nariz. Sua outra mão desce pela frente da minha calça. Mais lágrimas caem.

— Porra — ele geme — Essa é uma boceta como não temos por aqui. — Seu hálito quente misturado com tabaco corre pelo meu pescoço.

Não vejo ou ouço Lex andando pela lateral da casa até que ele esteja na periferia da minha visão. Ele se agacha, segura a pistola e mira. Não há como ele sentir minha falta se mirar na cabeça do homem quando ela estiver tão perto da minha.

Ele parece perceber isso e abaixa o cano. Lex atira uma vez, e o som de carne esmagada irrompe atrás de mim enquanto o estrondo ensurdecedor faz meus ouvidos zumbirem. O homem cambaleia para trás, segurando o lado do

corpo. Ele parece chocado enquanto segura o ferimento sem dizer uma palavra, o sangue se espalhando por seus dedos.

Lex mira mais uma vez e acerta uma bala no rosto do homem, derrubando-o em um jato sangrento de massa cerebral ao longo da varanda. Coloco as mãos nos ouvidos e caio contra a casa. Lex corre até mim, mas não consigo ouvir o que ele está dizendo por causa do zumbido em meus ouvidos. Ele me levanta e me arrasta para dentro.

— Selena! — Ele dá um tapa na minha bochecha, segurando-a pela última vez. Ele me puxa para seu peito, mas aquela sensação de segurança se foi.

Completamente desaparecida.

Meus ouvidos começam a clarear, o zumbido residual fica mais silencioso até quase desaparecer. Não registro o que está acontecendo, mas Lex se senta no sofá e me coloca em seu colo. Viro minha cabeça para me aninhar em seu pescoço, e ele me deixa por um momento antes de me fazer olhar para ele. Seus olhos brilham com uma demonstração de preocupação que eu nunca vi nele antes. Não quando Rodney tentou fazer o que fez ou quando Bryce foi ainda mais longe.

— Sinto muito. — Ele sussurra enquanto afasta meu cabelo — É por isso que não gostei da sua ideia, coelhinha. Se algo acontecesse, eu sabia que você estaria no fogo cruzado. Não tive escolha a não ser dar a volta na casa para poder atirar sem acertar você, o que significou que ele a manteve em suas mãos por mais tempo do que eu jamais teria permitido.

— Eu só queria me livrar dele sem machucar mais ninguém. — Sussurro.

— É por isso que esta vida não foi feita para você. Você tem que se colocar em primeiro lugar e qualquer outra pessoa abaixo de você. — Ele encosta sua testa na minha — Na verdade, também estou falhando nisso. Eu coloquei você acima de mim. Não posso nem seguir a porra do meu próprio conselho. Você me dá a humanidade que não preciso nem quero. — Ele suspira — Mas não posso voltar atrás agora. Não com você aqui.

Lex

Não tenho certeza do que é amor, porque nunca o senti. Minha mãe também nunca soube o que era. Não senti nada quando encontrei minha mãe morta. Quase me senti aliviado por ela não poder mais trazer seus “amigos”. Que eu pararia de vê-la sendo criticada na minha frente.

Para meus pais adotivos, o amor tinha um preço. Enquanto continuassem sendo pagos, eles me “amavam”, mas apenas na frente dos assistentes sociais que me examinavam. Jack, um garoto mais velho e mais fodido do que eu, me mostrou como sobreviver no sistema de adoção, e não foi sentindo coisas. Ele me mostrou como desligar cada parte de mim mesmo até me tornar uma concha vazia, capaz de ser destruída sem pensamentos ou sentimentos. As pessoas pensam mais no prato sujo que colocam na pia do que eu em assassinar alguém.

Frio. Insensível. Mortal.

Isso é quem eu era e foi isso que me ajudou a sobreviver na prisão.

Mas Selena está mudando isso para mim. Ela está revertendo o condicionamento que foi aperfeiçoado muito antes de ela nascer. Tenho traumas mais velhos que ela.

Eu a seguro perto, ouvindo cada respiração irregular que ela dá. Meu coração se parte por ela. Aquele pedaço de merda a violou, e eu não pude começar, porque não queria que ele a matasse. Esse tem sido meu medo em trazê-la junto. Ela tem essa aparência – uma doce inocência. Quando vejo isso nela, quero despedaçá-la e brutalizá-la. Quando outros homens veem isso, reconheço a mesma fome.

Mesmo que eu possa controlar esse meu lado quando se trata dela, os outros não podem, e ela sempre correrá o risco de ter mais de si roubado. Não posso levá-la comigo para além da fronteira, mas não tenho ideia de como vou forçá-la a ficar lá. Mas eu tenho que levá-la. Ela não está segura comigo e não estaria segura perto das pessoas com quem eu teria que conviver para sobreviver. Estou irrevogavelmente dividido entre querer mantê-la egoisticamente ou deixá-la ir desinteressadamente para mantê-la segura.

Seus lábios fazem beicinho e meu pau se contorce embaixo dela. Eu ainda quero tirar essa doçura dela e enchê-la com minha escuridão. Quero levá-la até que ela pare de ter um coração que bate por qualquer um, menos por mim, até que ela não tenha mais culpa ou arrependimento pelas pessoas que matamos para manter nossos corações batendo juntos.

Eu agarro seu queixo e a beijo.

— Até onde ele chegou? — Fiquei com medo de perguntar, porque não acho que conseguirei responder, mas preciso saber se vou cortar as mãos do filho da puta antes de enterrá-lo.

Ela balança a cabeça.

— Acabei de colocar a mão dele nas minhas calças.

Essa é uma mão que vou cortar e enfiar na bunda dele antes de colocá-lo no chão por tocá-la daquele jeito.

A boceta dela é minha.

Respiro fundo, interrompendo minha enxurrada de pensamentos possessivos. Eu tenho que deixá-la ir. Tenho que afastar minha necessidade de possuí-la antes que ambos acabemos mortos ou na prisão.

— Eu sei que você vai brigar comigo por causa disso, com unhas e dentes, mas você não pode ficar comigo, Selena. — Eu toco seu rosto — Eu sei que você quer, e eu quero você também, mas você não pode. Achei que você devia temer o lobo, mas existem predadores maiores do que eu. Eu *tenho* que mantê-la segura. É a única coisa que prometi a mim mesmo que faria e é a *única* coisa que não vou voltar atrás.

Ela balança a cabeça.

— Não, não vou aceitar essa desculpa idiota para se livrar de mim.

— Não é uma desculpa idiota, coelhinha. Desculpas idiotas são o que tenho me dado para justificar manter você comigo. Nada disso é um maldito jogo. Não consigo ver um cenário com um final bom para você e não entendo como você não consegue ver isso.

Eu a tiro do meu colo. Mesmo com minha raiva, não quero machucá-la daquele jeito. Eu me levanto e me elevo sobre ela. Quando rasgo minha camisa, exponho um mosaico composto principalmente de tatuagens de prisão – uma linha do tempo de violência e ódio. Aponto para os feixes de tecido cicatricial em meu abdômen e nas costas devido às muitas vezes em que fui esfaqueado. Estou uma bagunça, não só por dentro, mas por fora.

Ela pode *ver* o mal em meu corpo.

— O que mais de mim você precisa ver para saber que precisa correr? Isso não é seguro. Eu não estou seguro.

Minhas palavras machucam, mas ela se recusa a recuar.

Agarro-a pelo braço e arrasto-a para o quarto. É velho, mas pelo menos tem uma cama. Eu a sento e ela olha para mim com aqueles olhos grandes dela.

— O que eu tenho que fazer para você me odiar?

— Não há nada que você possa fazer, Lex. — ela diz em um tom enlouquecedoramente calmo, apesar de não saber até que ponto sou capaz. Ela viu tanta coisa, mas ainda parece esquecer tudo o que viu.

— Você precisa. — eu rosno. Eu preciso que ela faça isso, porque não posso odiá-la. Se eu pudesse, nada disso seria tão difícil. Ela seria deixada ou morta como se significasse nada, e eu estaria sozinho agora.

Mas ela significa tudo.

Ela cruza os braços sobre o peito desafiadoramente.

— Bem, eu não vou.

Subo por cima dela e coloco a mão em sua garganta. Ela choraminga enquanto eu aperto.

— E se eu pegasse sua boceta? E se eu rasgar você como queria desde o momento em que te vi?

Ela balança a cabeça. Seus lábios se apertam e eu sei que a ofendi.

Aperto sua garganta com mais força.

— E se eu fodesse sua bunda e não parasse quando isso fizesse você chorar de dor?

— Não. — Ela se esforça para espalhar a palavra.

A raiva sobe através de mim, incendiando minha pele. Ela é tão ingênua em pensar que ainda gostaria de estar na minha presença se eu a atacasse do jeito que quero. Dou-lhe um aperto final, cortando seu ar. Suas bochechas ficam vermelhas quando ela alcança meus pulsos. Flashes da minha mãe adotiva substituem seu rosto enquanto mantenho minhas mãos em sua garganta. Essa raiva fica fora de controle, quase chegando ao ponto de me impedir. Eu apenas solto sua garganta para virá-la de bruços, e ela mal se debate embaixo de mim enquanto eu puxo sua legging para baixo.

Isso me irrita.

— Me odeie, coelha! — Eu grito enquanto abro o zíper da minha calça jeans e retiro meu pau. Deito sobre ela, pressionando o calor do meu pau contra sua pele nua. Ela choraminga. — Porra. Me. Odeie.

— Não. — Ela se esforça sob meu peso.

Eu luto com o controle quando mais preciso. Eu bato meu punho ao lado de sua cabeça.

— Tudo bem. Cansei de tentar tornar isso mais difícil do que precisa ser. Termina para você aqui. Você não vem comigo. É isso. Não há discussão sobre isso. Não há mais como tentar tornar mais fácil para você me deixar ir. Vou levar você a um ponto de ônibus. — Sinto um aperto no estômago a cada palavra.

É isso. Para ela. Para mim. Para nós.

Tem que ser.

Eu rastejo para fora dela e me recuso a olhar em seus olhos.

— Prepare-se para ir, Selena.

Eu gostaria que ela entendesse que não tenho escolha. Nenhum de nós sabe. Não mereço alguém tão teimosamente disposta a ficar ao meu lado. Mas não posso ficar com ela. Eu nunca poderia ficar com ela.

HITCHED
RIDE OR DIE, 1

CAPÍTULO DEZESSETE

Selena

A caminhonete barulhenta está parada ali perto enquanto caminho pela longa estrada que sai de casa. Ele só avança quando estou muito à frente. Estou farta de ser afastada. Posso tomar minhas próprias decisões e sofrer as consequências de minhas próprias escolhas. Mas ele não consegue entender isso.

— Vamos, Selena, entre na caminhonete.

— Eu não vou entrar na caminhonete, Lex. Você quer que eu vá embora e não vou sentar ao seu lado enquanto você se livra de mim.

— Eu não vou deixar você sair aqui sozinha. Lembra do que eu disse sobre os predadores daqui?

Reviro os olhos.

— Sim, existem predadores piores que você. — Eu zombo — Acho que vou arriscar. Talvez eu seja levada por alguém que não tenha problemas de compromisso.

O caminhão para ao meu lado.

— Deus, sua idade está aparecendo. Não *tenho* problemas de compromisso.

Eu giro sobre os calcanhares para olhar para ele, a escuridão começando a nos envolver enquanto o sol se põe.

— Minha idade? Foda-se. — Meus passos levantam poeira novamente. Os faróis iluminam minhas costas e lançam uma longa sombra à minha frente.

— Eu não estou *bem* com isso. Mas é isso que tem que acontecer! — Ele grita por cima do som do motor.

— Então deixe acontecer! *Tchau!* — Admito que esse desabafo mostra minha idade, mas não me importo mais. Nada disso importa. — Não se chame de predador quando não consegue lidar com sua presa.

— Eu posso *lidar com* minha presa muito bem. Quando elas ouvem, porra! — Ele retruca, levantando poeira enquanto pisa no freio novamente.

Eu rio.

— Se você quer uma mulher complacente, sou uma má escolha.

— Você era?

Ah, foda-se ele. Como ele ousa jogar meu passado na minha cara quando eu nunca joguei o dele nele? Até agora.

— Golpe bem baixo, criminoso.

Ouçoo um suspiro pesado vindo da caminhonete.

— Estou te dizendo mais uma vez, Selenia, entre na porra da caminhonete para que eu possa levá-la até a rodoviária.

Eu me viro para ele.

— Não.

A mandíbula de Lex treme como se ele estivesse controlando cada grama do que está dentro dele e que quer me punir.

— Quão rápido um coelho pode correr? Você quer jogar? Eu vou brincar também — Sua voz é baixa e cheia de frustração. Seus olhos rolam para encontrar os meus, e ele se torna o predador feroz mais uma vez, transformando-se diante dos meus olhos. Ele estaciona a caminhonete, desliga a ignição e sai, encostado na porta — Você pode ser mais rápida, mas eu sou mais forte. Você vai ficar cansada antes mesmo de eu suar.

Eu olho em volta. Estamos no meio do nada. Cercas de arame para gado surgem de todas as direções e, à medida que a escuridão cobre a paisagem, ela se mistura à escuridão. Árvores escuras balançam contra o vento. Suas folhas tremem, enviando um farfalhar misterioso na brisa em nossa direção. Não é

como a perseguição matinal, quando o céu ainda estava baixo sob uma luz cinzenta. Eu pude ver então, pelo menos.

Não acho que Lex vá me machucar – mesmo quando ele fica violento no quarto, algo o impede – mas seus músculos tensos ondulam, fazendo-o parecer perigoso.

Muito louco.

— Dez — ele começa a contar — Nove — Há uma aspereza em sua voz que não existia da última vez.

Examino a paisagem mais uma vez e saio por um campo atrás de mim. De memória, estou tentando lembrar a localização da cerca de arame. Não creio que isso me atrapalhe nessa direção.

— Oito. Sete — Sua contagem regressiva fica mais fraca enquanto eu corro.

A grama alta chicoteia meus tornozelos. Viro à direita, em direção às árvores. Eles acenam com suas folhas trêmulas, convidando-me a me esconder entre a folhagem e os troncos gigantes. Mas também é mais escuro sob suas copas.

Eu ouço um uivo. Não é um animal. Não, é Lex... significando o início da caça.

Lex

— Pronta ou não, coelhinha, aí vou eu — sussurro. Eu saio do jeito que ela foi. Calculo os movimentos que sei que ela fará. Não sou apenas um caçador, também sou um rastreador. Furtivo e inteligente.

Eu acelero o passo e a sigo. Está tão escuro. Não vejo vestígios dela até que estejam bem na minha frente. Quando a grama alta afunda, terminando abruptamente, sei que ela virou à direita e enfiou os calcanhares naquele mesmo lugar. Que jogo estúpido de se jogar. Tudo porque ela me chamou do que sou.

Não, é por causa da boca espertinha dela. É por causa do comportamento desafiador dela. Se ela quiser ser criança em relação a tudo, farei com que ela brinque de esconde-esconde. Ainda não decidi o que farei com ela depois de pegá-la. Porque eu vou pegá-la. Farei a escolha no momento em que ela estiver ao meu alcance.

Vou agradá-la ou machucá-la?

Uma dor aguda percorre minha coxa e reprimo a vontade de gritar. Olho para baixo e passo a mão ao longo de uma cerca de arame farpado. Um ponto de conexão torcido é a causa do meu ferimento. Rasgou uma bela fenda na minha calça jeans e trouxe sangue quente à superfície. Um pedaço de tecido sopra com a brisa, preso a outro pedaço afiado de cerca à minha frente. Tiro-o do arame e levanto-o até o nariz. Tem o cheiro dela, misturado com o cheiro metálico de seu sangue.

Ela está machucada.

Meus olhos examinam a linha das árvores e vejo uma leve clareira à frente. Corro ao longo da cerca. Se ele se conectar a um paddock adjacente, eu o verei antes de topar com ele.

— Coelhinha? — Grito quando chego à seção liberada. Ela entrou lá. Eu posso sentir isso em meus ossos. Meu batimento cardíaco lateja no meu pau enquanto a perseguição me dá uma onda de adrenalina que não sentia desde que era mais jovem.

Quando me tornei um assassino.

Para ser claro, não fiquei duro com os assassinatos, mas eles liberaram todos esses hormônios bons que me fizeram pensar por que mais pessoas não matavam aqueles que odiavam. É o lançamento definitivo. Como um orgasmo para o meu cérebro. Estou duro agora, porque meu corpo antecipa o momento em que colocarei minhas mãos nela.

Enquanto passo pelo mato, derrubo galhos e abro caminho pela floresta escura e silenciosa. O velho eu queima sob minha pele. Pensamentos sombrios surgem dos recantos mais profundos da minha mente para discutir comigo. Imagens do que farei quando pegá-la rodopiam em meus pensamentos.

Eu quero transar com ela uma última vez.

Lexington me disse que estamos de costas contra a parede. Eu tenho que me livrar dela, porque ela nunca irá embora. Meus pensamentos tecem através dos malignos. Seria melhor para ela se eu apenas... acabe com isso. Rápido e indolor. Para ela, não para mim. Isso vai me destruir e quebrar a ilusão de felicidade que tenho desde que a conheci. Bem, desde que eu a levei.

Mas posso fazer isso?

Vou descobrir isso assim que pegá-la.

Galhos farfalham. É desorientador e difícil dizer de que direção veio o som. Deixo isso ao meu instinto, que me arrasta para a esquerda. No silêncio que se segue, me pergunto se o som era apenas um animal, afinal. Talvez até um coelho de verdade. Mas acontece de novo, mais alto e mais próximo, com passos atrás. É um coelho, certo.

Minha.

A ponta do meu sapato fica presa em uma raiz e me faz avançar, com as palmas das mãos pousando em uma pedra. Seus passos serão mais silenciosos nas rochas do que no chão da floresta repleto de galhos quebradiços e folhas secas. Eu sorrio e olho para cima. A parede de pedra quase se confunde com a escuridão.

— Muito sábio, coelhinha — grito para o topo. À medida que subo, percebo que sua estatura menor lhe deu vantagem aqui.

Presa 1, Predador 0.

Deslizo pela pedra, raspando as mãos em uma bagunça sangrenta ao descer.

— Porra — eu rosno.

Sigo a parede de pedras, tentando encontrar um caminho mais fácil para subir. Exatamente como eu esperava, há uma trilha de lama e agulhas de

pinheiro que, por mais íngreme que seja, é uma torta em comparação. Eu sei que aquela coelhinha sorrateira está lá em cima, escondida e esperando que eu não a encontre.

Ou talvez ela espere que eu faça isso.

Se for assim, isso não é muito sábio da parte dela, porque não tenho ideia se vou devorá-la, matá-la ou libertá-la ilesa.

Ignorando a dor nas mãos e o sangue escorrendo pela perna, chego ao topo e examino a nova paisagem. É menos denso que o chão da floresta, sem árvores enormes em todos os meus lados. Um som raspado chama minha atenção para a parede rochosa inferior. Selenia desliza pelo último pedaço de cascalho e salta para o chão da floresta mais uma vez.

Maldita coelha sorrateira.

Presas 2, Predador 0.

Estou orgulhoso dela, porque ela está mostrando sua verdadeira inteligência e força. Ela não é apenas uma mulher *complacente*. Ela não é apenas uma garota afetada e adequada em um carro chique. Ela é perspicaz e obstinada. Ela é alguém que pode se sujar e me ultrapassar. Ela não parece tão fraca e vulnerável agora. A presa não pode sobreviver sendo fraca. Eles sobrevivem com sua astúcia.

Enfio os dedos na cintura. Por mais frustrado que esteja, desço o penhasco, deslizando a cada poucos passos pelo caminho lamacento. Sigo suas pegadas, nenhum de nós corre mais. Dependemos da nossa inteligência, não da velocidade.

Nosso tato.

Nosso instinto.

Suas pegadas param, como se ela tivesse desaparecido no ar. Como se eu a tivesse imaginado desde o início. Olho em volta, deixando meus olhos se ajustarem ao novo layout.

Onde você está, coelhinha?

Meus olhos caem para os troncos das árvores que revestem uma seção do caminho. Coloco meu pé em um da esquerda, outro na direita, e mão após mão, árvore após árvore, chego ao outro lado onde suas pegadas voltam.

Ela é muito engenhosa, eu admito isso.

Presa 3, Predador 0.

Quase cancelei, encerrando a caçada como um predador com a barriga vazia. Mas então eu a vejo. Ela está empoleirada atrás do mato, olhando na direção de onde ela acha que eu virei. Ela provavelmente não esperava que eu continuasse assim quando suas pegadas desapareceram. Ela me subestima tanto quanto eu a subestimei.

Minha respiração acelera e meu batimento cardíaco troveja. Saliva se forma sob minha língua. Eu me arrasto atrás dela, cada passo meticuloso evitando os galhos sob meus pés. Como uma onça, eu me esgueiro pelas sombras para me esgueirar para minha próxima refeição.

E eu ataquei.

Eu a pego e não me preocupo em cobrir sua boca enquanto a derrubo de costas e luto contra seus braços e pernas agitados. Não há ninguém para ouvir os sons que ela fará, então deixo-a gritar. Com o corpo dela afundando na lama, ainda não decidi o que farei com ela. Lexington quer brincar, e minha parte sombria luta contra a tentação de fazer mais do que transar com ela. Os sons assustadores do meu passado sussurram em meus ouvidos. Eu rosno.

— Foda-se, Lex! — Ela grita enquanto se esforça contra meu aperto em seus pulsos.

— Coelhinha sorrateira.

Ela choraminga enquanto eu a viro de bruços. Puxo sua legging para baixo, expondo sua bunda e coxas pálidas.

Abro o zíper da minha calça jeans e abro o botão.

— Nada mudou, mas vou te foder como quero uma última vez, porque ganhei seu corpo de forma justa e honesta.

— Eu não quero que você me foda se for a última — ela diz.

Eu rio.

— Depois de tudo isso, coelha? Eu vou te foder. O predador não pega a presa para soltá-la. Não é um bom predador, pelo menos.

Puxo seus quadris para cima, cuspo na minha mão e esfrego ao longo do meu pau antes de empurrar dentro dela. Ela engasga enquanto eu a fodo da maneira violenta e infernal que quero, com cada impulso forçando minha frustração e raiva através dela. Empurro a emoção da caça dentro dela, fodendo-a incansavelmente, como se cada momento em que ela me enganou merecesse um momento em que Lexington - o homem que esconde dela, mesmo enquanto ela sussurra meu nome - possa sair e brincar.

— Lex — ela choraminga, virando a cabeça para o lado, e não sei o que ela quer. Eu não posso me importar neste momento.

Não posso.

Eu respondo apertando seu cabelo com a mão coberta de sangue e lama. Quando estico o pescoço dela, vou mais fundo do que ela consegue aguentar. Eu fodo com ela como se a boceta dela fosse minha, mesmo sabendo que tenho que devolvê-la. Seu corpo fica tenso com o medo que causei a ela. *Minha*. Não os homens que eu temia que iriam machucá-la. Em vez disso, sou eu quem está machucando ela – emocional e fisicamente.

O que é pior do que os homens que simplesmente quebrariam o corpo dela.

Uma lágrima rola pelo seu rosto e eu luto contra a vontade de enxugá-la. Meus quadris a empurram para o chão macio, e tento ignorar as partes dela que vão forçar para trás o meu lado que *preciso* sentir para deixá-la ir. Ignoro as ondas suaves de seu cabelo escuro, pegajosos de suor, sangue e sujeira. Forço meu olhar acima de sua cabeça, em vez de olhar para seus olhos cerrados. Em vez do gemido de dor que sai de seus lábios a cada estocada, concentro-me nas folhas farfalhando ao nosso redor.

O mundo fica em silêncio e um eco nauseante de gemidos se projeta ao meu redor. Não posso continuar a ignorar esses sons neste silêncio assustador. Lexington também não suporta ouvi-los.

Paro de empurrar e descanso minha pélvis contra sua bunda. Mesmo quando ela não está tão disposta, ela é calorosa e convidativa. Ela nunca chora

ou implora para que eu pare, e não posso deixar de encontrar respeito em sua angústia e medo estoico.

Meu pau se contorce dentro dela, e eu quero continuar, mas a necessidade de confortá-la supera aquele desejo primitivo de festejar com minha última refeição.

— Maldição. — Com uma respiração desinflada, solto seu cabelo. Estou decepcionado comigo mesmo pela incapacidade de fazer o que preciso para fazê-la me odiar e fugir.

Eu saio dela e a viro de costas. Minha mão esfrega sua camisa rasgada, o sangue seca ao longo de um enorme corte em seu abdômen. A lama se espalha por seu torso pálido. Medo e lágrimas brilham em seus olhos, mas ela não fica tensa quando me inclino sobre ela. Eu levanto suas coxas e a puxo contra mim. Ela está escorregadia de lama, e eu pinto as marcas das minhas mãos na parte interna de suas coxas enquanto a abro e empurro de volta para dentro. Não importa o quão assustada ela esteja, ela ainda está quente e molhada para mim.

Ela engasga e enfia os dedos no chão macio. Eu coloco meus quadris nos dela, o mais fundo que posso. Ela é a única coisa na minha vida que parece certa. Segura.

E ela não pode ser.

— Eu não posso continuar brigando com você sobre isso, Selena. — eu sussurro. No momento em que olho nos olhos dela, eu enfraqueço — Me desculpe por ter sido duro com você, mas isso não muda nada. — Eu me inclino e mordo a lateral do pescoço dela. Enrolo meus quadris nela e faço amor com ela, porque sei que será a última vez que estarei dentro dela. Envolver minha mão em sua nuca e enterro meu rosto nela enquanto empurro — Eu quero que você me esqueça depois desta noite.

— Não, Lex. — Ela levanta o peito — Eu não posso te esquecer. Lembrarei de você sempre que minhas mãos tocarem na lama fria. Pensarei em você quando as folhas estalarem sob meus pés. Sempre que corro, sempre imagino que você está atrás de mim.

Sento-me e encontro seu olhar.

— Coelhinha, não diga isso para mim. — Por mais que eu queira viver na mente dela para sempre, preciso que ela me deixe ir. A voz irritante na minha cabeça retorna, ameaçando sua vida, me dizendo que deixá-la viver irá machucá-la ainda mais — O que posso fazer para que *você me* deixe ir? Como posso fazer você me esquecer?

— Você teria que me matar. — diz ela. A maneira doentiamente calma com que ela diz isso parece comigo.

E isso me faz sentir pior.

Envolvo minha mão na frente de sua garganta e aperto. Ela nem sequer luta comigo enquanto seu abdômen se contrai e seu corpo implora por fôlego. Ela simplesmente aceita. Seja o que for que tudo isso signifique para ela, de alguma forma vale a pena morrer por isso.

Se eu mantiver o controle sobre sua garganta por mais alguns segundos, o conflito dentro de mim morrerá com ela. Minha determinação está enfraquecendo, no entanto.

Eu solto seu pescoço e ela ofega por ar.

— Eu disse que faria qualquer coisa por você, mas não posso fazer a única coisa que preciso fazer. — Sussurro. Dou-lhe um impulso forte para chamar toda a sua atenção para mim — Prometa-me uma coisa?

Ela acena com a cabeça antes mesmo de ouvir meu pedido.

— Se formos pegos antes de chegarmos à fronteira, diga à polícia que eu sequestrei você. Diga a eles que abusei de você, forcei minha entrada em você e ameacei matá-la. Diga o que for preciso contra meu nome para preservar o seu. Se a polícia vier e a merda bater no ventilador, não seja o lobo. Seja o coelhinho assustado e corra.

Ela balança a cabeça.

— Prometa-me, coelhinha. Não estou brincando com você. Você ainda tem uma chance de liberdade. Eu não.

Ela olha para mim, seus olhos arregalados de tristeza. Ela me puxa para ela e me beija — Eu prometo. — Ela sussurra.

Isso é tudo o que preciso para silenciar Lexington e a maneira altruísta com que quero salvá-la de mim ou de qualquer outra pessoa que possa machucá-la.

A caçada. A pegada. Sua promessa.

Talvez ela esteja exatamente onde precisa estar: um lugar onde seus demônios possam brincar livremente com os meus. Sob o olhar atento do lobo, o coelho viverá mais um dia.



HITCHED
RIDE OR DIE, 1

CAPÍTULO DEZOITO

Selena

Nosso joguinho atrasa nossa partida. Quando voltamos para dentro, estou uma bagunça sangrenta e lamacenta, com uma dor entre as pernas. Lex parou de se conter e me fodeu tão forte e cru. Senti sua força com cada impulso profundo que reorganizava meu interior. Quando ele me sufocou, senti do que ele era capaz. Ele poderia me matar, e eu realmente pensei por alguns momentos que ele iria, que eu morreria debaixo de Lex enquanto seu pênis estivesse enterrado dentro de mim. Por alguma razão, isso não parecia tão ruim quanto deveria. Ainda não sei se ele vai me deixar ficar com ele. Ele me disse que ganhei, mas temo que ele mude de ideia.

Enquanto eu tomo banho, ele tira o corpo do pedaço de merda da varanda. Passo a mão pelo grande corte em meu abdômen e esfrego a sujeira. Lavo o cabelo e me livro dos galhos e folhas emaranhados.

Quando saio do chuveiro, Lex me encara. Ele ainda está imundo, coberto de lama seca e sangue, e não tenho ideia se é meu, dele ou do homem. Ele aponta para a pilha dobrada de roupas que colocou sobre o balcão. Sem falar, ele fica nu, e tento desviar o olhar enquanto ele passa por mim, esfregando-se no meu corpo enquanto entra no chuveiro. Eu me visto ao som silencioso de seu banho. A sensação de aperto na minha barriga prova que ainda não acredito nele. Ainda temo que ele só tenha dito o que disse porque estava dentro de mim.

Pego minha bolsa e a chave do proprietário da velha picape Ford antes de caminhar pela longa entrada em direção aonde Lex deixou o carro antes do nosso jogo. Quando chego à caminhonete enferrujada, noto que Lex deixou a

janela aberta. O banco do motorista rasgado está molhado por causa de uma chuva rápida que acabou de passar. Eu gemo e entro para dar ré na caminhonete em direção à casa.

Enquanto Lex toma banho, carrego o caminhão com comida e ferramentas. Pego um rifle de caça e uma caixa de munição que está sobre a lareira e um cobertor aconchegante no sofá. Coloquei-os na carroceria do caminhão. Assim que termino, Lex aparece, limpo e vestido. Seu cabelo loiro escuro está penteado para trás, ainda liso e molhado. Ele examina o que fiz com um olhar de orgulho.

Na verdade, não tenho certeza se ele está orgulhoso ou apenas menos irritado do que quando me disse que eu não iria com ele.

Antes que eu possa dizer a Lex que o banco está molhado, ele senta no lado do motorista. Ele bate a mão no volante. Ele está tão nervoso.

— Você deixou a janela aberta. — Digo enquanto entro no banco seco do passageiro. — Além disso, coloquei uma placa na porta da frente dizendo que ele estaria fora da cidade pelo resto da semana.

Lex se vira para mim e acena com a cabeça. — Boa ideia.

Enfio a mão no porta-luvas e pego o pé de coelho que tirei do meu carro antigo e penduro no espelho retrovisor torto. Os cantos da boca de Lex sobem, mas ele fica sóbrio. Tem sido nosso amuleto da sorte até agora, e eu com certeza não o deixaria para trás agora. Ele balança com os movimentos bruscos do velho caminhão enquanto descemos a entrada.

— Lex — eu digo, tentando chamar sua atenção.

Seus lábios se apertam, forçando qualquer resposta. O silêncio me dá quase certeza de que ele disse o que disse para me levar para a estrada com ele. Para me calar e me colocar no carro para que ele possa fazer o que sempre pretendeu fazer: me deixar na primeira chance que tiver.

Eu realmente não me acomodo no meu lugar até passarmos pela placa de uma estação de ônibus. Solto um suspiro de alívio quando passamos por ela.

Estou confusa tanto quanto parece que ele está. Como ele pode gostar de estar perto de mim quando está tão disposto a me matar no mesmo momento? Tento me livrar da minha insegurança. Ele sempre esteve disposto a me matar. Sempre esteve em cima da mesa, mesmo quando eu sentia hesitação toda vez que ele ameaçava. Mesmo quando fiquei preocupada que ele fizesse isso, eu sabia que havia uma luta maior dentro dele. Então fiquei calma, colocando meu destino nas mãos dele.

Seja lá o que for.

Prefiro que ele me mate do que me deixar na maldita rodoviária. Ele é a primeira pessoa que me conhece. Nem mesmo meus pais me deixaram me abrir do jeito que fiz com ele. Eles pensaram que eu não tinha nada mais a meu favor do que ser uma esposa infeliz em um casamento que nunca quis. Mas Lex viu algo mais em mim. Algo que eu nem conseguia ver. Lex é alguém de quem eu deveria ficar longe, mas vejo coisas nele que ele também não consegue.

Sua escuridão merece um pouco de luz.

— Você me surpreendeu, coelhinha. — Ele diz depois de um silêncio nauseante.

— Quando?

— Na floresta. Você foi tão diplomática. Engenhosa. Quase mais do que eu.

Ele deixa um sorriso malicioso cruzar seu rosto por um momento.

— Não sou tão estúpida ou fraca quanto você pensa que sou. — Digo a ele enquanto forço meu olhar pela janela.

— Nunca pensei que você fosse fraca. — Ele leva um momento para organizar seus pensamentos — Eu considereei você vulnerável.

— E?

Ele limpa a garganta.

— Minha viagem até a fronteira é suicídio. — Ele se recusa a olhar para mim enquanto meu olhar se fixa em seu rosto.

— O que você quer dizer?

— Minha história termina em um tiroteio no posto de controle ou eu morro no maldito deserto tentando atravessar a pé.

— Lex — eu sussurro, balançando a cabeça.

— É por isso que eu precisava que você fosse. Eu precisava que você fosse embora, porque percebi que sonho impossível era esse. Você acha que este é o seu conto de fadas, mas é apenas uma história de terror.

— Não estou aceitando isso.

Lex ri.

— Claro que você é teimosa, não é? Você não pode comprar uma saída dessa, coelhinha. — Ele não fala por um tempo, deixando o barulho da estrada preencher a lacuna da nossa conversa — Qual foi a sua ideia? Como você viu esse final? — Ele finalmente pergunta.

— Não, não importa.

— Coelhinha — ele diz com firmeza — Diga-me.

Eu não respondo, deixando cair a cabeça na minha mão. Lex para e segura meu cabelo, me puxando para ele.

— Diga-me, doce coelhinha — ele sussurra. Suas palavras são o calor que me derrete e ele sabe disso. Ele pisca aqueles olhos azuis para mim e minha determinação se dissolve.

— Tudo bem. Costumávamos ter uma babá...

Lex revira os olhos.

— E sabe o que? Esqueça.

— Sinto muito. — diz ele com um tom sarcástico — Por favor continue. Você tinha uma babá...

— Eu não vou te ajudar se você vai tirar sarro de como eu cresci. Você gostaria que eu zombasse de como você cresceu?

— Você tem razão. Mas eu tinha uma babá, para sua informação. Ele era o traficante de drogas local.

Eu enrolo meu lábio.

— De qualquer forma, minha babá era do Arkansas e sempre falava sobre essa floresta, dizendo que você poderia se perder lá e ninguém jamais iria encontrá-lo. Wichita? Ou alguma coisa?

— Ouachita. É uma floresta nacional. — ele me corrige. Quando inclino a cabeça para ele, ele dá de ombros — Muito tempo para estudar quando você está servindo a vida.

— Sim, Ouachita. Ela disse que as pessoas construíam cabanas lá e simplesmente viviam fora da rede.

— Qual é o objetivo desta pequena história?

— A questão é que talvez possamos encontrar algum lugar lá embaixo para nos esconder, em vez de tentar cruzar a fronteira.

Lex solta meu cabelo e se recosta.

— Isso não é... uma má ideia — diz ele, como se estivesse formulando um novo plano em sua mente.

Pegamos a saída em direção ao Arkansas. Teríamos passado por lá de qualquer maneira, mas agora vamos fazer um pequeno pit stop, porque o que mais temos a perder?

Entramos no Parque Nacional Ouachita através de uma entrada rodoviária, evitando o portão da frente. Uma placa presa a um tronco robusto de árvore nos alerta para entrar no coração da floresta por nossa própria conta e risco. Estamos bem com o risco.

A trilha estreita nos leva às profundezas do parque. Árvores densas nos cercam de maneiras que nunca vi. É tão grosso. Tão exuberante. Tão verde. Além do caminho, este lugar foi completamente abandonado à natureza e, mesmo assim, o caminhão salta enquanto passamos por cima de grandes raízes de árvores tentando recuperá-las também. Pegamos outra estrada não sinalizada, continuando por florestas sinuosas. Depois pegamos outro — e

mais outro — até não termos ideia de onde estamos, o que significa que ninguém mais saberá também.

Lex boceja, o que me faz bocejar. Ele desliga o motor.

— Vamos entrar na traseira da caminhonete. — Ele diz enquanto desce. Ele destranca o portão, entra e vai direto para carregar o rifle com balas.

Saio da caminhonete e meus pés pousam no chão macio da floresta. Quando fecho a porta, o ar quente e úmido da noite me envolve. A floresta ruge com sons noturnos: grandes insetos cantando, mosquitos zumbindo e árvores rangendo. Subo na traseira e fecho a porta traseira.

Lex estende o cobertor que trouxe, cobrindo o metal sujo. Ele puxa outro cobertor de uma sacola. Ele se deita e coloca a sacola ao seu lado para que eu possa deitar a cabeça nela. Deito ao lado dele, e isso me lembra do mirante, quando me vi aconchegando em um homem que não deveria.

Eu ainda não deveria, mas agora preciso.

Lex envolve seus braços em volta de mim e eu coloco minha cabeça em seu peito. O leve cheiro de sabonete ainda gruda em sua pele. Ele me cobre e descansa a cabeça no outro braço.

— É pacífico aqui. — Eu sussurro.

— Ainda não descobri se é uma boa ideia.

— Parece uma boa ideia para esta noite, pelo menos.

Eu me inclino e o beijo. Ele agarra meu queixo e me puxa para longe de sua boca.

— Hoje não — ele diz. Ele ainda está nervoso.

— O que está errado? — Eu pergunto.

— Eu sinto que tenho que proteger você. Estamos no meio de uma floresta que não conheço, então tenho que prestar atenção na merda ao nosso redor. — diz ele enquanto solta meu queixo.

— Não há nada ao nosso redor, Lex. Relaxe.

Ele balança a cabeça.

— Isso é o que você não entende. Não baixei a guarda desde que entrei no seu carro naquela noite. Mesmo antes de dormir com você, mantive meus olhos abertos para a polícia, seu marido ou qualquer pessoa que pudesse te machucar. Você queria ficar comigo e eu deixei você ficar. Agora tenho que estar mais vigilante do que nunca.

Esfrego minha mão em sua barriga, avançando em direção à frente de sua calça jeans. Ele agarra minha mão e esfrega minha palma.

— Eu disse não. — Ele me diz, com tanta firmeza que quase ouço.

Eu me encolho sob o cobertor e desligo o botão até que seus protestos diminuam.

— Não faça o que você está pensando, Selena — ele sussurra através de um gemido frustrado — Você sabe que uma vez que você colocar sua boca em mim, estou farto.

— Esse é o ponto. — Eu digo antes de beijar a pele quente acima de suas calças. Eu abro sua calça jeans, retiro seu pau e o levo em minha boca.

— Coelhinha travessa. — Ele rosna e tira o cobertor para poder me ver. Ele passa a mão pelo meu cabelo e geme enquanto eu me movo sobre ele, levando-o o mais longe que posso em minha boca, deixando-o levantar os quadris para me fazer pegar aquele último centímetro. Quando me afasto e olho para ele, limpo a baba do meu lábio inferior.

— Coloque sua boca de volta em mim, coelhinha. — Ele sussurra enquanto empurra minha cabeça para baixo.

Eu adoro agradá-lo. Adoro o jeito que ele se derrete com meu toque, fazendo com que ele diga meu apelido novamente, tão cativante e sedutor. Não acredito que uma vez odiei isso. Serei tudo o que ele quiser que eu seja quando me chamar assim agora.

Lex envolve a mão em volta da minha garganta, puxando-me em direção à sua boca e me beijando, forte e motivado. Eu gemo contra seus lábios.

— Porra. Sua boca é incrível. Deixe-me devorar você. — Ele se afasta e segura as calças enquanto destranca a porta traseira e me arrasta em direção à borda.

Sento-me e deixo minhas pernas penduradas para o lado. Lex me beija antes de tirar meus sapatos e jeans. Ele me deita, passa os braços em volta das minhas coxas pálidas e me puxa em sua direção. Assim como ele disse que faria, ele se inclina e me devora, lambendo-me em movimentos longos que me fazem agarrar o cobertor acima da minha cabeça. Eu gemo quando ele acaricia minha parte interna das coxas com as pontas dos dedos ásperos.

— Sua boceta é como algo que eu nunca provei, coelhinha, e eu poderia comer você a noite toda. — Ele geme enquanto se acaricia e me lambe. Sua língua mergulha dentro de mim antes de se curvar lentamente sobre meu clitóris.

— Lexington — eu gemo.

Ele se senta e rosna com um sorriso sádico antes de enfiar três dedos dentro de mim. Ele nem sequer tenta me entender, e eu choramingo.

— Fique de joelhos.

Engulo em seco antes de fazer o que ele diz. O metal arranha meus joelhos quando volto em direção a ele. Estou vulnerável e aberta, e minhas bochechas ficam vermelhas de vergonha.

Lex morde a parte interna das minhas coxas e sobe até minha boceta novamente. Ele enterra o rosto em mim, passando as mãos em volta das minhas pernas para me impedir de me afastar dele. As pontas dos seus dedos queimam meus quadris enquanto ele aperta e me puxa para mais perto. Eu gemo e deixo cair meu peito. Sua língua se move em um ângulo totalmente novo, correndo ao longo do meu clitóris, em vez de contra ele. Ele move a cabeça de um lado para o outro e eu tremo.

— Goze na minha cara para que eu possa te foder enquanto você ainda está com espasmos. — Seu hálito quente passa pelo meu clitóris e quando ele começa a mover a língua novamente, isso me faz estremecer. Ele adora como me faz sentir.

E eu também adoro isso.

Os sons da floresta morrem, e não ouço nada além dos sons desleixados dele me fodendo com a boca. Ouço o gemido faminto entre cada golpe de sua língua.

— Você já esguichou? — Ele pergunta.

— Não. — Eu choramingo.

Lex me puxa pelos quadris, tirando-me da traseira da caminhonete. Sinto-me vazia sem a língua dele em mim. Ele me inclina sobre a porta traseira aberta e abre minhas pernas com um chute. Ele fica ao meu lado com seu corpo pressionado contra o meu. Sua mão acaricia minha bunda antes que seus dedos empurrem dentro de mim, me esticando com três dedos enquanto ele usa toda a força de seu braço. Ele é tão rápido. Tão difícil. E sinto uma necessidade intensa de pressionar seus dedos. Eu grito enquanto fica muito intenso, vibrando todo o meu corpo.

— Lex! — Eu chamo. Não sei o que estou sentindo e não tenho certeza se gosto disso.

— Shh, coelhinha, relaxe e deixe acontecer. — ele sussurra sobre os sons cada vez mais intensos de umidade entre minhas pernas. Quando fico tensa, ele tira os dedos de mim e um rápido vazio se segue com um jato de líquido.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, antes mesmo de saber se gosto, seus dedos estão de volta dentro de mim, me fodendo com uma força faminta que tensiona meu corpo novamente. Quando ele sai, estremeço e gozo novamente em uma onda de prazer.

— É muito intenso — eu digo enquanto estendo a mão para trás e toco sua coxa.

— Goze assim no meu pau e eu paro — diz ele com um sorriso malicioso.

Concordo com a cabeça e ele fica atrás de mim. Meu peito pressiona contra a porta traseira aberta enquanto ele inclina seu peso sobre mim, agarrando minha nuca com um gemido frustrado. Ele empurra dentro de mim, escorregadio e molhado com meu gozo. Ele me fode forte e rápido, com o mesmo impulso áspero que me fez saturar o chão com meu gozo. O ângulo é perfeito e cada impulso faz meu corpo tremer em ondas perceptíveis.

Quando a pressão se torna muito grande, ele puxa e mantém seu pau contra minha boceta enquanto eu o cubro com um jorro de gozo. Ele agarra minha bunda enquanto eu pingo ao redor de seu pau ainda pressionado contra meu clitóris inchado.

— Uma garota tão boa — ele rosna enquanto se acaricia contra mim, acariciando meu clitóris ao mesmo tempo — Coelhinha bagunçada. Você está encharcada — Ele se empurra de volta para dentro de mim.

Meu corpo fica tenso enquanto ele me fode, e percebo que é do meu corpo querendo mais. Mais dele. Não apenas seu corpo, mas seu coração.

— Você sente algo por mim, Lex? — Eu pergunto, e isso o impede no meio do impulso.

— Que hora para me perguntar isso. — Ele diz enquanto se inclina sobre mim — Se eu dissesse não, você gostaria que eu parasse de te foder?

Fico tensa, e ele geme enquanto aperto em torno dele.

Ele não poderia simplesmente mentir enquanto está dentro de mim? Ele tem que ser assim... frio?

— Oh, isso te deixou brava, hein? Você não pode imaginar que eu não tive sentimentos como você depois de todas as nossas experiências e tempo juntos?

Meu coração. Sinto as rachaduras passarem por ele e luto contra as lágrimas. Se eu falar, ele saberá que está me chateando.

Lex passa um braço em volta do meu peito e me levanta até ele. Ele morde meu pescoço.

— Coelha, você tem tudo o que resta do meu coração. Qualquer coisa que eu possa sentir é por você.

Só assim, suas palavras rastejam pelas rachaduras do meu coração e as selam. Eu derreto em seu corpo forte.

— Não sei se sei o que é amor, Selena, mas sei que é o mais próximo que já senti de outra pessoa. — Ele sai de mim e me vira para encará-lo. Ele me puxa para perto de sua boca — Eu queria que você fosse embora, porque

precisava proteger a única pessoa que me fez sentir *algo* além de entorpecido ou irritado. A única pessoa capaz de humanizar alguém tão bárbaro quanto eu.

Eu engulo, sua respiração se misturando com a minha.

— Eu também não sei o que é amor, Lex. Eu nunca soube. Só sei que não foi o que tive com meu marido e por isso não queria te deixar. Partir significava perder a única coisa que me fazia sentir... segura. — A palavra quase fica presa na minha garganta, mas consigo soltá-la.

Lex abotoa a calça jeans, sobe na carroceria da caminhonete e faz um gesto para mim. Eu me visto e subo com ele. Deitamo-nos e ele me abraça com força. Eu me sinto mal por ele não ter terminado, especialmente quando ele me fez gozar do jeito que fez. Deslizo minha mão por sua barriga, mas ele me impede com firmeza.

— Jogaremos mais quando encontrarmos uma cabana. E eu lhe darei o dobro do valor da minha vinda.

Concordo com a cabeça e o beijo antes de rolar de costas e olhar para o céu escuro e cheio de estrelas. Nunca vi algo tão lindo. Tão pacífico. Sinto-me em casa, e estou surpresa com o pouco que sinto falta da minha família e da minha antiga vida.

Mas o que poderá ser a minha nova vida?

CAPÍTULO DEZENOVE

Lex

Aí está. Uma cabana pitoresca escondida no meio do parque nacional, longe de tudo e de todos. Todo o exterior é de madeira natural, envelhecendo de maneira deselegante. Grandes painéis solares alinham-se no telhado coberto de musgo. Pelo menos há eletricidade, que é mais do que eu esperava. Selena estica a cabeça para ver o que eu vejo.

Está perfeito.

Deixamos o caminhão um pouco atrás e seguimos a pé por um caminho coberto de mato. Ela continua olhando para mim enquanto caminhamos, e eu sei que ela quer saber por que eu nos impedi de foder mais ontem à noite. Seu cérebro provavelmente está acelerado, tentando descobrir o que ela fez de errado. Ela não fez nada de errado. Está tudo na minha cabeça. Mesmo assim, eu ainda fiz o que precisava para fazê-la gozar, porque é isso que importa.

Não há como explicar a ela o que senti. Naquele momento, percebi o quão importante ela era para mim. Você pensaria que perceber isso me faria querer continuar. Foder melhor com ela. Mas a sensação estranha e desconfortável fez o oposto. Isso me fez fechar.

Eu sabia o que fazer com sua boceta, mas não com seu coração.

Eu vou compensar isso com ela. Vou fazê-la esquecer que nos detive ontem à noite.

— O que faremos se alguém estiver em casa? — Eu pergunto, tentando sair da minha cabeça porque não é um lugar onde eu gosto de ficar.

— Nos libramos deles. — Ela diz sem desviar o olhar da cabana à nossa frente.

Lá vai ela, me surpreendendo novamente com o quão sombria e perigosa ela se tornou.

— Coelhoa sádica de merda. — eu digo com os dentes cerrados. Sinto-me culpado por ela não ter escrúpulos em matar outra pessoa. Décadas de frieza me congelaram. Ela pode ter me aquecido, mas também está aceitando minha frieza como se fosse sua. Agora estou congelando ela. Mesmo descongelado, não tenho problema em matar, e é assim que sei o quão fodido estou. Mas ela não merece isso.

Paramos do lado de fora do quintal, atrás de algumas árvores e arbustos. Observamos e esperamos, mas não há sinais de que alguém esteja lá há algum tempo. As ervas daninhas crescem para cima e ultrapassaram um carrinho de mão encostado na parede de um galpão. Seu pneu foi reduzido a uma pilha de borracha derretida embaixo dele. Cortinas esfarrapadas cobrem algumas das janelas, que estão sujas e quebradas em alguns lugares.

Seguimos em direção à porta da frente, olhando por cima dos ombros. Esfrego a mão na frágil porta de madeira. A umidade deformou suas bordas. Agarro a maçaneta e ela gira com barulho por causa de um parafuso faltando. No momento em que abro a porta, sinto o cheiro. Reconheço o cheiro como se eu tivesse voltado à minha infância com um só fôlego.

— Que cheiro é esse? — Ela pergunta enquanto cobre o nariz com a mão.

— Isso, coelhinha, é o cheiro da morte.

Seus olhos se arregalam.

— O que você quer dizer?

Faço sinal para ela esperar aqui. Não preciso me preocupar em proteger nós dois, mas esse cheiro me dá bastante certeza de que sei o que há em casa e que não é alguém vivo.

— Fique aqui por um minuto — digo a ela enquanto carrego uma bala no rifle.

O cheiro se intensifica enquanto ando em direção à parte de trás da cabana. Quando viro a esquina, vejo um homem numa poltrona reclinável. Ele está caído, o controle remoto da televisão ainda na mão manchada. Seu rosto está cinza, mas ele não está morto há muito tempo.

Estou tão acostumado com o cheiro que quase não percebo. Estou quase completamente cego com a familiaridade.

— Bem, isso é conveniente pra caralho. — Eu digo através de uma risada.

Não posso deixar de pensar que a sorte vem do seu estúpido pé de coelho, que está aninhado no meu bolso.

Volto para a porta da frente e encontro Selenia ainda cobrindo o nariz.

— Não posso matar o que já está morto — digo a ela.

— O que? — Ela pergunta, respirando pela boca.

— O dono deste lugar está muito morto em seu quarto. — Começo a abrir as janelas, lutando contra anos de sujeira para forçá-las.

— Não podemos ficar aqui. Cheira a morte. Literalmente.

Paro e olho para ela. O que ela quis dizer com não podemos *ficar* aqui? É tudo o que procuramos. É mais do que poderíamos pedir, com ou sem cheiro.

— Não poderíamos ter mais sorte e você quer ir embora por causa de um cheirinho?

— Não é pouco.

— Assim que eu tirar o corpo, o cheiro irá embora. Majoritariamente.

— Vou esperar aqui. — Ela diz enquanto acena e vai até uma cadeira de balanço de vime na varanda.

Entro na sala e olho para o idiota triste antes de tentar descobrir a melhor forma de me livrar dele. Meus dedos estão cruzados enquanto vou para o quintal através de uma porta dos fundos ainda mais frágil para verificar o galpão. Uma lona azul suja chama minha atenção e eu a arranco, derrubando uma pá e um ancinho quando ela se solta. Quando volto para dentro, coloco a lona no chão na frente dele.

— Desculpe, amigo. — Digo a ele enquanto o empurro da cadeira. Nunca pedi desculpas aos homens que matei antes, mas aqui estou, pedindo

desculpas a um cadáver morto há muito tempo. O calor de Selena me descongelou um pouco mais do que estou disposto a admitir.

O homem bate na lona com um baque que parece um saco de lixo cheio de pudim e ossos congelados. A pele de seu braço esquerdo começou a se descamar, revelando a estrada sinuosa abaixo. Quase rio quando percebo o quanto isso não me enoja. Nem mesmo a mancha escura de decadência humana deixada na cadeira provoca mais do que um encolher de ombros.

Enrolo a lona, amarro com uma corda e o arrasto pela porta dos fundos. Ando o mais longe que posso na floresta e o deixo lá — no calor úmido, mas pelo menos longe do sol. Voltarei e enterrarei ele mais tarde, depois de lidar com a cadeira.

Quando volto para dentro, já está cheirando melhor. Pego um charuto meio fumado na mesa ao lado da cadeira e acendo-o com o velho isqueiro ao lado. Minhas bochechas incham com a fumaça rica, um cheiro forte que, de alguma forma, supera o perfume da morte. É bom tê-lo entre meus lábios. Sinto falta da normalidade de fumar.

Legal, pelo menos.

A poltrona reclinável é leve o suficiente para ser levantada. O tecido cheira a velho, mijo e morte. Definitivamente não está de acordo com os padrões de Selena. Levo-o para fora, deixando o charuto mascarar o cheiro enquanto caminho. Encosto-o na parte de trás do galpão, que é tudo o que estou disposto a fazer com ele no calor sufocante.

Eu circulo até a frente da casa e limpo as mãos nas calças enquanto me inclino contra a grade que cerca a varanda da frente. As portas estão abertas para deixar o fedor passar e moscas e outros insetos entram e saem.

Os olhos de Selena reviram e param no charuto.

— Desde quando você fuma?

Eu sorrio, tirando o charuto dos meus lábios.

— Desde que eu tinha oito anos.

— Jesus — ela diz balançando a cabeça.

Eu ofereço a ela

— Quer tentar?

Ela mastiga o interior das bochechas antes de pegá-lo e colocá-lo entre os lábios carnudos. Se ela soubesse que foi fumado metade pelo próprio morto, ela não o teria aceitado. Ela dá uma tragada e o devolve.

— Desde quando *você* fuma? — Eu pergunto, com um sorriso malicioso no rosto. Pela maneira como seus lábios o envolveram, tenho a sensação de que não é a primeira vez.

Ela dá de ombros.

— Intermitentemente, desde os dezoito anos. Principalmente desligado. Como você sabia?

Dou um passo em direção a ela, levanto seu queixo e olho para ela.

— Porque você fuma como já fez antes. E é fodidamente sexy — Passo meu polegar ao longo de seu lábio inferior.

Seus olhos reviram com o meu toque, mas então ela afasta o rosto e limpa a boca.

— Cara, você estava apenas se livrando de um cadáver.

Deixei o charuto descansar entre meus lábios. Eu sorrio para ela e entro para lavar as mãos. Se ela soubesse de todas as coisas que tocamos na prisão e, honestamente, a maioria era pior do que um cara morto...

Canecas de café e um único prato ocupam um lado da pia. Lavo as mãos, girando a maçaneta e percebendo que não há água quente. Não tenho certeza de como Selenia se sentirá sobre isso. Na verdade, eu sei. Ela vai odiar isso. Mas ela cuidará disso por mim. O que eu odeio. Ainda não contei a ela que o chuveiro é apenas um box do lado de fora com uma mangueira presa a um chuveiro enferrujado.

Quando me viro, ela está atrás de mim, uma pequena presa sorrateira. Pelo menos a mão dela não está mais pressionada contra o nariz, o que significa que o cheiro está melhorando. Ou ela está se acostumando. Independentemente disso, ela ainda está com uma carranca no rosto. Eu não posso deixar de rir.

— Não é bom o suficiente para você? — Eu pergunto.

— É tão...

— É tudo que temos, coelha. O que você acha que estaria aqui? O Ritz Carlton?

Ela sopra o cabelo da testa.

— Eu sei. Eu sei.

— Você ainda tem uma chance de desistir. Ainda posso levar você até a rodoviária.

Seus olhos se estreitam.

— Não.

— Então aproveite o que você ganhou em nosso joguinho de esconde-esconde. Você tem que ficar comigo, exatamente como você queria — Estou lutando para encontrar simpatia por ela. Embora este lugar seja um rebaixamento para ela, é um upgrade para mim.

Me viro e começo a lavar a louça. Talvez ela se sinta melhor sem a lembrança da vida suja de uma pessoa espalhada pela sua frente. Minhas mãos ficam vermelhas com o frio da água.

— Ei, pelo menos ele não morreu na cama. — Eu grito para ela enquanto ela dá uma espiada na esquina. Você se acostuma a encontrar frestas de esperança quando tudo em sua vida é apenas um tom diferente de cinza.

— Não vou dormir aí. — diz ela. Ela caminha pela sala e cutuca o sofá vermelho, ignorando os caroços nas almofadas. Ela coloca seu peso nas molas e arranca as almofadas.

Eu me viro, seco as mãos em uma toalha e me encosto na pia.

— É um sofá-cama. — Ela diz com um sorriso radiante que puxa meus lábios também.

— Eles têm aqueles de onde você veio?

Ela deixa cair a moldura antiga e olha para mim. Eu levanto minhas mãos. Não sei por que ela fica tão brava quando eu falo com ela sobre ser rica. Não me importo quando ela diz coisas sobre eu ser pobre. É apenas o que somos e onde diferimos.

Ando até ela e limpo o cabelo suado de sua bochecha antes de empurrá-la para o lado e soltar o puxador frágil. O colchão irregular está manchado com sinais de envelhecimento, mas parece limpo o suficiente para uma coelha de exibição sofisticada.

— Espero que os aposentos sejam do seu agrado, majestade. — Digo com uma reverência brincalhona. Ela não encontra humor nisso. Não tenho certeza do que ela está pensando, mas isso a está deixando irritada.

Deito na cama e a puxo para mim. As velhas bobinas do colchão gemem e Selena solta um grito. Acho que agora é a hora de enfrentar o grande elefante na sala.

— Qual é o problema, coelha? Você está estranha desde ontem à noite.

Quando ela não responde, rolo sobre ela e abro suas pernas com os joelhos. Olho para seu lábio inferior trêmulo. Se ela não está chateada com a minha negação ontem à noite, não tenho certeza do que se trata. Ela provavelmente está muito arrependida por ter ficado comigo nesta cabana decrépita que ainda cheira a homem morto.

— Você pode ir embora, Selena. Ninguém está forçando você a ficar aqui. Ela luta contra o brilho em seus olhos.

— O que você quer? — Pergunto mais alto e balanço seus ombros.

— Você não entenderia. — diz ela, balançando a cabeça.

Ela sempre pensa que eu não entendo. Eu entendo mais do que ela imagina.

— Por quê? Por que diabos eu não entenderia? Eu não nasci com a porra de uma colher de ouro na boca, mas ainda consigo entender você.

Seus olhos se arregalam.

— Vá se foder, Lex — ela diz bufando e tenta se espremer debaixo de mim.

— Tão tagarela para uma coisa tão pequena.

Minhas palavras a atingiram com mais força do que qualquer soco poderia. Só posso imaginar as coisas que seu marido costumava dizer que a

fizeram se fechar com tanta força e trancar seu coração. Até que um criminoso como eu apareceu e soube como abri-lo.

Ela se debate embaixo de mim, mas eu prendo seus pulsos e me inclino sobre ela.

— Diga-me o que está incomodando você, coelha — Baixo a voz do jeito que ela gosta— Fale comigo.

Ela pisca e finalmente libera as lágrimas que estava segurando.

— Eu... Eu acabei de... Eu não quero que você fique tão bem comigo indo embora. Você continua me pedindo para ir embora. Me dizendo para ir embora. Você está me afastando! — Sua voz se enche de raiva em vez de tristeza.

— Você realmente acha que eu *quero* que você vá embora?

Ela levanta o queixo, despertando confiança em algum lugar dentro dela.

— Sim.

— Pela primeira vez na minha vida eu estava sendo altruísta e pensando no bem-estar de outra pessoa. Eu não *queria* que você fosse embora. Eu *precisava* que você fosse embora, porque era mais seguro para você — Levanto o olhar para a parede, olhando para um rosário pendurado em um gancho. Baixo meus olhos para ela mais uma vez. — Nunca senti culpa. Eu nasci assim. Algo não está certo na cabeça. Mas eu sabia que se você tivesse problemas por tudo isso, ou morresse, eu *nunca* superaria isso.

— Deixe-me decidir o que estou disposta a arriscar.

— Eu queria deixar você ir para que você estivesse segura em casa. Eu poderia imaginar uma vida com você que nunca poderia ter. Eu poderia pensar em como você me fez feliz quando sempre pensei que era incapaz de ter uma emoção tão *normal*. A única coisa que me deixou mais feliz do que você foi matar. E a parte de mim que gosta de machucar as pessoas? Eu também não queria que ele machucasse você.

— Você não me machucaria. — Ela diz balançando a cabeça.

Eu sufoco uma risada.

— Eu poderia. E quase consegui, mais vezes do que você imagina. Estou disposto a matar você desde o dia em que te levei.

— Eu não acredito nisso, Lex. — O balançar de sua cabeça se intensifica, como se estivesse raciocinando mais consigo mesma do que comigo.

— Eu te afastei para que você pudesse estar com alguém *melhor*. Eu queria que você tivesse algo melhor do que a pequena vida que eu poderia lhe dar. Essa? Esta cabana degradada? É o que posso te dar. — Eu inspiro profundamente. Não é bom o suficiente para ela, eu sei disso. Ela sabe disso. Nós dois sabemos. — As pessoas descrevem o amor como não ser capaz de ficar longe daquela pessoa, que é uma coisa tão horrível estar separado, mas não parecia que eu te amava quando eu, egoisticamente, queria mantê-la para mim. Posso não saber como é o amor, mas sabia o suficiente para saber que amar você significava deixar você ir. — Luto contra o calor atrás dos meus olhos, que não me lembro de ter sentido em toda a minha vida. — O velho eu, teria mantido você, fodido e matado você quando eu terminasse com você. O novo eu, aquele que você desenhou, queria que você me esquecesse e vivesse a vida que merecia.

— Mesmo agora, você quer que eu vá embora — ela sussurra, sua voz vacilando com o tremor de seu corpo.

— Porque você parece tão infeliz — eu digo enquanto desvio meu olhar.

— Estou infeliz, porque você me faz sentir indesejada.

Sento-me e puxo-a para o meu colo.

— Eu queria você desde o momento em que te vi naquele carro. Eu nunca deixei de querer você.

Ela deixa cair a cabeça no meu ombro, e ouço os sons ofegantes dela tentando não chorar enquanto eu a abraço.

— Se eu não estivesse nessa situação, coelhinha, nunca te deixaria ir ou te afastaria.

Ela pisca os olhos para mim.

— Eu também sou uma assassina, Lex.

Eu balanço minha cabeça.

— Você não estaria se não fosse por mim.

— Esta não é mais apenas *a sua* situação. É *nossa*. Pare de pensar em mim como a garota que você arrastou para o inferno e perceba que talvez eu já tenha estado lá.

— Porra, coelhinha — Eu agarro sua nuca e a beijo — Se você quiser isso, vou te dar tudo que puder neste nosso mundinho — Eu me afasto e toco sua bochecha com a palma da mão quente.

CAPÍTULO VINTE

Selena

Já estamos vivendo nossa nova vida há algumas noites e rapidamente ficou claro que precisaríamos de mais dinheiro, mesmo vivendo fora da rede. Muito parecido com o cara que morou nesta cabana antes de nós, Lex tem feito trocos para outros que saíram da rede, mas isso não é suficiente para manter comida em nossa mesa. Lex continua prometendo me ensinar a caçar, e preciso convencê-lo a fazer isso um dia desses.

A presa pode caçar uma presa.

— Coelhinha — Lex diz enquanto entra. A porta de tela bate atrás dele.

Termino de secar o prato na mão e me viro para encará-lo.

— O que?

— Tenho uma ideia, mas não tenho certeza se posso deixar você ir comigo.

— Eu vou aonde você for.

Ele sorri.

— Achei que você diria isso. Vou fazer um pequeno roubo. Ganhar algum dinheiro rápido.

Eu balanço minha cabeça.

— O quê?

— Não se preocupe, coelhinha, já fiz trabalhos como esse enquanto dormia — Ele se aproxima e passa a mão suja na minha bochecha.

— Você acabou na prisão, Lex!

— Eu estava na prisão por assassinato, não por roubo.

— Quem você está pensando em roubar? — Eu pergunto. Precisamos de dinheiro, mas cometer um assalto parece um risco desnecessário. Já cometemos crimes suficientes desde a noite em que conheci Lex. Por outro lado, o que é mais um?

— Há um pequeno posto de gasolina na estrada. Sem câmeras. Nada. Eu sei que eles não terão muito, mas terão mais do que nós.

— Como você planeja fazer isso?

Ele estica a mão, tira a pistola da calça jeans e a balança na frente do meu rosto.

— Facilmente — Seus olhos escurecem — Especialmente com uma pequena diversão quente.

Levanto uma das sobrancelhas e inclino a cabeça com sua declaração.

— Você seria uma isca, coelhinha.

— Eles veriam nossos rostos.

— Saímos do caminhão, vamos a pé e evitamos aquele posto de gasolina a partir de agora. Há muitos outros.

— Parece realmente idiota, Lex.

— Então não vá. Não preciso de isca para fazer o trabalho — Ele enfia a pistola na calça jeans novamente — Voltarei mais tarde.

No momento em que ele se vira para ir embora, sinto um aperto no coração.

— Não, eu vou.

— Qual é o plano? — Pergunto enquanto entramos em uma estrada sem saída a cerca de quatrocentos metros do rústico posto de gasolina.

Lex guarda sua pistola.

— Nós nos separamos à medida que nos aproximamos do prédio. Você atrai o funcionário. Entrarei furtivamente e pegarei o dinheiro da caixa registradora e do cofre, se houver.

Minha boca fica aberta.

— Como diabos vou atrair o cara para longe do caixa?

Os olhos famintos de Lex percorreram meu corpo e minhas bochechas coraram.

— Você vai descobrir. Você é engenhosa, lembra?

Abandonamos a caminhonete e Lex embolsa as chaves. O sol se põe e somos fantasmas caminhando pela estrada escura. Lex passa o braço em volta de mim e me arrasta para dentro, para ficar mais próximo da estrada. Que cavalheiro.

O pequeno posto de gasolina aparece à frente. Um poste alto e preto ilumina a porta da frente. Insetos enxameiam ao seu redor. Há apenas uma bomba de gasolina, com bicos em ambos os lados e espaço suficiente para dois carros ao mesmo tempo. Esta é uma comunidade pequena e local.

As pessoas aqui confiam demais e Lex se aproveitará dessa natureza confiante. Duvido que eles tenham muito mais do que alguns dólares na caixa registradora, muito menos qualquer coisa que valha a pena proteger com câmeras, então pelo menos ele estava certo sobre isso.

Lex me empurra em direção à porta e caminha na minha frente, contornando o prédio. Passo as palmas das mãos suadas na calça jeans e respiro fundo antes de segurar a maçaneta suja da porta. Uma campainha toca no alto quando entro. As prateleiras internas abrigam principalmente itens essenciais e lanches - pasta de dente, enxaguante bucal e desodorante, além de uma variedade de batatas fritas, carne seca e pretzels.

Uma porta se fecha em algum lugar no corredor dos fundos e passos se aproximam. Meu coração dispara e meus olhos pousam na velha mesa com a caixa registradora ainda mais antiga em cima dela. Cigarros alinham-se na parede atrás da caixa registradora, esperando para serem escolhidos sob uma placa desgastada de restrição de idade.

Um homem careca aparece na porta e sorri ao me ver. Ele olha para trás de mim.

— Posso ajudar?

Eu me esforço para pronunciar as palavras que preciso dizer enquanto a culpa me sufoca. Eu me sinto absolutamente péssima por roubar esse homem. Ele não fez nada para merecer uma visita nossa. É aqui que Lex e eu discordamos. Ele não vê as pessoas como seres humanos. Danos colaterais não existem para ele. Não existem inocentes.

— O-oi, sim. — Aponto para a estrada escura — Meu carro ficou sem gasolina na estrada.

— Você veio até aqui sozinha? — Seus olhos me examinam. Há um toque de suspeita em suas palavras, e tento me recompor para Lex.

— Sim, não é longe. Estou me perguntando se poderia comprar um galão de você — Tiro algumas notas do bolso e mostro-lhe o dinheiro.

O homem sai de trás do balcão, seus olhos nunca deixando os meus.

— Você precisa de uma lata? — Ele pergunta enquanto me guia em direção à porta.

Eu concordo.

Eu o sigo para fora e sigo atrás dele até chegarmos ao círculo de luz da lâmpada acima de nós. Não vou voltar para a escuridão com ele. Ele destranca uma porta e não consigo ver nada até que ele a feche e apareça sob a luz. Ele está carregando uma velha lata de gás de metal.

— Deixe-o quando voltar para pegar mais gasolina — diz ele enquanto me entrega e mantém a mão estendida para pegar o dinheiro.

Entrego-lhe quatro dólares, mas vejo de relance a sombra de Lex lá dentro. Preciso manter o homem aqui comigo para sua segurança. Não quero mais mortes em nossas mãos e farei o que puder para evitar que esse roubo se transforme em assassinato. Eu levanto o galão pesado e o futo com a tampa. Quando ele começa a se afastar, aumento os sons de frustração que saem dos meus lábios. Ele finalmente se volta para mim.

— Você precisa de ajuda, senhorita? — Ele pergunta.

Eu sorrio e devolvo para ele. Ele tira a tampa e coloca o bico nela.

— Aí está — ele diz, e se vira para sair mais uma vez.

Lutando contra o pânico, estendo a mão e toco seu braço. Meus cílios tremulam enquanto me inclino contra a bomba.

— Eu *realmente* aprecio sua ajuda, senhor.

Ele olha para os pés, parecendo tímido de repente.

— É isso que fazemos aqui, senhora. Realmente não é nada — Suas palavras me fazem sentir horrível. Este homem provavelmente nunca confiará em outra pessoa necessitada por minha causa.

O medidor passa de um galão e eu me curvo para remover o bico da lata. Tímido ou não, o homem está tão focado em mim que não percebe Lex saindo. Penduro o bico de volta na bomba e sorrio para ele.

— Vou trazer isso de volta — digo enquanto sacudo a lata.

Ele assente e volta para dentro. As luzes se acendem quando ele retorna para os fundos da loja.

Lex e eu voltamos pela estrada. A lata na minha mão e ele sorri de orelha a orelha.

— Você não precisava roubar a lata dele — diz ele.

— Bem, agora é tarde demais.

Chegamos à caminhonete e Lex coloca a lata na caçamba antes de entrar. O gás em minhas mãos cria um cheiro insuportável quando fecho a porta da cabine.

— Então? — Pergunto assim que avançamos um pouco mais na estrada. Estou dividida entre esperar que não haja muito para roubar do pobre rapaz e querer que haja.

— Acho que aquele cara mora lá. Ele estava assistindo pornografia em um quarto com uma cama frágil.

Eu enrolo meu lábio.

— Nojento.

— Aposto que ele nem sabe que foi roubado ainda. Provavelmente ainda estou terminando de apagar um.

Luto contra a pontada de culpa, afastando-a enquanto olho para o bolso de Lex.

— Eu não me importo com o que ele estava fazendo, Lex. O que você comprou?

— Ele tinha muito mais do que eu pensava. Quase não caga na caixa registradora, mas a porra da gordura acumula em sua estação de masturbação.

— Jesus Cristo. — Eu gemo — Você não roubou tudo o que ele possuía, não é?

Um sorriso atravessa seu rosto.

— Claro que não, coelhinha. Eu sabia que isso corroeria aquele seu coraçãozinho. Eu tomei o suficiente, no entanto. Deveria ter levado mais pelo jeito que ele te fodeu com os olhos — ele diz através de um grunhido — Você se saiu tão bem.

Quando Lex não entra na estrada pública, faço um gesto em direção a ela.

— Não vamos voltar ainda. Vamos comer alguma coisa no restaurante. Eu sei que você gosta daquele lugar e adoro que ninguém faça perguntas. Todos ali parecem ter um passado do qual estão fugindo.

A excitação incha minhas entranhas ao pensar em uma refeição saudável. Temos sido tão frugais. Ele ainda não me disse quanto tomou, mas estou muito distraída com a ideia de uma boa comida para perguntar novamente agora.

Entramos na lanchonete e Lex cobre o galão na parte de trás com um cobertor.

— Oh, ei, peguei isso para você — diz ele enquanto enfia a mão no bolso de trás e joga um desodorante em mim.

Meus lábios tremem. Lex cortou a camada superior do desodorante do dono da cabana e tem usado isso. Eu educadamente recusei. Agora tenho o meu próprio para usar. Meu coração tropeça com o gesto pequeno, mas significativo.

Coloco o controle no painel, mas Lex balança a cabeça.

— Nada do posto de gasolina à vista. Coloque-o embaixo do assento.

Faço o que me mandam, e sua atenção aos detalhes me faz perceber por que ele nunca foi pego. Bem, para roubos, pelo menos. Espero que sua inteligência nas ruas passe para mim como o resto dele.

Lex

A garçonete nos reconhece com um breve aceno de cabeça quando entramos. A tinta vermelha descasca do assento do estande escolhido. Selenia vai entrar na minha frente, mas eu agarro seu braço e a puxo para meu lado.

— Ei, vocês dois — diz a garçonete enquanto puxa seu bloco de papel — Menus? — Nós dois balançamos a cabeça — O que posso trazer para você?

— Um cheeseburger — Selenia diz com muito entusiasmo ao pensar em um hambúrguer gorduroso. Ela está quase tremendo com a ideia.

— Faça dois — digo à garçonete, sem a excitação infantil — E dois cafés e águas, por favor.

A garçonete rabisca no bloco e coloca no avental.

— É tarde demais para o café — diz Selenia depois que a garçonete se afasta — Ficaremos acordados a noite toda.

— Esse é o plano. — Eu digo. Não pretendo dormir quando voltarmos. E ela também não.

Olho de volta para a lanchonete vazia. Minha mão sobe até sua garganta e ela choraminga. O som vai direto para o meu pau. Tenho estado duro desde que saímos do posto de gasolina por causa do quão bem ela desempenhou seu

papel. Eu me inclino e a beijo, puxando seu lábio inferior enquanto o mordo. Minha mão se move para sua coxa e ela abre as pernas para mim.

— Abra o zíper do seu jeans para mim, coelhinha — digo sem olhar para ela.

Ela balança a cabeça.

— Aqui não.

— Quero recompensá-la. — Digo, não deixando espaço para outra objeção — Abra o zíper desses jeans e mantenha essas coxas abertas para mim, para que eu possa fazer você gozar antes do jantar ser servido. Quanto mais você esperar, maior será a probabilidade de ela retornar enquanto meus dedos ainda estiverem enterrados em sua boceta.

Ela inspira profundamente, mas seus dedos caem para o jeans. Mergulho minha mão sob o tecido espalhado e encontro sua boceta nua com as pontas dos dedos. Suas bochechas ficam vermelhas no momento em que as passo ao longo de sua fenda molhada. Eu esfrego seu clitóris.

A porta da cozinha se abre e ela agarra meu pulso com a mão. Eu não me movo entre suas pernas. Ela se inclina para frente para bloquear a visão de sua doce bocetinha, e a garçonete sorri enquanto coloca dois cafés e dois copos vermelhos cheios de água.

— Lamentamos que demorou tanto tempo. Tive que preparar uma nova. Suas refeições estarão disponíveis em breve.

— Obrigado — Eu me viro para Selenia — Você não queria pedir creme, querida? — Eu giro meus dedos em torno de seu clitóris. Ela se apoia no punho, a raiva irradiando dela. Para um coelho de exibição, ela com certeza não gosta de ser mostrada — Vá em frente — digo a ela.

— Posso tomar creme? — Ela pergunta com a voz trêmula enquanto mergulho meus dedos dentro dela no meio de seu pedido.

Um sorriso malicioso cruza meus lábios enquanto a garçonete balança a cabeça e pega uma jarra de creme prateada de outra mesa. Ela sai e os olhos de Selenia saltam para os meus. *Vá se foder*, ela murmura.

— Cuidado com a boca, coelhinha, ou vou colocá-la de joelhos debaixo desta mesa. E ver como você quer ser tagarela então.

Ela sabe que eu vou foder com toda a maldade de sua garganta, e sua pélvis se inclina com o pensamento. Ela adora ser usada, mesmo que não queira admitir.

Continuo esfregando-a até que ela agarre minha coxa por baixo da mesa. Tomo um gole casual do meu café e ela se esforça para conter seus gemidos ao meu lado. Ela não está chegando perto o suficiente apenas com o meu toque, em pânico com a ideia de ser pega.

— Eu quero que você venha, coelhinha. Você estava tão *boa* esta noite, tão sexy. Uma coelhinha de isca tão boa. Não conheço um único homem que não se esforçasse para ajudá-la. Tudo o que você precisa fazer é nos dar uma olhada com aqueles olhos grandes e doces. Porra — digo a ela com um grunhido enquanto coloco a caneca de café na mesa. Suas coxas tremem e seus músculos se contraem quanto mais tentam se fechar contra meu toque — Venha para mim. Goze em meus dedos para que eu possa jantar com seu cheiro ainda em mim.

Isso funcionou para ela. Ela agarra os talheres, o metal raspando na mesa enquanto ela luta contra os gemidos e o tremor de seu corpo. Um som baixo escapa dela e me faz doer.

A garçonete retorna à nossa mesa. Selena endireita as costas e se inclina para frente. Eu mantenho minha mão em suas calças. Ela coloca os pratos na nossa frente.

— Deixe-me saber se precisar de mais alguma coisa.

Selena se inclina para trás, mas eu não tiro a mão do calor de sua boceta. Deixei a pulsação de seu clitóris falar com a ponta dos meus dedos antes de finalmente puxar minha mão. Meus dedos estão cobertos por seu gozo, e eu me estremeço ao vê-lo. Levanto meu hambúrguer com as duas mãos e o mordo. Sua boca fica aberta enquanto ela me observa.

— Não me olhe assim, coelha. Eu disse que vou jantar com os dedos cobertos pelo seu gozo. — Eu a incentivo a comer e ela finalmente começa a devorar sua tão esperada refeição. A gordura do hambúrguer se mistura com

a doçura do gozo dela e, depois da última mordida, coloco os dedos na boca e finalmente lambo-a da pele.

Eu fico olhando para ela enquanto ela termina de comer.

Eu amo que ela esteja sentada com seus jeans encharcados agora, sem nada entre ela e o jeans. Parece que ela está gostando daquele hambúrguer tanto quanto gostou dos meus dedos. Eu queria dar a ela essa normalidade esta noite. Ela merece isso. Pedi a ela que fizesse algo muito anormal e ela fez isso sem questionar. Duas coisas, na verdade. Pedi a ela que me ajudasse a cometer um assalto e que gozasse em meus dedos no meio de uma lanchonete, e ela fez as duas coisas.

Como uma boa garota.

A garçonete volta e coloca a conta na mesa. Quando ela sai, retiro a grossa pilha de dinheiro dobrada no bolso e tiro duas notas de vinte dólares. Os olhos de Selenia se arregalaram. Quando somado ao que ganho com trocos, a quantia que tirei é suficiente para nos manter vivos por um tempo. Doeui-me fisicamente deixar parte do dinheiro do homem para trás, mas ela está passando para mim tanto quanto eu estou passando para ela. Eu poderia usar um pouco de sua luz. Algumas de suas emoções.

Tudo dela.



CAPÍTULO VINTE E UM

Selena

Lex ganhou muito mais dinheiro do que eu esperava. Ele quer prover para nós em uma situação que dificilmente permite isso. Ele pode me dar um lugar para morar, uma cama onde eu possa descansar minha cabeça cansada, e ele mesmo pode me dar. Isso é tudo que eu realmente quero, mas também precisamos de *um* pouco mais do que os trocos podem proporcionar. Não estamos tentando ser extravagantes, mas devemos sobreviver longe do mundo que tentará nos separar.

Dirigir de volta do restaurante me deixou em meus sentimentos. Eu amo e odeio que Lex me tire da minha zona de conforto e me faça sentir bem. Porém, não é apenas um desejo altruísta de me fazer gozar; ele quer o controle que eu entrego a ele nos piores momentos e lugares. Ele adora que eu ouça quando tudo dentro de mim diz não.

A chuva começa a bater no para-brisa, então o céu se abre e começa a chover. Isso me lembra da primeira noite em que conheci Lex. Ao contrário de mim, ele está ao volante, apesar da chuva.

Pisco pesadamente enquanto meus olhos tentam se ajustar a uma figura ao lado da estrada. Através do borrão de chuva nas janelas, consigo distinguir um homem com o polegar pálido erguido no ar. Ele manca e isso rasga o coração que deveria ter sido cortado quando Lex me roubou o carro.

- Tem um cara lá atrás — eu digo, apontando para trás de mim.
- E daí?
- Não podemos deixá-lo assim.

Lex balança a cabeça.

— Nós com certeza podemos, coelhinha. Você não aprendeu nada com todo esse empreendimento? Finalmente nos recompusemos para não termos que continuar correndo. Não vou arriscar isso por causa de algum carona.

— Mas você está aqui comigo. Ele não vai fazer nada com você aqui. Você é o maior predador por aqui — Não tenho medo de nenhum outro homem com Lex por perto. Ele sempre me protegerá. Eu empurro meu lábio inferior — Vou me sentir muito mal se o deixarmos lá fora, no meio da tempestade.

— Não me olhe assim. Não gosto de como você é altruísta. Eu adoro que isso tenha me colocado no carro com você, mas seu altruísmo às vezes é suicida.

Ele tem que se lembrar de como era precisar de uma carona.

— Por favor. — Eu imploro. Depois do que aconteceu com o pobre balconista, sinto que preciso fazer as pazes com o universo e melhorar o dia de uma pessoa para justificar o assalto ao posto de gasolina.

— Jesus, porra, Selenia, tudo bem. Mas Deus me ajude, se ele pensar em tocar em você, você vai desejar que eu nunca tivesse parado para pegá-lo. A morte dele estará em suas mãos.

Ele pisa no freio, dá ré no caminhão e dá ré em direção ao homem. A princípio acho que devo tê-lo imaginado, porque ele parece ter desaparecido na escuridão, mas uma batida na janela me assusta e me joga de volta na noite em que conheci Lex. Parece um déjà vu.

Lex abaixa um pouco minha janela e fala por cima de mim.

— Você precisa de ajuda? — Tenho certeza de que o homem sabe o quanto não quer perguntar. Ele não poderia parecer menos acessível mesmo que tentasse.

O homem olha para nós. A chuva gruda seu cabelo escuro na testa. Ele parece jovem, mais próximo da minha idade, e não é tão intimidador quanto Lex.

— Depende. Que tipo de ajuda você está oferecendo?

A chuva entra pela janela quebrada e molha minha calça jeans. Pelo menos meio que esconde o fato de que eu cheguei há pouco e encharquei as calças.

Lex parece irritado com sua resposta evasiva.

— Um passeio ou um lugar para passar a noite.

O homem olha para a estrada escura, sombria e molhada.

— Eu poderia usar um lugar para passar a noite, se não for muito incômodo.

— Entre — Lex diz com um suspiro irritado.

Eu me aproximo, aproximando-me de Lex para que o homem possa entrar. Ele tem o mesmo cheiro que Lex tinha - um aroma pesado e terroso que permanece em você por muito tempo depois de secar.

— Eu sou Jamie — diz o homem. Suas roupas molhadas encharcam as minhas.

— Eu sou Ben e esta é minha esposa — diz Lex.

— Ela tem um nome? — Jamie pergunta.

— Não importa qual seja o nome dela. Ela é minha esposa e isso é tudo que você precisa saber.

Lex está sendo rude. O cara está apenas tentando se apresentar para nós. Ele parece bastante inocente. Sei que Lex é desconfiado e entendo o porquê, mas nada nem ninguém nos separará agora. Estou confiante nisso.

O resto do caminho de volta para a cabana é pesado e silencioso, e luto contra a vontade de perguntar por que ele estava andando pela estrada. Quanto mais tempo ele fica no carro conosco, mais me preocupo por ter feito a escolha errada. Trabalhamos tanto para encontrar um lugar onde não precisássemos mais fugir, e agora estou nos colocando em risco por causa da culpa residual do roubo.

Entramos na estrada utilitária e seguimos pelo caminho sinuoso até a cabana. Saímos do caminhão assim que estacionamos no local onde os pneus afundam na parte familiar do terreno. Lex sai primeiro e abre a porta do passageiro. Seus lábios se curvam firmemente para baixo quando a chuva

começa a encharcar suas roupas. O homem ao meu lado sai da caminhonete e Lex dá um passo para o lado para poder descer.

— Você mora aqui? — Ele pergunta.

— Quanto menos perguntas você fizer, melhor — diz Lex.

Entramos na cabana e o peso continua além da soleira. Enquanto Jamie olha em volta, finalmente consigo dar uma boa olhada nele. Seus olhos são tão escuros quanto seus cabelos rebeldes, que secaram graças ao aquecedor do caminhão. Ele passa a mão pela barba bem cuidada e tira a jaqueta preta. A umidade ainda gruda em sua camisa branca e a mantém contra sua pele.

Lex limpa a garganta para impedir que eu fique olhando. Não estou olhando porque estou atraída por ele – e ele *é* atraente – mas quero saber mais sobre esse homem estranho que está à beira da estrada. Quero saber como a história dele difere da de Lex... e como é a mesma coisa.

Lex

Eu odeio isso. Selenia é boa demais e isso a coloca em situações ruins. Como na noite em que ela me conheceu. Ela é muito confiante. Passei boa parte da minha vida fugindo, pedindo carona de um lugar para outro, mas estava *sempre* fugindo de *alguma coisa* quando segurava o polegar no vento. Poucos optam por caminhar pela estrada e esperar a bondade de estranhos. Isso não quer dizer que todo mundo que faz isso não faz bem. Nem todo mundo é como eu. Mas o risco deste homem ser um pouco como eu é muito alto e é um risco que eu não queria correr. Faço coisas por Selenia que eu mesmo não faria, como voltar para Nova York quando sou procurado lá ou deixar metade do dinheiro durante um assalto.

HITCHED

RIDE OR DIE, 1

— Por que você manca? — Eu pergunto enquanto jogo para ele uma camisa seca.

Jamie pega a camisa e tira a molhada. Os olhos de Selena pousaram nele novamente, observando seus movimentos. Ela não está olhando para ele como se o quisesse. Ela está olhando para ele como se estivesse curiosa sobre ele.

— Militar — diz ele.

Não tenho certeza se acredito nele. Há algo que não é totalmente confiável em seus olhos. Ou talvez eu simplesmente não goste dos olhos de Selena em outro homem — Você pode dormir naquele quarto lá atrás.

Ele dá alguns passos em direção à sala. Limpo a garganta e ele para.

— Eu tenho algumas regras.

— Qualquer coisa, cara. E aí?

— Não toque em nada que não lhe pertença — Eu puxo Selena para mim — Nem deixe ela passar pela sua cabeça. Se você *pensar* nela, eu mato você. Temos um entendimento?

O homem acena com a cabeça e se vira em direção ao quarto. Eu sei que ele está nisso há algum tempo, porque demonstra pouca emoção ao ouvir minha ameaça. Quando alguém ameaça te matar, seu instinto natural é escapar da situação — até mesmo Selena respondeu dessa forma no início — mas ele desgasta esse instinto até que ele fique muito chato para reagir. Ele simplesmente foi para a sala como se eu nunca tivesse dito nada.

A porta se fecha e volto minha atenção para Selena.

— Ele com certeza tem sua atenção — eu digo enquanto me viro para ela e levanto seu queixo.

— Você está com ciúmes, Ben? — Ela pergunta, um sorriso malicioso cruzando seu rosto doce.

Eu não sou ciumento. Eu sou possessivo. Ver os olhos dele nela me dá vontade de entrar lá e matá-lo enquanto ele dorme.

— Cuidado com os olhos, coelhinha. Eu odiaria ver alguém morto, porque você não poderia. — Rosno — Olhos em mim, sempre.

— Meus olhos são apenas para você, Lexington — ela diz com um beicinho.

Eu rosno e a levanto, envolvendo suas pernas em volta de mim. Nossas roupas estão úmidas, mas minha pele esfria depois de esquentar ao ouvi-la dizer meu nome. Ela *não* quer que Lexington saia para brincar com outro homem da casa. Mas ela diz isso de novo, com um gemido enquanto abaixa a cabeça para trás e me dá acesso à sua garganta. Eu a mordo e ando em frente até que suas costas batam na parede. Eu a coloquei no chão para poder abaixar seu jeans. Ela tira os sapatos molhados e chuta as calças para longe. Eu a levanto novamente e a beijo enquanto desço meu jeans e puxo meu pau para fora.

— Eu queria você desde que vi você curvada na frente daquele funcionário. Eu amo como ele queria você. Esse é Lexington saindo para brincar.

O mesmo lado meu que queria ver Selena fodida por seu marido de merda. Lexington a ama, mas não como eu. Não da mesma forma. Não *quero* ver essa merda, mas sei *que* aquele pensamento incômodo no fundo da minha mente vem dele.

Coloco meu pau contra a boceta dela. Ela ainda está coberta de esperma, tão escorregadia e molhada para mim. Puxo meus quadris para trás e empurro dentro dela. Seus braços envolvem meu pescoço enquanto eu empurro profundamente, e o calor de sua boceta recentemente prazerosa me faz gemer. Eu me inclino para ela e a beijo enquanto empurro para cima, esmagando-a contra a parede de madeira. Ela choraminga contra meus lábios. Quando vou morder seu pescoço, meus olhos se deparam com uma sombra na porta escura.

Jamie.

Não consigo ver seus olhos, mas sei que ele está olhando. Como ele não poderia? Em vez de ficar com raiva dele, desconto na boceta dela. Eu olho para a figura sombria e esfrego minha mão na parte de trás de sua coxa, levantando sua perna e agarrando sua bunda. Lexington adora que esteja a olhar para nós, e essa é a sensação vencedora à medida que empurro mais fundo nela,

descontando a frustração na sua boceta. Os porta-retratos na parede acima de sua cabeça balançam com cada grama de força que empurro nela.

A parte boa de mim luta pelo controle. Lexington quer que ele assista, quer que ele venha aqui e enterre o rosto em sua boceta, mas o outro lado de mim recua com o pensamento. Eu disse a ele para não pensar nela, mas como ele poderia pensar em outra coisa ao ver o prazer percorrendo o corpo dela a cada impulso?

— Você é tão *incrível*, coelhinha — eu rosno. Ela vai virar a cabeça, mas eu estendo a mão e mantenho seus olhos em mim. Seu olhar intenso me aproxima muito rapidamente. Não ajuda o fato de eu estar excitado nas últimas duas horas — Eu vou gozar — digo a ela. Lexington não dá a mínima se Selena gozar, mas o creme sedoso de seu orgasmo anterior ainda cobre sua boceta.

Eu saio dela e a coloco de pé. Só quando a coloco no chão é que ela percebe que Jamie está nos observando. Ela pega a calça jeans, com a boca aberta em pânico, mas eu agarro seu braço e a impeço de se cobrir. Seus olhos rolam para os meus e ela olha para mim como fazia na cozinha de sua antiga casa.

— Lex — ela diz, lenta e cautelosa, como a presa que ela é.

— Não fique aí parado. Eu sei que você está assistindo e sei o que você quer — digo a Jamie enquanto dou um passo para trás.

— Ele não...

— Agora, carona. Venha pra cá — Eu levanto minha voz. Pelo olhar de Selena, sei que ela teme o que está prestes a acontecer.

Lexington pedirá a ele para transar com ela? Lex irá matá-lo por olhar o que pertence a ele? Talvez ambos.

Jamie se aproxima, seus olhos passando entre nós. Agarro seu ombro e o viro para Selena, mas ela não olha para ele.

Boa garota.

— Eu lhe disse para não pensar no que me pertence, mas vi você nos observando da porta. Eu sei que você pensou em como seria afundar dentro dela. Não foi?

Ele tenta se virar para mim, sua língua tentando molhar seus lábios secos, mas eu agarro sua camisa e o forço a manter os olhos em Selena.

— Não pare de assistir agora, carona — rosno — Isso é o que você queria ver, então dê uma boa olhada agora.

Minha pele queima de raiva. A raiva incandescente me cega.

Selena olha para mim e seus lábios soltos se contraem. Ela sabe. Ela tenta falar, mas é tarde demais.

Agarro ambos os lados de sua cabeça e estalo seu pescoço. O *estrondoso som* quebra o silêncio da cabana. Sua morte é instantânea.

Ela solta um grito que só ouvi em seus momentos mais intensos de medo. Não é de alguém tentando agredi-la ou matá-la. É por medo de mim e do que fiz.

Bem Lexington, mas para todos os efeitos, fui eu.

— Lex! — Ela grita — Que porra é essa?

Quero ir até ela, mas a raiva e o medo em seus olhos me impedem. É por isso que Selena não está segura comigo. Nem sempre estou no controle.

Lexington faz todas as coisas horríveis com as pessoas.

Respiro fundo, porque sei que estou mentindo para mim mesmo. Eu fiz coisas realmente horríveis como Lex também, mas não com ela.

Mais uma vez, não estou sendo sincero. Eu fiz algumas coisas ruins com ela e não posso culpar o homem que eu costumava ser por essas coisas.

O homem que eu *sou*.

— Coelhinha — eu digo, mas sua respiração em pânico faz minha voz desaparecer. Ela está chorando, com medo até de olhar para o homem que convidou para entrar na caminhonete.

Eu finalmente entro nela e agarro seu cabelo para forçá-la a olhar para ele.

— Este é quem eu sou, Selena. Imprevisível. Perigoso. Se eu fosse a porra de um cachorro, eles me colocariam para dormir. Os tribunais teriam adorado me dar essa sentença, mas eu vivia num estado que não acreditava na pena capital, embora eu a merecesse. Eu ainda mereço isso — Meus olhos escuros perfuraram os dela — O que eu não mereço é você.

— Isso é tudo culpa minha — ela diz entre soluços — Ele morreu por minha causa.

Eu deveria dizer a ela que não é culpa dela. Mas isso é.

— Você está certa, Selena. Mas a culpa é *minha* por deixar você me convencer disso. Eu soube no momento em que ele entrou na caminhonete que ele não sairia vivo da cabine. Recuso-me a arriscar que alguém descubra onde estamos hospedados — Minhas palavras a fazem chorar mais — Mas você não pode deixar de ser quem você é, tanto quanto eu não posso deixar de ser quem eu sou. Sou uma pessoa capaz de punir alguém por sequer pensar no que é meu — Eu balanço minha cabeça. Tiro a chave da caminhonete do bolso de trás e jogo na mesa ao lado dela — Eu vou cuidar disso. Espero que você tenha ido embora quando eu voltar.

— O quê? — Ela gagueja.

Ela tem que ir embora. Tudo o que aconteceu conosco desde que a levei foi por minha causa. As situações em que a *coloquei*. Não posso continuar fazendo isso. Ela não está segura comigo.

Ninguém está.

— Não consigo criar uma vida que seja segura o suficiente para você. Não é possível. *Não podemos* mais brincar de casinha, Selena. Você tem que sair.

— Lex...

— Agora! — Eu estalo, alto o suficiente para assustá-la — Se você não tiver ido embora quando eu voltar, você não vai gostar de como eu me livro de você.

Como um parafuso torcendo meu coração, dói dizer essas coisas para ela, mas se eu tiver que sofrer um pouco para que ela esteja segura, que assim seja.

Já passei por coisas piores.

Agarro os braços do homem e o arrasto para a parte de trás da cabana. Olho para o garoto e me pergunto de onde ele veio e para onde estava indo. Eu gostaria de ter perguntado mais sobre ele. Talvez isso tivesse me impedido de fazer o que fiz. Mas uma grande parte de mim sabe que isso não teria importância. Eu ainda o teria matado, mesmo que seu corpo tivesse uma história de fundo ligada a ele. Agora é apenas um corpo do qual tenho que me livrar porque, em primeiro lugar, o deixei entrar no caminhão.

Porque escutei os apelos de um coelhinho gentil.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

Selena

Nada sobre esta noite deveria ter me surpreendido. Lex é imprevisível. Ele sempre foi imprevisível, mas me surpreendeu quando deixou Jamie nos observar. Não me surpreendeu quando ele caiu em si e o matou. Foi um pêndulo, um momento de prazer antes de um homem ser assassinado.

A porta dos fundos bate e vou até a pia para lavar tudo. Minha vinda, Lex chegou, a culpa. A maneira como nem penso na chave em cima da mesa até me secar e voltar para a calça jeans descartada. Visto as calças e olho para o chaveiro da Ford.

Pego a chave e abotoo meu jeans, lembrando-me do calor do toque de Lex. Eu quero sair. Bem, uma parte de mim quer ir embora. O resto de mim está dividido. Meu instinto deveria ser correr, me afastar dele o mais rápido que posso, mas ando devagar, com hesitação a cada passo.

Meu instinto é monótono.

Ir.

Ficar.

Ir.

Eu discuto dentro da minha mente. Eu reproduzo tudo o que aconteceu. O roubo inicial do carro, Lex quase me vendendo por um pedaço de plástico e Lex ordenando ao meu marido que me fodesse. Mas também me lembro quando Lex matou os homens por colocarem as mãos em mim. Lembro-me de todas as vezes que ele me empurrou para fora da minha zona de conforto e

me fez sentir melhor do que nunca. Estou tão viva desde o momento em que ele entrou no meu carro e me disse para dirigir.

Eu tenho uma decisão a tomar. E eu tenho que fazer isso agora. Agarro a pistola de Lex e agarro a maçaneta da porta.

Lex

Bato no monte de terra com a pá e respiro o ar úmido da noite. Carrego a pá de volta para a cabana e tento refletir sobre tudo. Eu quero que Selena vá embora? Absolutamente não. Eu acho que ela deveria? Sim. Eu costumava pensar que ela não estava a salvo de todos os outros, das outras pessoas que estão prestes a machucar uma mulher como ela, mas essas não são as pessoas que a machucaram.

Fui eu. E outra vez.

Eu a sequestrei. Tentei trocá-la por uma maldita identidade. Ignorei cada não e empurrei-a até que se tornasse um sim. Eu a fiz matar para mim e cometer roubos. Quase a matei em tantas ocasiões enquanto tentava protegê-la dos monstros do mundo... mas eu sou o maior monstro de todos.

Eu preciso que ela vá. Ela precisa escapar e ser um coelho – feliz, feliz e correndo livre. Ela não precisa mais ficar na minha jaula. Ela tem o que precisa para sobreviver agora.

Para escapar dos maiores predadores.

Encosto a pá na varanda dos fundos e entro na cabana escura. Antes mesmo de chegar à sala, vejo que a mesa está vazia. Solto um suspiro de alívio dolorido. Ela finalmente foi embora. Ela abriu sua gaiola e escapou.

A dor do meu alívio vem do quão perdido estou sem ela. Ela é tudo que conheço desde que escapei da prisão. Senti coisas pela primeira vez em muito tempo, talvez até em toda a minha vida. Eu tive felicidade com ela.

Mas não tenho permissão para ficar feliz. Eu não mereço isso.

Embora eu tenha escapado da prisão do meu corpo, não consegui escapar da prisão da minha mente. Isso é uma sentença de prisão perpétua, e nunca me livrarei disso, mesmo que a coisa mais libertadora esteja abaixo de mim. Não há como desligar quem eu sou. Até para ela.

Dou um soco na parede do quarto dos fundos, e depois outro. Um grito animalesco misturado com a frustração que mereço sentir explode na minha garganta. Achei que poderia deixá-la ir. Quando eu disse a ela para me odiar na floresta, para me deixar, uma parte de mim sabia que ela não o faria, mas agora ela se foi e não consigo lidar com isso.

A angústia se transforma em raiva.

Lexington levanta sua cabeça feia, tentando culpar Selena pelo que aconteceu. Não há ninguém para culpar além dele.

Minha.

Só consigo pensar em pegar minha arma. Não sei o que farei quando tiver isso em mãos, mas não quero fazer nada disso sem ela. Não posso.

No momento em que entro pela sala, ouço o som da lâmina da minha pistola. Viro-me em direção ao som e vejo Selena atrás do barril prateado, olhando para mim. Há um suspiro agudo de alívio quando a vejo, mas é de curta duração quando percebo toda a raiva em seu rosto. Seus olhos são duros e estranhos. Seus lábios são uma linha apertada.

— O que é isso, coelhinha? — Pergunto enquanto ela coloca o dedo no gatilho. Essa garota nunca pegou uma arma e não temo que ela atire em mim de boa vontade. Temo que ela *acidentalmente* atire em mim enquanto tenta estufar seu lindo peitozinho.

— Estou farta de como você me trata — ela rosna.

Não é assim que os casais normais discutem. Mas não somos normais.

— Você não vai atirar em mim, coelhinha.

Vou pegar o cano, mas ela aponta para longe de mim e puxa o gatilho. Eu não pulo, mas ela não está acostumada a ouvir tiros e quase morre de medo com o som. Lascas de madeira se soltam do buraco na parede e caem no chão.

— Você não é uma assassina — eu digo com uma risada.

Suas mãos tremem quando ela coloca a arma de volta em mim. Seu dedo treme no gatilho. Essa garota vai atirar na minha cabeça por acidente. Não consigo nem agarrar o cano, porque ela está muito trêmula.

— Por que você está chateada, Selena? Você está brava porque eu matei aquele homem?

— Não! — Ela grita, soprando o cabelo da testa em frustração — Estou farta de você me dizer para ir embora! Estou cansada de me preocupar com a próxima coisa que acontecerá e que fará você me afastar!

Eu gemo.

— Sério? Você está apontando minha arma para mim, porque eu disse para você ir embora? Eu estava apenas lhe dando a liberdade que você merece.

Eu estava disposto a ficar de joelhos com minha arma, porque pensei que ela tivesse ido embora. Eu estaria quase inclinado a implorar quando chegasse lá, se soubesse que isso a faria ficar agora.

Seu dedo envolve o gatilho e seus olhos se estreitam.

— Você ao menos se importa comigo?

Eu? Eu mataria *qualquer um* que a machucasse, inclusive eu. Eu abri meu coração por ela, mesmo que não seja da maneira que ela espera.

Ignoro o risco e a raiva e desvio o cano para cima enquanto entro nela. Decido expor meu ponto fraco e tento explicar por que nem sempre sou eu mesmo.

— Sinto muito pelo que fiz àquele homem. E para você. Há uma batalha dentro de mim para tentar ser bom para você. É toda uma guerra dentro de mim. Não posso vencer todas as batalhas para ser o mocinho com quem você dorme. Nem tenho certeza de qual deles é o meu verdadeiro eu, mas gostaria de pensar que é aquele que nunca colocaria a mão na sua linda cabeça. Mas eu não sei, e é por isso que te afasto. — Com um aperto forte na arma, espero que

ela a deixe cair antes de agarrá-la e colocá-la nas costas. Eu a prendo contra a parede, levantando seus pulsos acima da cabeça. Seu batimento cardíaco bate contra o meu. Fiquei muito irritado quando ela apontou a arma para mim. Isso queimou o sangue em minhas veias. Mas ao mesmo tempo, eu meio que gostei que ela tenha feito isso. Ela provou seu pequeno ponto.

Tiro uma das mãos de seu pulso e deslizo-a por seu corpo, mas ela baixa o olhar e balança a cabeça.

— Não, Lex — ela diz, e suas palavras enfraquecidas cutucam Lexington. Ele adora quando ela é realmente uma presa. Quando ela está fraca. Mas mantenho esse lado sob controle e solto seus pulsos.

Tudo parece tão frágil, como um copo se equilibrando em um alfinete. Forçá-la ainda mais tiraria o delicado equilíbrio do vidro.

Eu me inclino e beijo sua testa, sentindo o gosto salgado de seu suor ansioso.

— Você dorme aqui e eu vou dormir no quarto.

Precisamos fazer isso funcionar. De alguma forma. Dar espaço a ela parece ser a única maneira de fazer isso. Tudo está tão cru que vai nos despedaçar se forcarmos esta noite.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Selena

Acordo na cama sem Lex. A noite passada chegou a um ponto feio para nós dois. Tive a oportunidade de sair e *quase o fiz*. Entrei na caminhonete, lutei com a pistola no colo e resolvi voltar para dentro. Mas minha raiva ainda me atravessava, percorrendo cada célula do meu corpo, e foi por isso que apontei a arma para ele. Eu precisava saber por que ele, às vezes, parecia duas pessoas diferentes. Por que ele estava sempre tão disposto a me afastar? Só ele poderia responder isso para mim.

Saio da cama e seguro minha camisa encharcada de suor longe da pele. Ouço a água correndo lentamente lá fora. O som me chama e quando saio, o ar fumegante me ataca. Fica quente muito cedo aqui. Sigo o som até o chuveiro nos fundos da casa e encontro Lex. Ele se afastou de mim enquanto lava o cabelo sob o chuveiro enferrujado. Tiro minhas roupas e vou atrás dele. Ele não se vira a princípio, seu comportamento é tão frio quanto a água que cai sobre mim.

— Lex? — Eu sussurro. Ele coloca as mãos na parede coberta de sujeira. Estendo a mão ao redor de seu corpo escorregadio e esfrego a mão sobre sua facada em cicatrização.

— Eu estava uma bagunça quando pensei que você tinha ido embora — diz ele. Suas palavras me fazem tremer mais do que a água fria — Eu não queria viver sem você, coelhinha — Ele finalmente se vira para mim. A água escorre de seu nariz e desliza por seus lábios carnudos — Vou parar de te afastar se você tiver certeza de que pode lidar com a metade de mim que *tento* manter longe de você.

Eu me inclino em seu peito largo.

— Talvez você devesse parar de esconder isso de mim. Posso lidar com todos vocês, Lex. Eu não tenho medo de *você*. A pessoa que você se torna quando tenta lutar contra si mesmo é aquela que temo. É esse pêndulo de emoções de partir o pescoço. É ainda mais errático quando você tenta entender essa parte de você. Mesmo que houvesse cem cadáveres ao nosso redor, eu adoraria você. Sim, fiquei chateada quando você matou aquele homem e senti muita culpa, mas não fiquei surpresa. Espero que você mate um homem que pensa em me tocar. Eu sabia que um relógio estava correndo acima de sua cabeça. O que não espero é que você me afaste todas as vezes. Como você me diz, pare de fugir do que você é. Do que você é capaz. — Eu olho para ele, piscando para afastar a água que molha meu cabelo. — Eu aceito todos vocês, Lexington.

— Como, Selena? — Ele me puxa para ele — Como eu mereço você depois de machucar tantas pessoas quanto eu? Depois de todas as vezes que te machuquei? Isso é o que eu não consegui descobrir ontem. Depois de tudo que fiz com você, você ainda *quer* ficar comigo. Alguém como eu não merece alguém tão misericordioso.

Lex

Selena se limpa e sai do banho. Ela odeia a água fria. Fico embaixo dela por mais algum tempo, refletindo sobre tudo o que aconteceu. Eu fico lá até que seja insuportável.

Desligo a água e vou para o sol. Seus poderosos raios aquecem minha pele quase imediatamente. Pego a calça jeans que coloquei e a visto, deixando o sol beijar minha pele um pouco mais antes de voltar para dentro.

Selena está sentada no sofá em frente a um fã, vestida com um short preto e uma camiseta. Gotas de suor na testa. Eu sorrio. Ela não gosta do frio nem do calor. Ela é uma coelhinha exigente. Ela sai da poltrona e pisa em mim. Envolver meus braços em volta dela e esqueço tudo o que aconteceu entre nós ontem à noite. É como se nunca tivéssemos extinguido a vida de alguém.

Selena é louca por querer ficar comigo, mas ela não é estúpida. De todas as coisas que ela é – um pouco mimada, teimosa e malcriada – ela não é burra. Preciso aceitar que ela é louca o suficiente para arriscar a vida para ser minha. Ela entende que eu poderia machucá-la um dia. Tenho que aceitar que ela é minha incondicionalmente, mesmo quando mato um homem por pensar nela.

Eu me inclino e a beijo, sentindo o gosto salgado do suor em seus lábios. Eu acaricio seus mamilos através do material fino de sua camiseta. Ela estremece ao meu toque. Agarro ambos os lados de sua cabeça enquanto a beijo, e não há um pinga de medo nela, mesmo depois de ver o que fiz com nada mais do que essas duas mãos.

Ela geme contra minha boca.

— Oh, coelhinha — eu rosno, entrando mais fundo nela e agarrando sua bunda perfeita. Engancho meus dedos no cós de seu short e puxo-o para baixo. No momento em que exponho sua pele pálida, fico furioso. Estou faminto por ela de uma forma que esta liberdade me permite. A liberdade pela qual trabalhamos tanto. Já faz muito tempo que não me sinto livre de alguma forma, mesmo antes de ser preso.

Eu tiro a blusa dela. Seus seios perfeitos relaxam e se espalham, e minha boca fica com água na boca por eles.

Ela me empurra para baixo na cama. Bem, eu *deixei* ela me empurrar para baixo. Ela sobe no meu colo, montando na minha cintura. Agarro seus quadris e movo sua pele nua ao longo da minha braguilha, deixando-a fazer um rastro de umidade em meu jeans. Ela geme com a fricção.

Suas mãos alcançam meu zíper, e eu adoro como sua fome surge através dos movimentos das pontas dos dedos. Quando conheci Selena, ela não teria colocado a mão em mim assim ou se encarregado de seu prazer. Gosto quando meu coelhinho se torna um predador quando se trata de conseguir o que quer, principalmente quando quer meu pau.

Ela puxa meu pau da minha calça jeans e quando ela se abaixa, sinto o fim dela. Seu limite absoluto. Ela me dá todo o seu corpo, como sempre fez, como se a noite passada nunca tivesse acontecido. Como se eu não tivesse matado um homem e ela não tivesse apontado minha arma para mim.

— Boa menina, coelhinha — gemo enquanto deixo cair a cabeça para trás e me permito sentir o peso dela no meu colo. Eu ouço seus gemidos crescentes. Fizemos amor e desfrutamos do prazer um do outro tão poucas vezes.

Seu corpo brilha de suor enquanto ela me monta. Ela esquece o quanto odeia o calor quando sou eu quem a aquece. Suas mãos caem no meu peito e ela se esfrega no meu colo. Agarro seus mamilos e a faço choramingar enquanto aperto. Puxo seu peito para o meu e a beijo. Ela tem espasmos ao meu redor, apertando a base do meu pau. Eu saio para que ela possa ficar tensa em volta da minha cabeça inchada. Eu gemo e deixo o prazer dela me agradar. Ela é incrível, mesmo quando sua boceta relaxa e se estica ao meu redor.

— Deus, coelhinha — eu rosno — Eu não me canso da sua boceta. Não me canso de você.

— Lexington — ela geme.

Olho para ela e luto contra a frustração quando ela diz meu nome completo novamente. Não quero que ele venha e mude a forma como estou transando com ela. Como ela está me fodendo. Não quero que ele venha e transe com ela de forma egoísta, quando quero que *ela* seja egoísta enquanto persegue o orgasmo.

Há uma escuridão que se arrasta sobre sua expressão, completando a transformação em meu pequeno lobo com meu pau bem dentro dela.

— Você já foi cuspidos? — Ela pergunta, com um sorriso malicioso no rosto enquanto se inclina para frente e balança no meu colo.

Ah, coelha.

— Não é do jeito que você está pensando — eu digo.

— Abra sua boca.

Considero balançar a cabeça e dizer não. Eu não gosto disso. Eu cuspi em seu lindo rosto, em sua boca, em sua boceta perfeita, mas nunca pensei em receber.

Mas farei qualquer coisa por ela, e se ela quiser cuspir na minha boca, deixo.

Coloco minha mão atrás de seu pescoço e arrasto-a em direção à minha boca. Seus lábios estão tão perto dos meus. Abro meus lábios e espero seu movimento. Selena faz beicinho e solta uma saliva lenta e sensual que atinge minha língua.

Porra. Eu não pensei que estivesse gostando disso, mas no momento em que seu cuspe pousa na minha boca e ela se levanta para me montar, estou acabado.

Eu a puxo para baixo e a beijo novamente, com nossa saliva ainda misturada. Agarro seu quadril com uma mão enquanto treino seu movimento até que ela me faz gozar.

— Coelha suja de merda — rosno enquanto gozo dentro dela, enchendo-a tão profundamente quanto posso. Ela não sai de cima de mim, nem mesmo quando meu gozo escorre pelo meu eixo e se acumula na minha pélvis. Seus quadris apenas balançam e cobrem sua boceta.

Eu levanto meu quadril e a deito de costas mais uma vez. Ela me beija. Alguém como ela não deveria deixar alguém como eu dentro dela, muito menos permitir que eu a preenchesse tanto quanto eu. Fiz com que ela tomasse cada gota de mim desde a primeira vez que a fodi.

Eu saio dela, e meu gozo escorre dela, cobrindo cada arco de sua boceta perfeita. Eu afasto suas pernas.

— Mantenha-as abertas para mim — digo a ela. A parte interna das coxas brilha com um creme sedoso — Deus, eu adoro ver meu gozo pingando de você. Uma coelhinha de rosto tão doce que não tem a mínima ideia no que se

meteu. — Passo a mão por sua coxa, limpando sua pele. — Ou talvez você saiba exatamente no que se meteu e simplesmente não se importa.

Eu empurro meu retorno para dentro dela enquanto me inclino e a beijo. Eu a fodo com meus dedos, e o som molhado do nosso gozo é como música para meus ouvidos. Quando mais pinga dela, eu caio entre suas pernas e dou-lhe uma longa lambida para limpá-la. Ela geme e segura meu cabelo enquanto eu enrolo minha língua e pego cada gota.

Sento-me e agarro seu cabelo, puxando-a até que seus lábios se abram contra a pressão. Cuspi em sua boca, fazendo-a pegar o último pedaço de nós — nossa saliva e nosso gozo. Ela geme e engole com uma mordida no lábio inferior.

Ela sempre aceitará tudo que eu der a ela.

— Eu te amo, Lex — ela ofega contra minha boca enquanto enfio meus dedos profundamente dentro dela. Ela solta um gemido e eu persigo suas palavras com as pontas dos dedos. Seu peito sobe para encontrar o meu.

Eu nunca disse te amo para ninguém. Não parece natural. Muito estranho. É um conceito que não consigo entender. Não entendo a palavra ou como ela saiu da boca do marido com tanta facilidade quando ele claramente não a amava. Como isso pode importar tanto e tão pouco de uma pessoa para outra? Eu me afasto de sua boca e as palavras ficam presas na minha garganta. Quero dizer isso a ela — estou cheio desse sentimento por ela — mas não é tão fácil para mim dizê-lo. Tento mostrar a ela como me sinto, mas para uma mulher como Selenia, isso nunca será suficiente. Ela precisa ouvir isso de mim e estou tentando.

Eu engulo em seco. É como se eu estivesse me preparando para falar um novo idioma pela primeira vez diante de uma sala cheia de pessoas. Eu nunca vou entender o quão natural isso é para ela, como isso simplesmente sai da sua língua sem um pinga de hesitação, especialmente depois de tudo que fiz com ela e tudo que ela testemunhou.

Coloco uma mão atrás de seu pescoço e a levanto em direção aos meus lábios. Tiro meus dedos dela e os coloco em sua boca. Ela pega meus dedos revestidos e os engole inteiros. Deus, se isso não é amor, não sei o que é.

— Eu te amo, coelhinha — deixei as palavras rolarem dos meus lábios e pingarem em sua boca.

Se alguém tivesse me dito que a jovem assustada que eu roubei sob a mira de uma arma seria a mulher sexy e forte abaixo de mim que acabou de cuspir na minha maldita boca, eu não teria acreditado. Ela não. Não o doce coelhinho. Agora sei o que ela realmente é e que está exatamente onde precisa estar.

Comigo.



HITCHED
RIDE OR DIE, 1

EPÍLOGO

Selena

Entro no chuveiro, puxando a velha cortina pelo varão de metal enferrujado. Nunca vou me acostumar a tomar banho com água fria lá fora. Não importa o quão fria a água esteja, meu coração está quente, porque Lex entrará para me aquecer.

A cortina se move pelo varão e ele está na minha frente. Já nu, o luar ilumina sua pele nua. Estamos sozinhos, vivendo longe dos limites de nossas antigas vidas há quase um ano. Não importa quanto tempo estejamos longe de tudo, meu coração ainda tropeça no momento em que o vejo.

Ele entra no pequeno chuveiro, me abraçando em seus braços fortes.

— Coelhinha — ele rosna. De alguma forma, ele nunca reage à água fria, sua expressão estoica enquanto as gotas geladas caem sobre ele. Meus pulmões ainda se contraem, encolhendo em meu peito até que minha pele fica dormiente devido às pontas dos dedos gelados da água.

A vida com Lex é tão diferente da vida com meu marido. Meu ex marido. Lençóis dourados tornaram-se faixas baratas de tecido envelhecido que compramos em brechós. Os terninhos chiques viraram camisas de algodão e jeans à venda. Refeições caseiras caras foram substituídas por tudo o que compramos em nossas corridas até o armazém nos arredores do parque, onde o doce e pequeno proprietário nos conhece como Sr. e Sra. Gurgem Hoffe. Em vez de jantar fora em restaurantes luxuosos, visitamos meu restaurante favorito, de onde saio metade do tempo satisfeita com mais do que apenas a comida na barriga.

As mãos de Lex deixam meu corpo e afastam o cabelo do meu rosto. Quando seus olhos caem para os meus, eles escurecem, e minha pele fica áspera por causa de mais do que apenas a água fria. Fico imóvel, como no momento em que um coelho congela e espera que o predador não o veja.

Ele se inclina para mim, aproximando os lábios da minha orelha. A sedução escorre dele como gotas de água acima de nossas cabeças.

— Eu quero perseguir você, doce coelhinha — ele diz, baixo e suavemente.

Eu sei que ele quer. Posso dizer pela maneira como seus músculos ficam tensos na parte superior do corpo. Apesar de suas tentativas desesperadas de congelar, ele avistou o coelho. Ele vai me perseguir até eu ficar coberto de terra, folhas e suor. Ou em nossa vinda.

— Corra — ele rosna, profundo e ameaçador.

Eu sei quem está disposto a jogar e dou as boas-vindas a ele.

Lexington.

Lex

O coelho sai correndo. Quase a perdi ao tentar protegê-la do meu lado mais sombrio, então me forço a parar de segurá-lo. Cedo ao lado desequilibrado que ela ama tanto quanto eu, só que de uma maneira diferente.

Selena não tem medo de Lexington. Mesmo depois de tudo que viu, de tudo que sabe, ela ainda gosta de chamá-lo de joelhos, como se ele não fosse sair para foder sua garganta até ela chorar.

Este meu lado corre pelo meu sangue como veneno. Ele gosta de dizer a ela para correr para que possamos persegui-la. Quem a pegar decide como ela

será fodida. Se Lexington a pegar, ela será dura e cruel. Se eu pegar ela, fazemos amor até ficarmos cobertos de lama, folhas, e gozamos.

Perder o controle sempre foi fácil para mim e ela sabe disso. Há um rastro de um passado sangrento que prova isso. Para mim, manter o controle é muito mais difícil. E eu tento... para ela. Quando eu falho e a fera dentro de mim ruga por ela, ela não me teme, mesmo quando deveria. Ela sempre aceita tudo que eu dou a ela como a boa garota que ela é.

Do jeito que ela sempre fez.

Ela costumava me dizer que eu nunca a tirei do céu para implantá-la no inferno. Ela viveu entre as chamas muito antes de me conhecer. E é verdade. Mas há algo tão inocente nela. Está na maneira como ela ri quando adquirimos o hábito de noites de jogos em vez de roubos ou assassinatos. Ou quando ela me pede para explorar mais seu corpo de maneiras novas e emocionantes. Ela confia em mim cada parte do seu corpo e, o mais importante, do seu coração.

Sempre direi que não mereço isso. Porque eu não mereço. Alguém como eu não merece alguém como ela. Do inferno ou do céu, caída ou não, ela é um anjo. Ela me salvou tanto quanto salvou a si mesma.

Eu sei que a vida que proporciono a ela é tão diferente daquela a que ela está acostumada. Não é chique, mas é livre. Estou livre dos limites da prisão e ela está livre do inferno que uma vez chamou de lar.

Estudos mostraram que os sociopatas lutam para se apegar a qualquer pessoa. E eu realmente nunca fiz isso. Eu nunca *quis*. Até ela. Mas eles também dizem que um sociopata poderia potencialmente formar um vínculo com uma pessoa que pensa da mesma forma. Então, o que isso diz sobre Selena?

Ela superou décadas de comportamento anti-social e homicida. Ela abriu caminho através de minhas camadas que os psicólogos nunca conseguiram. Ela confrontou meu passado e viveu para contar sobre ele. Ela enfrenta meus demônios de frente com os seus, o que me faz ter certeza de que ela é muito mais do que posso começar a entender.

Talvez não haja muito mais para entender.

Talvez ela seja tão perigosa quanto eu, e meu tipo de loucura ame a dela.

E eu não aceitaria de outra maneira.
Eu grito na noite rígida e silenciosa.
— Pronta ou não, coelhinha, aí vou eu!

HITCHED
RIDE OR DIE, 1